Norma Barbosa Novaes

Divergências e Similaridades nas Variedades Brasileira e Européia do Portugues: Um Estudo da Forma Portanto

UNESP
São José do Rio Preto
2001

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

1910001044

unesp

NORMA BARBOSA NOVAES

DIVERGÊNCIAS E SIMILARIDADES NAS VARIEDADES BRASILEIRA E EUROPÉIA DO PORTUGUÊS: UM ESTUDO DA FORMA *PORTANTO*

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Câmpus de São José do Rio Preto, para a obtenção do título de Mestre em Estudos Lingüísticos (Área de Concentração: Análise Lingüística).

Orientadora: Profª Drª Erotilde Goreti Pezatti

São José do Rio Preto

2001

Inst. de Biociências, Letras e Ciências Exatas - UNESP
BIBLIOTECA
S. J. Rio Preto

T. 1044/02

NORMA BARBOSA NOVAES

DIVERGÊNCIAS E SIMILARIDADES NAS VARIEDADES BRASILEIRA E EUROPÉIA DO PORTUGUÊS: UM ESTUDO DA FORMA *PORTANTO*

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Câmpus de São José do Rio Preto, para a obtenção do título de Mestre em Estudos Lingüísticos (Área de Concentração: Análise Lingüística).

Orientadora: Profª Drª Erotilde Goreti Pezatti

São José do Rio Preto

2001

Novaes, Norma Barbosa.
Divergências e similaridades nas variedades brasileira e européia do português: um estudo da forma *portanto* / Norma Barbosa Novaes. – São José do Rio Preto : [s.n.], 2001.
188 f. ; 30 cm.

Orientadora: Erotilde Goreti Pezatti.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas.

1. *Portanto*. 2. Lingüística. 3. Gramática. 4. Análise contrastiva. I. Pezatti, Erotilde Goreti. II. Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. III. Título

CDU – 469.0:41

NORMA BARBOSA NOVAES

DIVERGÊNCIAS E SIMILARIDADES NAS VARIEDADES BRASILEIRA E EUROPÉIA DO PORTUGUÊS: UM ESTUDO DA FORMA *PORTANTO*

COMISSÃO JULGADORA

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE

Presidente e orientador.....Erotilde Goreti Pezatti - UNESP

2º Examinador.....Roberto Gomes Camacho - UNESP

3º Examinador.....Maria Beatriz Nascimento Decat - PUC-MG

São José do Rio Preto, 27 de novembro de 2001

unesp

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 9

CAPÍTULO I A ABORDAGEM FUNCIONALISTA 12

CAPÍTULO II CONSTITUIÇÃO DO CÓRPUS E METODOLOGIA DO TRABALHO 21

CAPÍTULO III FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....28

3.1. A relação conclusiva 28

3.1.1. As abordagens tradicionais e as contemporâneas.....28

3.1.2 A visão funcionalista.....36

3.1.3. A teoria de Dik.....44

CAPÍTULO IV AS CONSTRUÇÕES COM *PORTANTO*.....*54*

4.1. As funções.....54

4.1.1. Conector.....55

4.1.2.Advérbio.....71

4.1.3. Reformulador de termos.....84

4.1.4. Marcador conversacional 91

4. 2. O caráter icônico de *portanto* 100

CAPÍTULO V O USO DA FORMA PORTANTO NAS VARIEDADES BRASILEIRA E EUROPÉIA DO PORTUGUÊS.....117

5.1. Português europeu falado.....117

5.2. Português europeu escrito.....129

5.3. Português brasileiro falado.....137

5.4. Português brasileiro escrito.....145

CAPÍTULO VI DIVERGÊNCIAS E SIMILARIDADES NAS VARIEDADES BRASILEIRA E EUROPÉIA DO PORTUGUÊS.....154

6.1. Conector.....155

6.2. Advérbio.....160

6.3. Reformulador.....165

6.4. Marcador Conversacional.....168

CONCLUSÕES.....174

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....179

DADOS CURRICULARES

NORMA BARBOSA NOVAES

NASCIMENTO	12.10.1971 - Olímpia - SP
FILIAÇÃO	Acedilo Novaes
	Amélia Barbosa Novaes
1993/1996	Curso de Graduação- Licenciatura em Letras - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto - UNESP
1997/1998	Curso de Pós-graduação "Lato Sensu" em Estudos Avançados de Lingüística e Língua Portuguesa e Língua Portuguesa - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto – UNESP
2000/2001	Professora de Lingüística do Curso de Licenciatura em Letras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Bebedouro

AGRADECIMENTOS

A Erotilde Goreti Pezatti, minha orientadora, em quem tenho um modelo de retidão moral e profissionalismo.

A minha irmã, Noeli, meu porto seguro e abrigo certo.

Aos familiares, por serem o que são, sendo sempre comigo todo tempo.

INTRODUÇÃO

A gramática de uma língua é um corpo móvel, sujeita a variações das mais diversas ordens, o que lhe provoca constantes mudanças, aqui consideradas como fruto da atuação do falante ao fazer uso do sistema lingüístico para atender a seus objetivos comunicativo-interacionais. Assim, um dos pressupostos desse trabalho é a possibilidade de ocorrências de transformações em uma língua, o que pode provocar variação no uso de seus instrumentos lingüísticos.

Considerando-se essa pressuposição, a tarefa a que este trabalho se propõe é a de fazer uma comparação do uso do português falado e escrito do Brasil com o de Portugal, especificamente com relação ao uso da forma *portanto,* centrando-se nas questões que revelem em que aspectos essas duas variedades se assemelham ou diferem. O objetivo principal é a identificação e caracterização das zonas de variação entre as realizações européia e brasileira da língua portuguesa, nas modalidades falada e escrita.

Assim, pretende-se estudar os casos em que o elemento tradicionalmente denominado conjunção não está exercendo essa função, mas atuando em outros contextos, talvez menos restritos gramaticalmente, com funções discursivas ou interacionais.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Para tanto, constituíram objeto de estudo, construções em que *portanto* se fez presente, independentemente, num primeiro momento, das funções desempenhadas, as quais, posteriormente, foram tomadas como alvo de investigação ao longo do trabalho.

Um dos pontos de interesse é verificar se realmente essa forma estabelece relação de conclusão entre orações, conforme a gramática tradicional conceitua; além disso, é de interesse ainda estudar quais as funções exercidas por esse juntor nos casos em que a relação não é conclusiva.

Dentre as muitas abordagens de estudo, a adotada para esse trabalho é a perspectiva funcional da linguagem. Segundo essa teoria, a linguagem é um instrumento de interação social; assim o objetivo do enfoque funcionalista é a revelação da instrumentalidade da linguagem em termos de situações sociais.

A partir dessa perspectiva, a lingüística deve incluir dois tipos de regras de natureza social, as que governam a interação verbal como uma fonte de atividade cooperativa, de natureza pragmática, e as que regem expressões lingüísticas estruturadas, que funcionam como instrumento de atividade pragmática, de natureza lingüística propriamente dita - são as regras semânticas, sintáticas e fonológicas. Essa teoria tem sua validade autenticada pelo fato de ter uma concepção de linguagem que considera não

unesp

só o aspecto funcional, que é fundamental, mas também o caráter dinâmico que subjaz ao constante desenvolvimento da linguagem.

O pressuposto básico da teoria funcionalista é o fato de a língua ser usada, como o é, para satisfazer necessidades comunicativas. Sob esse enfoque, o estudo da língua é concomitante ao estudo da situação comunicativa: o propósito do ato de fala, seus participantes, seu contexto discursivo. Desse modo, é uma tentativa de explicar a forma da língua por meio do uso que se faz dela; logo, a explicação para as estruturas lingüísticas deve ser procurada no uso real a que elas se prestam na situação de comunicação.

O trabalho é composto de uma apresentação geral da abordagem funcionalista, que ofereceu o embasamento teórico do estudo, seguida de uma revisão da literatura concernente ao tema, desde a visão proposta pela Gramática Tradicional até a linha funcionalista. Posteriormente, há uma explanação sobre a análise empreendida com relação à atuação de *portanto* nas variedades brasileira e européia do português, para, enfim, proceder-se à comparação almejada.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

CAPÍTULO I

A ABORDAGEM FUNCIONALISTA

Há dois aspectos fundamentais para uma teoria da linguagem: delimitar o objeto de estudo e definir sua natureza. São justamente tais questões que têm sido motivo de debate no campo das atividades científicas, antigamente entre gerativistas e estruturalistas e hoje, entre gerativistas e funcionalistas.

Em uma teoria científica, o recorte que se faz para analisar o objeto nunca é tão neutro, sempre há o ponto de vista do pesquisador influenciando nesse recorte, como afirma, com clareza, Nascimento (1991):

> "Uma afirmação como a de Saussure, segundo a qual o ponto de vista cria o objeto, é hoje um truísmo, e só mesmo um empedernido empirista poderia tentar não aceitar como verdadeira esta afirmação, quando relativa a procedimento científicos minimamente defensáveis. Ela significa que não se estudam fenômenos, mas dados, entendendo-se por fenômeno o que ocorre efetivamente no mundo, e por dado o que é previamente circunscrito e determinado enquanto tal por um certo ponto de vista, vale dizer, por uma determinada assunção teórica e metodológica."

Atualmente, no pensamento lingüístico, há correntes teóricas de linhas diferentes lutando pela primazia do método e do objeto a ser analisado, as quais, na verdade, adotam posicionamentos diferentes frente ao objeto de estudo. Para alguns, essas teorias seriam excludentes entre si, enquanto para outros, elas podem conviver pacificamente. Nesse ponto, vale salientar

o alerta de Camacho (1994, p. 35): tem-se valorizado a questão do método em detrimento da delimitação de seu objeto e da identificação de sua natureza, revelando que nem sempre está havendo uma dedicação "a todas as questões pertinentes ao estudo da linguagem, mas somente às que o ponto de vista adotado permite abordar."

Aqui já se procederá à apresentação do quadro funcionalista, abordagem que oferece o embasamento teórico para o estudo em exposição, com destaque de alguns dos diversos aspectos importantes dessa teoria.

A abordagem funcionalista tem como questão básica a verificação de como se obtém a comunicação com uma língua, isto é, a verificação do modo como os usuários da língua se comunicam eficientemente. As estruturas das expressões lingüísticas são configurações de funções, cada uma com um modo diferente de significação na oração.

Um dos princípios fundamentais pertencentes a essa teoria está centrado na questão das funções da linguagem. Halliday (1978) propõe três funções ou metafunções da linguagem. A ideacional serve para a expressão do conteúdo - falante e ouvinte organizam-se e incorporam na língua sua experiência com relação aos fenômenos do mundo real; a interpessoal, que o falante usa para participar de evento de fala, assumindo seu papel

unesp

comunicativo; a textual, utilizada para criação do texto - o discurso acontece porque o emissor pode produzir um texto e o receptor pode reconhecê-lo.

A gramática, para o funcionalismo, é uma "...teoria geral de organização gramatical de línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global de interação social." (Neves, 1994: 112)

Mackenzie (1992, *apud* Neves, 1994) afirma que a hipótese fundamental da gramática funcional é a existência de uma relação não arbitrária entre a instrumentalidade do uso da língua (o funcional) e a sistematicidade da estrutura da língua (a gramática): explicam-se as regularidades e as circunstâncias em que se dá o uso da língua.

A descrição completa de uma língua precisa incluir referência ao falante, ao ouvinte e a seus papéis e estatuto, dentro da situação de interação determinada socioculturalmente. A gramática funcional considera ainda a competência comunicativa, ou seja, a capacidade que os indivíduos têm não apenas de codificar e decodificar expressões mas também de usar e interpretar essas expressões de uma maneira interacionalmente satisfatória.

Na perspectiva teórica funcionalista, destacam-se Dik (1987 e 1989) e Halliday (1985), dois autores cujos pensamentos fornecem elementos básicos para o estudo em andamento.

Para Halliday (1985), uma gramática funcional é essencialmente uma gramática natural: tudo nela pode ser explicado com referência a como a

unesp

língua é usada. Seus objetivos são os usos da língua, pois dão forma ao sistema. As línguas são usadas em torno de dois significados principais: o ideacional (entender o ambiente) e o interpessoal (influir sobre os outros). Associado a eles está o componente textual. Numa gramática funcional, uma língua é interpretada como um sistema semântico, ou seja, procura explicar de que modo os significados são expressos (as formas de uma língua são os meios para um fim, e não um fim em si mesmas). A relação entre uma gramática e a semântica é de interpretação: os enunciados interpretam ou codificam o significado, e são, por sua vez, interpretados pelo som ou pela escrita. O significado é codificado pelo todo. O objetivo da gramática funcional será, então, revelar, pelo estudo das seqüências lingüísticas, os significados que estão codificados por essas seqüências.

Há três variáveis situacionais de registro associadas aos três componentes metafuncionais do sistema lingüístico: campo do discurso (atividade social implicada) – experiencial; teor do discurso (distância social entre os participantes)- interpessoal; modo do discurso (canal entre os participantes) – textual. As referências à situação e a estrutura social baseiam-se em uma teoria que relaciona linguagem, situação e cultura, sistematicamente.

Para Dik (1989), o funcionalismo distingue o sistema da língua e o uso da língua. Porém, forma e função não são tratados independentemente. A

unesp

expressão lingüística é mediadora da relação entre a intenção do falante e a interpretação do destinatário. Assim, a expressão lingüística é função da intenção do falante, da sua informação pragmática e da antecipação que ele faz da interpretação do ouvinte. A interpretação do ouvinte é função da expressão lingüística, da sua informação pragmática e de sua conjetura sobre a intenção que o falante tenha tido.

No modelo dado por Dik, os itens lexicais de uma língua têm de ser analisados dentro da predicação. Os predicados são semanticamente interpretados como designadores de propriedades ou de relações, e diferentes categorias de predicados se distinguem, de acordo com suas propriedades formais e funcionais.

A linguagem é concebida como o componente da competência comunicativa do homem que o habilita a estabelecer relações comunicativas por meio das expressões lingüísticas. O autor salienta que uma teoria da gramática não deve se contentar em expor as regras da língua como uma finalidade em si, mas explicar essas regras em torno de sua funcionalidade em relação aos modos de uso e aos propósitos desses usos.

Para Dik, as regras pragmáticas regem os padrões de interação verbal em que as expressões lingüísticas são usadas, do mesmo modo que regras semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas determinam a configuração das expressões lingüísticas. Acentue-se aqui que todas as

unesp

regras são determinadas pelo uso, o que significa admitir que a língua é construída na interação.

A noção de função está ligada ao papel que a linguagem desempenha na vida dos indivíduos e não aos papéis que desempenham as classes de palavras ou os sintagmas dentro da estrutura de unidades maiores.

Assim, a análise empreendida a partir da linha em questão "é funcional porque não separa o sistema lingüístico e suas peças das funções que têm de preencher; é dinâmica porque reconhece, na instabilidade da relação entre estrutura e função, a força dinâmica que está por detrás do constante desenvolvimento da linguagem." (Neves, 1994, p.126)

Mediante esse quadro teórico, possibilita-se o exame de algumas razões para se aderir ao estudo funcionalista.

Essa corrente lingüística dá importância ao papel do contexto social na compreensão da natureza das línguas. As regularidades da língua devem ser procuradas no discurso, pois o que se deve considerar numa análise são os fatos reais que estão no domínio da performance. A forma deriva do uso e só pode ser explicada levando-se em consideração a comunicação que, por sua vez, acontece no contexto social.

A título de justificativa do ponto de vista a ser adotado, cite-se o pensamento de Bakhtin (*apud* Camacho, 1994) assim sintetizado:

"1. A linguagem como sistema estável de formas normativamente idênticas é apenas uma abstração científica que não explica adequadamente sua realidade

concreta e que só pode servir a certos fins teóricos e práticos particulares; 2. a linguagem constitui um processo de evolução ininterrupto, que se realiza através da interação verbal social dos interlocutores; 3. as leis de evolução lingüística são essencialmente leis sociais; 4. a criatividade na linguagem não pode ser compreendida independentemente dos conteúdos e valores ideológicos que se ligam a ela; 5. a estrutura da enunciação é puramente social, de modo que o ato de fala individual é uma contradição nos termos."

Pelo exposto, fica claro que a comunicação se realiza no uso efetivo da língua dentro de um contexto, numa situação dialógica entre indivíduos. Assim, uma teoria lingüística deve necessariamente conter uma abordagem que relacione o modelo adotado e a linguagem em uso no contexto social.

É exatamente essa a linha adotada pelo paradigma funcionalista. A linguagem é vista como instrumento de interação social entre seres humanos, com o fim de comunicação.

Para se comprovar a validade da linha funcionalista, note-se a posição de Roulet (1978) sobre a aplicação das pesquisas dessa abordagem lingüística. Segundo o autor, um modelo lingüístico que seja diretamente aplicável ao ensino do idioma pátrio deverá satisfazer o objetivo principal do ensino da língua: capacitar o falante a usar a língua de modo eficaz. Para tanto, terá que possuir as seguintes características: i) levar em conta o contexto lingüístico e a situação extralingüística; ii) considerar todas as funções da linguagem (Jakobson); iii) explicar o sentido literal mas também aqueles usos em que não há correspondência perfeita entre a intenção do

unesp

falantes e o sentido literal da frase; iv) ser um modelo que explique as variações no uso da língua.

Acrescentem-se ainda as afirmações de Lobato (1978) ao considerar as colocações de Halliday (1985): para ela, esse é o modelo que melhor atende aos objetivos do ensino. Ele considera a língua em termos de uso, depreendendo três funções da linguagem: ideacional (conteúdo cognitivo), interpessoal (interação social) e textual, a qual caberá a tarefa de explicar a habilidade dos falantes de produzir seqüências de frases relacionadas adequadamente entre si e de distinguir um texto de um conjunto aleatório de frases. Desse modo, está ultrapassado o nível da frase. Tal proposta é perfeitamente aplicável ao ensino de línguas: o aluno deverá saber usar a língua com um meio de aprender (função ideacional), como um meio de interagir (função interpessoal) e como um meio de construir e interpretar textos (função textual). Esta corrente teórica, segundo a autora, teria sua utilidade no ensino de línguas porque os fatores por ela considerados expressam um ponto de vista do falante e são fatores do discurso. Uma pesquisa sobre esses fatores, sobretudo os ligados à perspectiva funcional da frase e à empatia, pode levar a um resultado, contribuindo, por exemplo, para uma melhoria no ensino aprendizagem de redação e expressão oral.

Ao se ponderar sobre esses aspectos, pode-se considerar a abordagem funcionalista como uma das correntes teóricas que permitem um

estudo adequado do uso que se faz de uma língua, dentro de uma concepção interacional, baseado na busca da relação entre forma e sentido.

CAPÍTULO II

CONSTITUIÇÃO DO CÓRPUS E METODOLOGIA DO TRABALHO

1. Constituição do córpus

O universo de pesquisa selecionado para esse estudo é constituído de uma amostragem de ocorrências obtidas a partir de dois córpus, um do português brasileiro (doravante PB) e outro do português europeu (doravante PE), tendo, em ambos os casos, os subcórpus oral e escrito. No total, são 200 ocorrências assim constituídas: 50 do PB falado e 50 do PB escrito, além de 50 do PE falado e 50 do PEescrito.

O córpus do PB escrito foi constituído a partir de textos de jornais e revistas de reportagens de grande circulação nacional, como *Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, Veja, Cláudia, Pais &Filhos, Mãe e Querida*. O do PB oral foi obtido a partir do córpus mínimo do Projeto de Gramática do Português Falado, constituído de três tipos de inquéritos - Elocuções Formais, Diálogo entre Informantes e Documentador, e ainda Diálogo entre dois Informantes - extraídos do material colhido pelo projeto NURC/Brasil, a partir de entrevistas com informante adultos de cinco capitais brasileiras (Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife e Salvador).

unesp

Já o córpus do PE escrito foi retirado de textos de jornais e revisas de reportagens de grande circulação em Portugal, tais como *O Público, Visão, Quo, Adolescentes e Pais & Filhos*; porém, como não foi possível obter-se o total de ocorrências necessárias nesse material, recorreu-se ao Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa (CLUL), que forneceu ocorrências retiradas do Córpus de Referência do Português Contemporâneo. Dessa mesma fonte, obteve-se também uma parte das ocorrências do córpus do PE oral; as demais ocorrências foram obtidas do córpus do Português Fundamental, formado por entrevistas gravadas e transcritas, muito semelhante ao córpus do NURC, compostas por três tipos de inquéritos (Elocuções Formais, Diálogos entre Informante e Documentador, e Diálogo entre Dois Informantes), fornecido também pelo CLUL ao CEDAE-UNICAMP.

2. Metodologia do trabalho

Para o tratamento estatístico dos dados, optou-se por um procedimento metodológico que oferecesse precisão nos cálculos.

Assim, aplicaram-se, aos dados coletados, alguns programas do pacote computacional VARBRUL, composto por um conjunto de programas computacionais - destinados ao estudo de fenômenos lingüísticos, em

variação- que fornece resultados percentuais e em pesos relativos para uma interpretação quantitativa que auxilia na análise qualitativa. Esse método de análise será ainda explicitado.

Para fins de análise, foram tabuladas as ocorrências que apresentavam o elemento *portanto*, privilegiando-se a forma, para, a partir de então, analisarem-se as funções. Foram levantados alguns grupos de fatores considerados pertinentes para análise da forma *portanto*, explicitados a seguir. As letras indicadas entre parênteses fazem parte da codificação necessária para criação do arquivo de dados e posterior aplicação do pacote VARBRUL.

2.1. Grupos de fatores levantados

Variáveis dependentes (foram levantadas duas variáveis dependentes em diferentes momentos):

1. Função da forma *portanto*: conector (C); advérbio (A); reformulador de constituintes (R); marcador conversacional (M)
2. Variedade/modalidade do português: português brasileiro falado (B); português brasileiro escrito (b); português europeu falado (E); português europeu escrito (e).

Variáveis independentes

1. Posição da forma *portanto* em relação ao elemento introduzido: inicial (i); intercalado (m); final (f); não aplicável - nos casos de marcador conversacional, já que não se introduz nenhum elemento- (-)

2. Fronteira posterior a *portanto*: sujeito (s); complemento verbal (c); complemento nominal (n); verbo (v); adjunto adverbial (a); predicativo (p); pontuação (o); marcador conversacional (m); frase nominal (f); juntor (j); aposto (t).

3. Modalidade da oração introduzida por *portanto*: imperativa (i); declarativa (d); interrogativa (t); negativa (n); optativa (o); modalizada (m); não se aplica - nos casos de reformulador de constituintes e de marcador conversacional(-)

4. Estrutura sintática do elemento posterior a *portanto*: oração simples (s); oração complexa (c); oração reduzida (r); termo (t); frase nominal (f)

5. Tipo de domínio lingüístico[1]: conteúdo (c); epistêmico (e); ato de fala (f); não se aplica - nos casos de marcador conversacional e de reformulador de constituinte- (-)

---

[1] Swetser (1990) propõe a existência de três diferentes domínios de interpretação semântica para análise de combinações oracionais: i) domínio de conteúdo (a relação entre as orações tem como característica o acontecimento de eventos/estados de coisas no mundo real); ii) domínio epistêmico (marca-se uma relação de crença ou conclusão a partir de proposições do próprio produtor do

A partir da análise desses fatores em cada ocorrência, pode-se então iniciar a aplicação do pacote VARBRUL, cujas etapas são as que se seguem. Primeiramente, utiliza-se o editor de textos QUICK EDITOR (QEDIT). Nesse programa, elabora-se uma cadeia de codificação dos dados compostas por códigos previamente traçados que representam, respectivamente, a variável dependente e as independentes. Cria-se então o arquivo de dados. Tem-se assim, uma coluna de dados relativos às ocorrências em análise, como no exemplo C o i s d s e, em que C refere-se à função do elemento (conector); c, à relação estabelecida (conclusão); i, à posição (inicial), e assim sucessivamente, de acordo com cada fator tomado para análise.

Após a criação desse arquivo, por meio do QEDIT ainda, cria-se o arquivo de especificação de fatores, que, junto com o primeiro arquivo, possibilita a entrada para os demais programas da série VARBRUL. Na etapa seguinte, utiliza-se o CHECKTOK, cuja tarefa consiste em averiguar se há erros nas cadeias de codificação digitadas no arquivo de dados. Caso haja problemas, esse programa os aponta para que sejam corrigidos.

A seguir, aplica-se o READTOK, que lê as cadeiras de codificações do arquivo de dados, escreve essas cadeias no arquivo de ocorrências, a ser utilizado pelo MAKECELL. Esse último usa o arquivo de ocorrências e o de condições, que especifica ser o grupo 1 a variável dependente e as demais,

---

enunciado): iii) domínio de atos de fala (o ato de fala constitui uma ação feita sobre um conteúdo

as independentes. Assim, o MAKECELL, de acordo com as especificações do arquivo de condições, conta as ocorrências e calcula as porcentagens de aplicação para cada fator, gerando o arquivo de células, para uso dos demais programas. A partir do MAKECELL, possibilita-se o acesso a vários outros programas do pacote, utilizados para o estudo de fenômenos lingüísticos em variação (IVARB 2000, TVARB, MVARB, CROSSTAB, TSORT, TEXTSORT E COUNTUP).

Para o trabalho em exposição, dentre esses últimos programas, foi pertinente o uso apenas do CROSSTAB, já que o fenômeno lingüístico em estudo não é variável. Esse programa cruza duas variáveis selecionadas pelo pesquisador e fornece o resultado porcentual das ocorrências, juntamente com o nível de significância em termos quantitativos. A partir dos resultados apresentados pelo VARBRUL, cabe ao pesquisador examiná-los e assim proceder a uma análise qualitativa dos dados.

Finalizada a etapa de aplicação desse pacote, procedeu-se ao estudo pormenorizado dos resultados, os quais tiveram a função específica de dar sustentação empírica às afirmações que se fizerem sobre o comportamento da forma *portanto*. Posteriormente, tomaram-se tais dados como correlativos para uma análise mais profunda, que consistiu na verificação das funções desempenhadas por *portanto* nas duas variedades em estudo e, sobretudo,

---

proposicional, tal como informar, perguntar, prometer, autorizar, que está sendo desempenhado.

dos aspectos que as aproximam ou as distanciam com relação ao uso dessa forma.

O percurso seguido para a análise partiu da descrição do contexto estrutural em que *portanto* aparecia, para, em seguida, especificar-se a função exercida por esse elemento lingüístico, passando pela verificação do seu comportamento sintático, semântico e pragmático.

Quanto à análise contrastiva das variedades em questão, seguiram-se as etapas de descrição dos dois modelos e de contraste das variedades, considerando e explicando as semelhanças e diferenças observadas, numa análise explanatória dos dados.

CAPÍTULO III

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 A relação conclusiva

Pretende-se aqui apontar diferentes visões a respeito da relação conclusiva, desde a Gramática Tradicional (o que inclui gramáticas históricas e dicionários) até abordagens mais modernas, como a funcionalista. Serão discutidos os pontos referentes à relação conclusiva e, concomitantemente, à questão da articulação entre orações.

3.1.1. As abordagens tradicionais e as contemporâneas

A gramática tradicional costuma ver a articulação de orações dentro de uma relação de dependência/independência. Desde as gramáticas históricas até as mais modernas gramáticas da Língua Portuguesa, essa relação dicotômica é tomada como princípio de distinção das diferentes maneiras de se articular orações num período. Partindo desse pressuposto, a relação conclusiva encaixar-se-ia no processo de construção de orações

tomadas como independentes entre si, como apresentado na retomada teórica a seguir.

Jerônymo Soares Barbosa (1881), em sua *Gramática Philosóphica da Língua Portuguesa,* remete à conjunção a função de exprimir relações de nexo e ordem entre as orações para que haja um sentido. Haveria conjunções que estabeleceriam relações de nexo (similares), servindo apenas de ligação entre as orações, e as que imprimiriam um caráter de nexo e ordem (dissimilares), servindo de ligação e incluindo a necessidade de ordem simultaneamente.

A grande maioria dos gramáticos, por outro lado, define a conjunção como palavra invariável que une duas orações, pensamentos, idéias, enfim, que estabelece uma relação entre duas orações ou dois termos. No que concerne ao conceito, não há muitas variáveis.

Com relação às conjunções conclusivas, Barbosa (*op. cit.*) as classifica como dissimilares, pois, além de estabelecerem nexo, exigem certa ordem, ligando as proposições pela razão que umas têm como conclusões para outras premissas. A ordem à qual ele se refere é a de que a premissa vem sempre antes da conclusão, como atestado pelo exemplo (1):

(1) "Deus é justo *logo* recompensa a virtude." (Barbosa,1881)

A conjunção *logo,* além de ligar as duas orações, estabelece entre elas uma ordem que gera determinado sentido. Percebe-se assim que aqui está sendo ressaltado o aspecto semântico na construção da oração conclusiva, diferentemente da questão estrutural tratada pela Gramática Tradicional.

Especificamente em relação às conjunções conclusivas, há quase um consenso entre os autores pesquisados: definem-na como uma conjunção que denota uma conclusão. Note-se o exemplo citado por Rocha Lima (1986):

(2) "Teu carro já está velho; **logo,** não pode subir serra." (p. 161)

Como apontado pelo gramático, 'não pode subir a serra' seria tomado como uma conclusão a partir do premissa 'teu carro já está velho', sendo que essa relação entre ambas é estabelecida pela conjunção *logo.*

Rocha Lima (*op.cit.*) é um dos poucos gramáticos que fazem referência à necessidade de ordem na coordenação das conclusivas. Ele faz importante observação em relação a esse aspecto, afirmando que orações no período composto por coordenação devem "...se dispor conforme o sentido e a sucessão lógica dos fatos." (pág. 53). Note-se o exemplo dado por este autor:

unesp

(3) "Queres enriquecer, deves, por conseguinte, economizar."

A inversão na ordem das orações resultaria numa construção semanticamente diferente ou mesmo incoerente:

(3a) *Deves economizar, por conseguinte, queres enriquecer.

Dentre as gramáticas pesquisadas, pode-se apontar um rol de conjunções classificadas como conclusivas: *logo, portanto, por isso, assim, então, e, pois, por conseguinte, de modo que, em vista disso, de maneira que, de sorte que, de forma que, conseqüentemente.*

Detendo-se à questão da articulação obtida por meio das conjunções, os gramáticos distinguem os processos de coordenação e de subordinação. Segundo Cunha (1985, p. 566), a conjunção coordenativa "...liga elementos independentes" enquanto a subordinativa indica que há uma "...dependência de um termo da oração a outro." .Exemplificando-se por esse autor, tem-se:

(4) "Ouvi primeiro e depois falai por derradeiro." (p.565)

(5) "Depois que estiveres estudado, podes trabalhar" (p. 566)

unesp

em que *e* é conjunção coordenativa, pois há independência entre as duas orações articuladas, e *depois que* é subordinativa, já que haveria dependência de uma das orações.

Esta questão da *dependência/independência* de que falam os autores em discussão não é tratada com muita clareza no caso das orações coordenadas. No nível estrutural, as orações realmente se apresentam como independentes; porém, se cada frase for tomada isoladamente, o período perde o sentido do conjunto. Pode-se então afirmar que, semanticamente, as orações apresentam dependência.

Lingüistas modernos assumem posição diferente. Koch & Silva (1986) afirmam que, na coordenação, as orações são estruturalmente independentes, porém o fato de estarem combinadas faz estabelecer entre elas um vínculo semântico que acarreta alterações no sentido de cada frase, se forem apresentadas separadamente. Observe-se um exemplo das autoras:

(6) "Não preenchia as condições necessárias, **portanto** não foi admitida para o cargo." (p. 125)

Nitidamente, há interdependência semântica entre as orações para a construção do sentido que se deseja exprimir. A intenção do interlocutor, quando constrói uma estrutura coordenada, é combinar "em um período,

unesp

duas ou mais orações, no intuito de estabelecer entre elas determinado tipo de relação significativa" (Koch & Silva, 1986, p. 126). Conclui-se assim que, neste tipo de estrutura, as orações não são independentes, pois há entre elas um dependência semântica.

Para poder explicitar melhor este questionamento, as autoras se valem dos estudos de Bally (1944, *apud* Koch & Silva, 1986) acerca deste assunto, observando que este autor cita duas condições necessárias para que um período seja classificado como composto por coordenação:

-"A" deve ser uma oração independente, quer seja ou não seguida de "B".

-"B" deve tomar por tema "A".

Bally, para apresentar o período conhecido como subordinado, usa o termo frases ligadas: "...duas orações estão ligadas num único ato de fala, correspondendo a uma única intenção, de tal modo que a primeira não constitui objeto de um ato de linguagem acabado, independentemente da segunda." (Bally, 1944 *apud* Koch & Silva, 1986, p.131). Eis os exemplos expostos:

(7) "Quando se é rico tem-se muitos amigos."

(8) "Pedro é rico; tem, pois, muitos amigos." (p.132)

No primeiro exemplo, têm-se frases ligadas, pois nenhuma das orações constitui ato de fala independentemente um do outro; porém, o mesmo não ocorre no segundo exemplo, logo, um caso de coordenação.

Mira Mateus *et al* (1986) apresentam um estudo bastante representativo sobre o assunto. Segundo estas autoras, uma das propriedades de um texto é a conectividade: "existe conectividade entre uma ocorrência textual "A" e uma ocorrência textual "B" se as interpretações de "A" e "B" forem semanticamente interdependentes." (1986, p. 135). Observe-se o exemplo citado:

(9) "Se esse animal respira por pulmões, não é peixe."

A interpretação é possível nesta construção porque ambas as frases possuem entre si uma dependência semântica, o que proporcionou a coerência e a coesão textual.

Mira Mateus *et al.* (*op.cit.*) apresentam os processos de seqüencialização que ligam os elementos da superfície textual, portanto, geradores da coesão. Dentre os casos citados pelas autoras, interessa aqui o exame da coesão interfrásica (junção), definido como um processo de seqüencialização que promove a interdependência semântica entre as frases

unesp

de um texto. Num recorte mais específico ainda, toma-se apenas o processo de subordinação, caso que engloba a relação conclusiva.

A subordinação caracteriza um "...tipo de junção que liga proposições cujo conteúdo estabelece entre as frases uma relação hierárquica de dependência semântica." (p.140). As autoras denominam condicionais essas seqüências. Dentre essas condicionais, há as não factuais ou hipotéticas, em que há nexo semântico existente entre o antecedente e o conseqüente, estabelecido da seguinte forma: o antecedente exprime uma condição suficiente para que se verifique o conseqüente. Assim tem-se o processo de seqüencialização formador de orações conclusivas denominado condição-conseqüência, apresentado por Mira Mateus (*op. cit*) de acordo com o esquema: A, *portanto* B.

A condição-conseqüência, um dos casos que estabelece o nexo semântico entre os elementos coordenados (dado por Mira Mateus *et allii*. como nexo de subordinação, do ponto de vista semântico), pode assumir um aspecto de causalidade, expresso pelos seguintes conectores: *e, pois, portanto, por conseguinte, por conseqüência, por isso*. O exemplo (10), apresentado pelas autoras, ilustra esse caso:

(10) " Estava mau tempo e decidimos ficar em casa."

unesp

Nas construções factuais, as proposições devem se verificar no mundo real, em que "A" é condição suficiente para "B" e "B" é uma conseqüência de "A". Observe-se :

(11) "Não choveu em Portugal em 1981, por isso houve seca." (*op. cit* , p. 300)

Pode-se verificar nesse exemplo todas as condições necessárias para que essa frase seja uma condicional conclusiva: A proposição "B" [por isso houve seca] é uma conseqüência da condição proposta em "A" [Não choveu em Portugal em 1981]; "B" pertence ao mundo selecionado por "A" ; "A" e "B" estão ordenadas no tempo numa seqüência lógica, revelando uma relação hierárquica; há dependência semântica entre as proposições para a interpretação do significado (sem "A" não se pode concluir "B").

3.1.2. A visão funcionalista

A abordagem funcionalista apresenta outros pontos de vista a respeito da articulação entre orações.

Halliday (1985) afirma que essa articulação pode ser vista sob o prisma de um sistema de interdependência, no caso a parataxe e a hipotaxe.

unesp

No primeiro caso, há relação entre dois elementos de estatuto igual, um inicial e o outro continuador; já no segundo caso, há relação entre elementos de estatutos diferentes, sendo um modificador do outro, um dependente e um dominante. Para Halliday e Hasan (*apud* Neves, 1985), a conjunção é uma especificação do modo pelo qual o que vai seguir-se está sistematicamente conectado com o que veio antes; advérbios, conjunções coordenativas e preposições seguidas de um item anafórico expressam tais relações.

Hopper e Traugot (1993) apontam três categorias de combinação de orações: i) parataxe (as orações são independentes, cada uma com seu núcleo, apresentando integração mínima entre as orações e com elos explícitos); ii) hipotáxe (as orações são relativamente interdependentes; há um núcleo e várias orações relativamente dependentes desse núcleo, sem haver, porém, relação de encaixamento); iii) subordinação: há um encaixamento de orações, caso em que a margem está totalmente incluída no núcleo.

Contemporaneamente, muitos autores começaram a questionar o conceito de conjunção conclusiva, apresentando argumentos respaldados na própria descrição dos elementos lingüísticos tomados como tal.

Pezatti (1999) faz um estudo específico sobre os conectores conclusivos, objetivando verificar se esses conectores finalizaram o

unesp

processo de gramaticalização[2] na modalidade culta falada do português brasileiro. A autora considera *logo* como a conjunção conclusiva por excelência e assim toma essa forma como prototípica. Após análise minuciosa, Pezatti (*op. cit*) conclui que as formas *portanto, por isso* e *então* ainda não completaram o processo de gramaticalização. A principal alegação é a de que podem se deslocar para várias partes da oração que introduzem (em oposição ao protótipo conclusivo), o que confirma a natureza adverbial que ainda manifestam.

Para justificar sua tese de que essas formas não estão ainda gramaticalizadas, Pezatti aplica testes baseados em alguns fatores que caracterizam a conjunção prototípica *logo*. A autora conclui pontos interessantes a partir dos dados estudados: i) a forma *portanto*, em alguns casos, admite ser introduzida pela conjunção *e*, o que a torna então um advérbio; ii) *então* pode ser antecedido por *e*, não coordena termos, não aceita restritores nem clivagem. iii) *por isso*, em alguns casos, exerce a função de satélite de causa, com valor então circunstancial e não de conjunção; também não é possível ocorrer sempre a alternância com *logo*; além disso, na maior parte das ocorrências dessa forma, há a possibilidade de esse elemento ser antecedido pela conjunção *e;* por fim, "*por isso* não

[2] Segundo Martelotta *et al* (1997), a gramaticalização é um processo em que itens lexicais e construções sintáticas passam a assumir funções gramaticais; no final desse processo, o elemento lingüístico tende a se tornar mais regular e mais previsível.

unesp

completou ainda seu processo de gramaticalização que ainda está em curso mas não na direção de um valor conclusivo, mas na de um valor explicativo, já que é empregado para justificar estados de coisas e atos de fala."(Pezatti,1999, 31).

Neves (1997) também aponta essa oscilação na classificação desses elementos como advérbios ou então como conjunções. Para ela, isso significa um momento de transição pelo qual passam esses itens lingüísticos, uns mais próximos, outros mais distantes da plena gramaticalização. A autora afirma que partículas adverbiais são fontes de elementos coordenativos e os limites entre um papel semântico-discursivo e um papel basicamente relacional são bastante fluidos, tanto que muitas gramáticas arrolam como conjunções determinados elementos que não têm esse estatuto. Observe-se o exemplo da autora:

> (12) "O fim dos cheques ao portador obrigou o produtor a identificar a origem do dinheiro e, **portanto**, pagar imposto." (p. 50)

Peres (1997) também traz uma excelente contribuição para essa discussão, ao afirmar que *portanto*, enquanto operador de conexão, dá origem a textos não frásicos, não se podendo então, contrariamente ao que afirma a gramática tradicional, dizer que essa forma liga duas orações. Assim, fica descartada a possibilidade de ser uma conjunção conclusiva.

unesp

Para provar essa conclusão, Peres procede a uma série de testes aplicados a construções consideradas conclusivas: a possibilidade de ocorrência do segmento conclusivo como complemento de verbo, a aceitação de advérbios de frase, a sujeição ao escopo da negação, o processo de clivagem e o movimento. Em todos esses testes, as conexões conclusivas obtiveram resultado negativo.

Quanto aos dois primeiros testes, fica claro que, em caso negativo, ou seja, na impossibilidade de encaixamento da estrutura resultante da conexão como complemento de um verbo ou de um advérbio de frase, a estrutura encaminhada por *portanto* não pode ser uma frase. Observe-se esse fato em (13) e (13 a) e (13b):

> (13) "Ela preenchia as condições necessárias, *portanto* foi admitida para o cargo."
>
> (13a) João disse [que ela não preenchia as condições necessárias, *portanto* não foi admitida para o cargo.]
>
> (13b) Provavelmente [ela não preenchia as condições necessárias, *portanto* não foi admitida para o cargo.]

No terceiro teste, avalia-se a possibilidade de a estrutura final ser colocada sob o escopo de um operador de negação proposicional. Note-se

unesp

que, ao se usar esse recurso, no caso das relações conclusivas, o operador não nega o período, mas somente a frase em que ocorre, como em (13c):

(13c) Ela não [preenchia as condições necessária], *portanto* foi admitida para o cargo.

Aqui se descarta a interpretação do sentido baseado em inferências do tipo "o cargo não exigia muita habilidade". Pretende-se mostrar que *não* toma como escopo apenas a primeira proposição e não a estrutura conclusiva.

Outro ponto refere-se à questão da clivagem, processo totalmente rejeitado nas construções conclusivas, como atesta (13d):

(13d) * Ela preenchia as condições necessárias, *portanto* é que foi admitida para o cargo.

A mobilidade, último teste de análise, também não é possível nestes casos, o que vem a confirmar mais uma vez a conclusão de Peres, como se verifica em (13e).

(13e) **Portanto* ela foi admitida para o cargo, ela preenchia as condições necessárias.

unesp

Para a caracterização semântica das construções conclusivas, adotam-se aqui as considerações de Lopes *et al.* (mimeo). A autora afirma que *portanto*, como operador conclusivo, tem um significado do tipo instrucional ao indicar que a proposição introduzida deve ser interpretada como conclusão fundamentada num raciocínio inferencial: numa estrutura do tipo p *portanto* q, o conector sinaliza que p é uma premissa e q uma conclusão, sendo p e q entidades epistêmicas que integram o universo cognitivo do falante e operam no domínio do raciocínio. Nesses casos, há um esquema inferencial defectivo em que uma das premissas não está explicitada. Veja-se um exemplo discutido (14) por Lopes (*op. cit*):

> (14) As luzes não estão acesas, *portanto* o João não está em casa. (p. 3)

A premissa elidida seria 'se/quando o João está em casa, as luzes estão acesas'. A própria relação conclusiva induziria à reconstituição da premissa implícita que assume forma de construção condicional, sendo o antedecente a premissa asserida e o conseqüente, a conclusão. Essa premissa implícita deve fazer parte do conhecimento prévio do interlocutor para que se possa perceber a relação conclusiva.

Em outro exemplo da autora isso pode ser também percebido de modo mais claro.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

(15) O João é muçulmano, *portanto* não bebe álcool. (p. 4)

Fica patente que a depreensão da premissa depende do conhecimento de mundo do interlocutor: ao enunciar (15), o locutor pressupõe que o seu ouvinte acredita/conhece a premissa implícita ('se alguém é muçulmano não bebe álcool'); caso não seja tomada como verdade, então poder-se-á iniciar uma discussão em torno da premissa não aceita.

Logo, uma conclusão, para ser tomada como tal, depende também de aspectos ligados à questão pragmática, já que pressupõe conhecimento prévio das intenções do interlocutor.

É importante salientar ainda que, segundo Lopes (*op. cit.*), nas construções conclusivas há uma relação de causa/conseqüência que opera no nível do domínio epistêmico: a conclusão assinalada pelo conector é, na verdade, uma inferência dedutiva legitimada pela articulação de uma premissa implícita com a premissa expressa. Assim, a premissa p constitui uma prova ou evidência, do ponto de vista epistêmico, que legitima a asserção da conclusão q.

unesp

3.1. 3. A teoria de Dik

Dik (1997), também, numa visão funcionalista sobre articulação de contituintes, distingue elementos coordenadores de elementos conectores.

Para ele, a coordenação implica uma construção em que dois ou mais membros funcionalmente equivalentes estão unidos numa mesma estrutura por meio de estratégias de conexão. Tais membros devem pertencer ao mesmo nível estrutural, sem apresentar dependência entre nenhum deles, como no exemplo (16), em que o elemento coordenador está explícito, e no (17), em que está implícito:

(16) John and Peter/

João e Pedro

(17) men, women, children- all ran away in panic (p. 190)

homens, mulheres, crianças – todos corriam em pânico

Os coordenadores podem ter posição variada quando unem três ou mais membros de uma oração, conforme os esquemas dados pelo autor: M1 co M2, M1 co M2 co M3 e M1 M2 co M3 (em que 'M' representa os membros da coordenação e 'co' é o elemento coordenador).

Os termos coordenados devem ter ainda equivalência no nível semântico, sintático e pragmático. Observe-se como, quando tais exigências não são atendidas, criam-se estruturas agramaticais:

(18)**"Jonhn went to the party (Dir) and by car (Manner)."*

John foi à festa e de carro.

(19)"Jonhn(agSubj) and by the man(ag) Kissed the girl."*

João e pelo homem beijou a menina.

(20) *"A: Who did John meet art the estation?*

B: John (Top) met the Boss (Foc) at the station.

**B: John and the Boss met at the station."* (p. 192 e 193)

A: Com quem João se encontrou na estação?

B: John encontrou Boss na estação.

B*: John e o Boss encontraram na estação.

Dik discute a descrição tradicional da coordenação, a qual trata tais casos como se fossem uma redução de estruturas de orações completas, como em (21):

unesp

(21) *"John and Peter left the office"→ John left the office and Peter left of the office."*

John e Peter saíram do escritório. →John saiu do escritório e Peter saiu do escritório.

O autor aponta casos em que esse procedimento fica impossível, como em (22):

(22) *"John and Mary form a nice pair."* (p.194)

John e Mary formam um belo par.

o que o leva a considerar a abordagem reducionista como inadequada e a tomar a "Direct Aproach" como a mais apropriada aos princípios da Gramática Funcional. Segundo essa abordagem, a coordenação não se dá apenas entre constituintes: quando constituintes são multiplicados, tem-se a chamada coordenação simples, quando há constituintes diferentes mas na mesma construção, diz-se que houve a coordenação múltipla; quando aplicada a dois ou mais itens, obtém-se a coordenação simultânea.

Na coordenação simples, têm-se uma relação criada entre duas ou mais orações *(John rent out for a walk and Mary watched television.)*, entre proposições (*John believes that ants lay eggs and that turtles give milk.*),

entre predicações (*The burglar forced Peter to open the safe and to hand over the money.*), entre termos (*I saw John and Mary leave.*), entre predicados (*John opened and closed the window several times.*), entre restritores (*In the shop we say black and white dresses.*), entre operadores (*Could you lend me three or four dollars*?). Na coordenação múltipla, as estruturas oracionais subjacentes são multiplicadas (*John and Bill bought a book and a newspaper*); já na simultânea, dois ou mais termos são multiplicados concomitantemente à multiplicação da frase (*John bought a book and Peter a newspaper.*).

Os conectores, por outro lado, são elementos que dão coerência ao discurso. Para Dik, a coerência pode ser local, estabelecida entre cláusulas, ou global, entre unidades discursivas. Nesses casos, o interlocutor necessariamente deve perceber a interpretação coerente do texto, por meio de sinais ou mesmo por assunções prévias. Outros elementos determinantes da coerência apontados por Dik são os "frames"[3], seqüenciamento icônico, continuidade tópica, focalidade etc.

O autor coloca ainda o fato de o conector, como elemento de coerência, poder ligar duas orações entre si e também a oração que segue a

[3]Os "frames" são conjuntos de conhecimento armazenados na memória, sob um determinado rótulo, sem ordenação nenhuma. Um exemplo seria carnaval, que lembra elementos como confete, samba, desfile etc.

uma unidade discursiva maior que lhe é precedente. Dik aponta um modelo da forma como os conectores apareceriam no discurso:

'Oração (s) precedente (s). Conector, Nova oração.'

O conector liga as orações e também especifica a relação semântico/pragmática entre as duas, como no exemplo:

(23)It was a very difficult examination. Neverthelesss, he passed it with disctinction. (p.440).
Foi um exame muito difícil. Contudo, ele passou com distinção.

Dik afirma ainda a necessária percepção da diferença entre elementos coordenativos e conectores, já que, às vezes, ambos podem ter a mesma forma, porém os primeiros estabelecem relações intra-oracionais e os últimos, intratextuais.

Outro aspecto relacionado à teoria de Dik importante para esse trabalho diz respeito à ordem de constituintes em uma oração. Dik (1989) aponta uma proposta com relação às regras de colocação de um constituinte na estrutura linear de um texto. Tais regras obedecem a certos princípios que fazem uma previsão sobre as possibilidades de colocação de determinadas seqüências de constituintes e a possibilidade de combinações dessas seqüências em diferentes domínios: são os princípios de ordem de constituintes.

unesp

No tocante a estes princípios, previamente há que se fazer algumas ressalvas, conforme aponta Dik (1989): a) regras de colocação são regras de expressão - a ordem de constituintes serve como um dos meios pelos quais relações e funções da estrutura subjacente de sentenças podem ser formalmente expressas; b) regras de colocação não são regras de movimento - tais regras não movem um constituinte de uma posição específica para outra, mas atribuem uma posição para um constituinte que não tem posição ainda, acrescentando um traço de ordem à estrutura não ordenada subjacente; c) a ordem de constituintes não é uma propriedade profunda das línguas - a ordem é, na verdade, uma ferramenta de expressão superficial, que pode ser usada para codificar as relações subjacentes em seqüências de superfície; d) não há ordem livre de palavras nas línguas - não há línguas que não excluam certas seqüências de constituintes em algum nível.

Essa abordagem implica fatos importantes para um estudo da ordem de constituintes, tais como os que seguem: i) o fato de se evitar regras de movimento propõe que constituintes devem ser carregados para suas posições finais uma única vez (assim não serão considerados processos de reordenação, inversão, permuta etc); ii) já que a ordem de constituintes não é uma propriedade profunda das línguas, as estruturas subjacentes de sentenças, em línguas diferentes, não precisam diferir na ordem de

unesp

constituintes, não há razão para ter uma única ordem básica para uma dada língua; iii) também não há uma divisão profunda entre as línguas com modelos de ordem de palavras relativamente fixo ou livre.

De acordo com o autor, os modelos de ordem de constituintes devem ser descritos e explicados em termos de interação, considerando a possibilidade de competição de tais princípios e preferências- é a teoria multifuncional da ordem de constituintes, baseada em alguns pressupostos tais como: a ordem é funcionalmente motivada; dois princípios não definem a mesma preferência de ordem e, assim, nenhuma língua pode se conformar com todos os princípios ao mesmo tempo e no mesmo grau; trocas na força de diferentes princípios podem conduzir a mudanças radicais na ordem de constituintes, que podem aliviar a tensão com relação a um princípio mas criar uma nova tensão com relação a outro, o que acarreta não haver uma solução estável para o problema da ordem de constituintes.

Os domínios em que se percebem essa ordem de constituinte podem ser a frase como um todo, o sintagma nominal e o sintagma adjetival. Para serem ordenados em diferentes domínios, os constituintes são distingüidos em lexicais (núcleos e dependentes) e gramaticais (relatores e operadores). Cada domínio possui um núcleo como constituinte central, que servirá como ponto de orientação para outros constituintes do domínio: no domínio da frase, o núcleo é um verbo, no do sintagma de termo, o primeiro restritor (um

unesp

nome) e, no do sintagma adjetival, um adjetivo. Em cada domínio, a área anterior à cabeça é chamada "prefield" (anteposição) e posterior à cabeça, "posfield" (posposição).

Os constituintes gramaticais dividem-se em relatores e operadores, de acordo como o autor. Os relatores, que aqui nos interessam, servem para ligar dois constituintes e/ou para marcar a função de um constituinte na estrutura subjacente de sentença específica. Esses instrumentos gramaticais podem marcar a relação de coordenação (ligar duas ou mais orações de valor igual, sem formar um constituinte com uma delas), apresentando uma estrutura do tipo [*relatum*] R [*relatum*], ou de dependência (ligar um constituinte dependente a um núcleo), numa estrutura do tipo [dependente [R] ... [núcleo] ... [R] dependente].

Especificamente quanto à ordem de constituintes, Dik descreve princípios gerais e princípios específicos. A idéia é que os gerais são refletidos nos específicos, e os princípios específicos são refletidos nos verdadeiros modelos de ordem de constituintes de línguas individuais. Salienta o autor que não há para nenhum deles validade absoluta, podendo ser encontradas exceções em todos os casos.

Dentre os vários princípios elencados pelo autor, aqui serão apontados apenas aqueles que, de algum modo, determinam a ordem do elemento *portanto* no córpus tomado para análise.

unesp

i) Princípios gerais:

a) ordem icônica: a ordem dos constituintes reflete, iconicamente, o conteúdo semântico de uma expressão em que eles ocorrem, como por exemplo, orações condicionais comumente precedem a oração principal;

b) importância pragmática: constituintes com funcionalidade pragmática especial (Tópico Novo, Tópico Dado, Foco completivo e contrastivo) são, preferencialmente, colocados em posições especiais, incluindo a posição inicial da sentença. Isso implica que constituintes podem ser colocados em outras posições que não sejam as suas básicas por razões pragmáticas.

ii) Princípios específicos

a) Relatores têm suas posições preferidas quando (i) entre seus dois *relatas*; (ii) na periferia de um *relatum* com o qual eles formam um constituinte (se é que o fazem).

b) Há uma posição inicial (P1) da sentença universalmente relevante, usada para propósitos especiais, incluindo a colocação de constituintes com função de Tópico e Foco. Todas as línguas, supostamente, usam a P1 para propósitos especiais, embora não da mesma forma. O modelo geral para o uso de P1 é o seguinte: i) as línguas freqüentemente designam categorias de constituintes que devem ser colocadas na P1; ii) se P1 não é ocupada por algum constituinte-P1, ela deve ser usada para constituintes com função de Tópico (Dado) ou Foco.

unesp

c) na maioria das línguas, há situações nas quais encontramos constituintes ora antes ou depois da seqüência que se esperava, com base nos perfis funcionais.

d) operadores de termo preferem o "prefield".

A partir das contatações relativas às construções conclusivas, e tomando-se como base a abordagem funcionalista, especificamente a teoria de Dik, passa-se então a analisar o uso da forma *portanto* nas variedades brasileira e européia do português e assim estabelecer-se os pontos de similaridades e divergências.

unesp

CAPÍTULO IV

AS CONSTRUÇÕES COM *PORTANTO*

A discussão nesse momento apresenta uma proposta de classificação ainda não empregada na literatura corrente para tratar das funções do elemento lingüístico em foco. As propostas existentes até então são quase unânimes ao classificar essa forma como conjunção conclusiva tão somente.

No entanto, como já observado, alguns estudos mostram que a forma *portanto*, contrariamente ao que diz a Gramática Tradicional, não é uma conjunção, e sim um conector. Além disso, a análise do córpus do PE e do PB revelou a existência de outras funções assumidas por esse elemento.

Desse modo, além da proposta de reclassificação das funções de *portanto*, pretende-se verificar também o caráter icônico das construções em que esse elemento se faz presente, ou seja, em que nível se dá a motivação entre forma e significado na ordenação seqüencial do texto.

4.1. As funções

Como já assinalado anteriormente, este estudo pretende mostrar os usos da forma *portanto* no português do Brasil e no de Portugal. No córpus

analisado, esse elemento foi encontrado com funções de conector conclusivo, advérbio, reformulador de termos e marcador conversacional.

4.1. 1. Conector

Conforme explicitado anteriormente, Dik distingue relator coordenador de conector. Para ele, o coordenador liga dois constituintes, estabelecendo entre eles uma relação de coordenação ou de subordinação, enquanto o conector é um instrumento lingüístico usado para criar coerência no discurso com o papel primário de ligar orações precedentes a uma nova oração e, simultaneamente, especificar a relação semântica e pragmática entre esses elementos articulados. Na verdade, a distinção entre um e outro está no nível de atuação, já que o conector desempenha, no texto, a mesma função que o coordenador, na oração.

A hipótese em discussão é a de que a forma *portanto* é um conector e não um coordenador, visto que, como afirma Peres (1997), esse elemento estabelece ligação entre textos, ou seja, liga orações precedentes à nova oração, estabelecendo uma relação semântica de conclusão, como se pode verificar no exemplo (24):

unesp

(24) O doente é uma fonte de informação fundamental. Se o doente se queixa, há qualquer coisa mesmo que seja imaginário. **Portanto**, é a abertura ao doente e essa capacidade de comunicar que são essenciais.(PE falado- G 0324:98)

Percebe-se nitidamente que a função exercida por esse elemento é a de conector, já que possui as propriedades apontadas por Dik (1997): é elemento que estabelece coerência, ligando as orações "se o doente se queixa, há qualquer coisa mesmo que seja imaginário" à nova oração "é a abertura ao doente e essa capacidade de comunicar que são essenciais ", conforme o esquema: Oração (s) precedente(s). Conector, Nova oração, ao mesmo tempo que especifica a relação semântica pragmática de conclusão.

Portanto, nesse caso, estabelece coerência na medida em que fornece ao interlocutor uma pista de que ele deve entender que a nova oração é uma conclusão a respeito de todo o pronunciamento anterior: o falante faz toda uma explanação sobre o doente como fonte de informação para então conduzir à conclusão de que é essencial valorizar a abertura ao doente e sua capacidade de comunicação.

Confirma-se assim a tese de Lopes (2001): *portanto* introduz uma proposição que deve ser interpretada como conclusão a partir do raciocínio inferencial, sendo que o conector sinaliza haver a premissa e a respectiva conclusão, ambas consideradas entidades epistêmicas (assim, integram o universo cognitivo do falante e operam no nível do raciocínio).

unesp

Como conector, a forma *portanto* contribui para a coerência discursiva, auxiliando na organização tópica. Assim, pretende-se, neste momento, verificar a atuação da forma *portanto* como elemento lingüístico responsável pela organização da informação, atuando na estrutura ideacional do texto[4].

Segundo Dik (1997), a continuidade tópica é um fator que estabelece a coerência de um texto. Para ele, as estratégias usadas para esse fim são: introdução de Tópico Novo no discurso; manutenção do Tópico, uma vez introduzido como Tópico Dado; encerramento de um Subtópico de um Tópico; retomada de um Tópico com um Tópico Retomadoo.

Itens lingüísticos com valor discursivo atuam na organização da informação, na estrutura ideacional do discurso, estabelecendo relações coesivas entre partes do texto, por meio de encaminhamento, retomadas e fechos.

O tópico discursivo é elemento definidor da estrutura de um texto, pois é responsável pela organização discursiva, uma vez que estabelece o fio condutor dessa organização.

Koch (1992) aponta com precisão as propriedades desse organizador textual. Uma delas é a centração, ou seja, a propriedade de concentração em determinado assunto, por meio de referentes explícitos ou inferíveis. A

[4] Para esse trabalho, texto é uma unidade lingüística concreta – perceptível pela visão ou audição - tomada pelo usuário da língua, em situação de interação específica; possui uma unidade de sentido

unesp

centração abrange os traços de concernência (relação de interdependência semântica entre os enunciados - implicativa, associativa, exemplificativa etc), relevância (proeminência desse conjunto) e pontualização (localização do conjunto focal em determinado ponto de uma passagem). Além dessa questão referente mais ao conteúdo do tópico, a organicidade tópica é outra propriedade definidora, que diz respeito a como esse conteúdo é organizado. Ela se manifesta por meio de relações de interdependência em dois planos: o hierárquico (dependência de super-ordenação de sub-ordenação entre tópicos determinados pelo grau de abrangência do assunto) e o seqüencial (articulações intertópicas em termos de adjacência ou interposição na linha discursiva).

A organização do tópico pode ser observada em dois níveis: dentro do próprio tópico – intratópico- ou entre os tópicos – intertópico (Risso:1993, p.43).

No primeiro nível, o elemento discursivo estabelece conexões circunscritas ao âmbito de um tópico específico, o que conduz à organização da sua estrutura interna. Essa posição interna é decorrente da própria função de levar adiante o seu desenvolvimento.

Já numa situação de articulação intertópica, o articulador discursivo tem como função seqüenciar informações, marcando o modo como elas são

---

usada para preencher uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente de sua

apresentadas e desenvolvidas no texto. *Portanto* atua como articulador intertópico quando assume as funções de retomada, encaminhamento e fechamento de tópicos. Nestas situações, toma como base pronunciamento feitos anteriormente para dar progresso às informações subseqüentes, como ilustrado em (25).

> (25) "(...) Mas meu marido não permite que minha filha vá conosco. Existe algum meio de levar a menina mesmo contra a vontade do pai? Entre as normas que regulam a separação e o divórcio [.....]. Ao pai é assegurado o direito de visitas. Quando a mãe cria obstáculos para o pai exercer esse direito, ele pode requerer a revisão da cláusula que regula a guarda dos filhos. Nesse caso, **portanto**, o pai da criança precisa concordar com a viagem." (PB escrito-Car-Clau:07/00:p.60:11-18)

Nessa ocorrência, o locutor responde a uma carta de um leitor. Para isso, o consultor primeiramente faz um apanhado sobre guarda dos filhos e só mais tarde retoma o tópico 'necessidade de concordância do pai'. Assim, pode-se perceber que *portanto* estabelece uma relação intertópica, uma vez que retoma todo um pronunciamento feito anteriormente para então instituir entre eles uma seqüência.

Continuidade e descontinuidade são processos básicos de articulação intertópica, segundo Jubran (1993). A continuidade se caracteriza por uma relação de adjacência entre dois tópicos, com abertura de um tópico

---

extensão. (Koch &Travaglia, 1989)

unesp

seqüente somente quando o anterior foi esgotado. Já a descontinuidade tem como traço uma perturbação da seqüencialidade linear, causada por uma suspensão abrupta e definitiva de um tópico, antes de seu desenvolvimento, ou pela cisão do tópico, separando-o em partes. Vale destacar que, apesar de a descontinuidade perturbar a linearidade do tópico, o falante, tão logo possa, trata de reestabelecer essa linearidade, usando expedientes lingüísticos para organizar o seu texto. Isso pode ser percebido claramente no exemplo (26) abaixo:

> (26) VA- Não, os serviços da Marinha recebem todas as informações do Serviço Metereológico Nacional. Pelo menos era assim, agora não sei se haverá qualquer.... E, assim como também o, a maior parte dos navios estão, pelo menos estavam – eu estou sempre a falar um bocado no passado, não é? Já há catorze ou quinze anos, portanto não sei...
>
> LM – Como está actualmente.
>
> VA- Como está actualmente as coisas, como é que estão actualmente as coisas a correr, o que é que está estipulado entre eles, mas antigamente eu sei os navios faziam as suas observações meteorológicas, aqueles que as tinham, condições para as fazer, depois enviavam essas informações para um posto central que as recolhia, não é? e assim como eles recebiam também; essas informações. **Portanto** o navio estava sempre, podia estar (...) sempre em condições de se, de pre(...), de saber o tempo que ia apanhar. (PE falado- G1204:19)

Nessa ocorrência, encontra-se o caso de uma digressão, conforme denominação de Koch (1993), caso em que o locutor interrompe o fluxo do tópico para refazer sua fala: iria dizer que "os navios estão sempre em

condições de saber o tempo que ia apanhar", mas não quer se comprometer com a certeza do fato e assim corrige seu texto, substituindo "estão" por "estavam". Isso gera a abertura de um outro tópico ("como está atualmente") porém, tão logo considerado como encerrado, o locutor retoma o tópico interrompido, usando o articulador *portanto* para fazê-lo.

Os dados revelam que *portanto*, como conector, atua freqüentemente no processamento da informação e centra-se na tessitura dos tópicos que se lhe são associados. Por vezes, articula porções discursivas de diferentes proporções, como demonstram (27) e (28).

> (27) "...Descobriu-se que aqueles (livros) que deixavam escolas e professores fazer o que bem entendiam mostraram piores resultados do que os programas em que havia muito mais orientação e estrutura (...)
> **Portanto,** fogueira para os livros chatos e mortos."(PB escrito-Mat-Ve:31/05/00:p.22:87)

> (28) "A execução do orçamento precisa ser muito bem vigiada. Fiscalizada. Acompanhada de perto, com total independência em relação ao Poder Executivo. Quem deve fazê-lo? Com lógica cristalina, Baleeiro sustentava que, no nosso presidencialismo capenga, era essencial que o poder de fiscalizar ficasse por conta de quem elaborou o orçamento, e não de quem vai executá-lo. **Portanto**, a fiscalização da execução orçamentária deveria ficar a cargo de um órgão diretamente ligado ao Poder Legislativo." (PB escrito-Mat-ESP:07/08/00:p.2:56-80)

De maneira análoga a *agora* (Risso, 1993), *portanto* é elemento não integrante da estrutura sentencial: mesmo em posição contígua em relação à

unesp

sentença, assume absoluta independência sintática relativamente aos seus componentes. Porém, isso não pode gerar a idéia de que seria um elemento descartável, que se pode suprimir da fala/escrita, pois tal fato traria prejuízos para a compreensão das intenções do produtor dos enunciados. Excluí-lo significaria perder dados importantes sobre a orientação, sobre a administração do tópico, enfim sobre o controle que o falante tem da informação.

Portanto possui ainda um caráter de seqüenciação retroativo-propulsora de informações, responsável pelo estabelecimento de uma ponte entre um enunciado passado e um futuro, servindo o primeiro de base para o que será dito no segundo. É um articulador que gera uma expectativa de que algo será posto no discurso, em continuidade e consonância com algo já dado (conforme aponta Tavares (1991) em estudo relativo a *aí, daí, então* e *e*).

Desse modo, pode-se afirmar que *portanto* atua bidirecionalmente (Marcuschi, 1989, *apud* Risso, 1993): possui uma força que faz o discurso avançar para uma situação nova, canalizando a atenção para aquilo que será dito, porém baseado em pronunciamento anterior, em informações dadas em outro ponto do texto.

Tomando a ocorrência anterior como exemplo, pode-se perceber que *portanto* atua exatamente assim: todas as afirmações feitas anteriormente

unesp

pelo locutor são tidas como base argumentativa para, por meio desse instrumento gramatical, introduzir uma conclusão epistêmica que exigia a retomada do tópico.

Desse modo, observa-se que esse conector não se integra sintaticamente à porção que se lhe segue, mas projeta-se retrospectivamente sobre uma frase ou qualquer outro tipo de porção textual para daí depreender a formulação seguinte. Assim, o escopo de *portanto* pode se dar não apenas sobre o enunciado que lhe é imediatamente anterior, mas sobre a totalidade do evento discursivo, como se pode verificar nitidamente no último exemplo acima discutido.

Conforme exposto, esse conector aparece, na estrutura interna, delimitando tópicos, seja para encaminhá-los, retomá-los ou encerrá-los, demonstrando a consciência e o controle do locutor sobre a organização do seu texto, ou seja, o domínio sobre a estrutura ideacional do seu discurso.

Nos córpus do PE e do PB, *portanto* como conector conclusivo assumiu as funções de encaminhador de tópico, retomador de tópico e fechador de tópico, contribuindo assim para criar a coerência discursiva.

A seguir, discute-se a atuação desse conector.

a) Encaminhador de tópico

A função de *portanto* é, neste caso, dar continuidade ao tópico já iniciado, colaborando para a progressão temática do texto. É uma relação

unesp

local que configura um processo de articulação intertópica, como ilustrado por (29).

> (29) para interagir com os outros, ela tem que aprender regras de conduta, padrões eh de comportamento, neste período etário que eu tenho vindo a falar: que são os dois primeiros anos de vida. há realmente certas aprendizagens que é importante que a criança faça e que tenha a ver com a rotina dela. **Portanto** estas primeiras eh... regras de socialização estão muito ligadas à rotina da criança, à alimentação, ao vestir e ao despir, à higiene eh enfim e o estar com as outras pessoas, o não ter comportamentos agressivos, o não ter, enfim o saber estar com os outros, o saber falar com os outros (PE falado-OP1TX0012L02J990)

Neste excerto, fica nítida a intenção do falante de, após inserir esclarecimentos sobre o tópico "regras de conduta", por meio de *portanto,* encaminhar esse mesmo tópico, propiciando seu desenvolvimento.

O mesmo se observa na ocorrência (30):

> (30) "No livro de 75, associava-se a pobreza paulistana ao caráter fechado do regime militar, que inibia a organização popular por melhorias na qualidade de vida. Veio a abertura e o quadro não se alterou muito. O caso paulistano é, **portanto**, um dos mais dramáticos a atestar que permanece o desafio de demonstrar a efetividade social da democracia." (PB escrito-Ed-FSP:20/06/00:p.2:43-52)

O tópico 'pobreza paulistana' já havia sido introduzido. As informações novas ('vinda da abertura' e 'inalteração do quadro') apenas apresentam o

unesp

cenário mas não interrompem a cadeia tópica, garantindo, assim, a continuidade do tópico.

b) Retomador de tópico

Portanto pode recuperar um assunto interrompido por digressões, unidades parentéticas etc. Nesse caso, essa forma discursiva procura reatar um elo com uma seqüência textual anterior que estava em progresso mas foi suspensa temporariamente. Isso comprova a existência de uma monitoração local do fluxo de informação, da qual o locutor tem consciência.

Essa função de *portanto*, mais uma vez, atua na estrutura ideacional: o conector é utilizado para retomar um tópico que teve sua continuidade interrompida por algum tipo de inserção na linha de uma informação em curso, como na ocorrência (31):

> (31) tons escuros. para fazer o contraste. porque de verão, de inverno, nós temos uma cor, normalmente, mais clara, mais pálida, e devemos usar uns tons claros mas rosados que nos animem porque usamos roupas mais escuras, de inverno, normalmente, e no verão não. no verão usa-se roupas claras, mais leves, **portanto,** podemos usar um tom de pele mais escuro. bem, há produtos muito caros, que normalmente as raparigas novas não podem comprar. isso é só para as senhoras já de mais idade. mas há produtos que as raparigas podem perfeitamente comprar, que não são nada caros. (PE falado-490-08-a00-007-24-f-j-4-8-00)

unesp

Nessa ocorrência, o falante falava sobre o uso de tons mais escuros, quando interrompe para dissertar sobre o contraste que deve existir entre o tom da pele e o das roupas usadas em determinadas épocas do ano. Após isso, reata, por meio da forma *portanto*, a seqüência interrompida, na tentativa de recuperar o item seccionado, repetindo o segmento sintático formulado antes do corte.

No exemplo (32), a função primordial é a de projetar a continuidade do tópico que vinha em curso, mas que foi seccionado pela introdução de uma digressão momentânea. Essa digressão causa uma descontinuidade no tópico, segmentando a estrutura informativa do discurso. Nessa ocorrência, observa-se uma digressão baseada na interação (Dascal e Katriel, 1982, *apud* Jubran, 1996), pois resulta de uma perturbação no contexto comunicativo; assim o falante interrompe o tópico em curso para efetuar uma resposta a uma interferência local. Porém, como o interlocutor tem completo domínio sobre a organização do tópico, procura retomá-lo e o faz usando *portanto*. Assim, busca retornar à explanação anteriormente suspensa.

> (32) "É efectivamente uma profissão liberal que está, por semelhança, afim à, àquela actividade do advogado, não tem necessariamente os conhecimentos de direito que os advogados têm. Muito obrigado, faz favor de fumar eu não utilizo, estejam à vontade. E...E **portanto** a razão de ser fundamental da diferença que há entre os serviços do solicitador e os do advogado, pois é precisamente essa cisão das questões de direito" (PE- falado-1003-23-M05-012-38-M-A-1-4-C-).

Em (25), aqui repetida, apesar de não haver digressão, é usado o recurso de retomada de tópico para finalizar uma argumentação:

> (25) "(...) Mas meu marido não permite que minha filha vá conosco. Existe algum meio de levar a menina mesmo contra a vontade do pai?
> Entre as normas que regulam a separação e o divórcio [.....]. Ao pai é assegurado o direito de visitas. Quando a mãe cria obstáculos para o pai exercer esse direito, ele pode requerer a revisão da cláusula que regula a guarda dos filhos. Nesse caso, **portanto**, o pai da criança precisa concordar com a viagem." (PB escrito-Car-Clau:07/00:p.60:11-18)

Nesse exemplo, a ocorrência pertence ao tipo de texto Carta do Leitor. Para responder à pergunta efetuada pela leitora, o consultor primeiramente faz um apanhado sobre guarda dos filhos e só depois retoma o tópico 'necessidade de concordância do pai', utilizando *portanto* como elemento lingüístico que estabelece esse retorno ao assunto.

c) Fechador de tópico

Nesse tipo de articulação intertópica, uma porção textual é colocada no discurso para marcar o fim de um tópico, podendo indicar idéia de uma conclusão que arremata um ponto de vista. Em (33) tem-se um caso de *portanto,* utilizado com essa finalidade:

unesp

> (33) obriga sempre a um determinado número de pensamento, portanto não, nunca, nunca é cem por cento rotina. não, nunca é uma repetição mesmo cem por cento, na medida em que, embora às vezes estejam a fazer as mesmas determinações, portanto, se o, a substância a analisar é ligeiramente diferente, portanto aparece sempre um problema novo que se tem de resolver. **portanto** cem, cem por cento de rotina nunca, nunca se calha. não. somos para aí dezoito pessoas. não. portanto há, não, pois, e já estava mesmo para entrar quando foi o vinte e cinco de abril, ela já tinha as coisas... enfim, já estava mais ou menos (PE falado- 952-08-a00-022-27-f-a-5-8-b)

O falante já havia afirmado o fato de "nunca ser cem por cento rotina", porém, com a intenção de deixar mais clara sua asserção, introduz fatos para exemplificá-la; por fim, fecha o tópico repetindo o segmento já dito. Nesse caso, o articulador encabeça o fecho geral do discurso, reiterando o ponto de vista do locutor. Na verdade, todos os argumentos já apontavam para esse desfecho; desse modo, a conclusão fica fortemente respaldada no pronunciamento anterior. Assim, *portanto* assume um valor argumentativo, marca o posicionamento do locutor frente ao conteúdo exposto.

Nesses casos, *portanto* é utilizado para encerramento de discurso, com uma clara função de introdutor de uma coda[2]. A coda geralmente indica o fim do discurso, propiciando ao ouvinte/leitor uma sensação de satisfação e completude; tem também a propriedade de fazer a ligação entre o momento do início e fim do discurso e o presente da enunciação, trazendo produtor e leitor de volta ao ponto do início do discurso. É exatamente o que ocorre no

exemplo (27) retomado aqui. Depois de uma longa discussão sobre livros, ensino e escola, o autor, no final do texto, retoma o título *Queimamos os livros?*, respondendo à pergunta nele contida.

> (27) "Em uma avaliação recente dos programas de apoio ao ensino financiado pelo governo federal americano, descobriu-se que aqueles que deixavam escolas e professores fazer o que bem entendiam mostraram piores resultados do que os programas em que havia muito mais orientação e estrutura[...]
> **Portanto,** fogueira para os livros chatos e mortos."(PB-escrito-Mat-Ve:31/05/00:p.22:87-93)

Assim, pode-se concluir que os segmentos tópicos deixam transparecer sua estrutura interna, por meio de marcas no início, meio e fim dos segmentos. Desse modo, o texto fica permeado de marcas de efetivação de estratégias comunicativas do falante, o que facilita a compreensão e, conseqüentemente, garante a interação comunicativa. Tais elementos são provas do processamento discursivo que perfaz a construção e organização de um texto.

O exame dos traços funcionais de *portanto*, enquanto em sua função discursiva, revelou que esse articulador constitui um importante elemento responsável pela tessitura de tópicos, portanto, um organizador de tópicos,

---

[2] Segundo Labov (1987:365), a coda é uma maneira sinalizar o fim de uma narrativa; podem conter observações gerais ou mostrar o resultado de um evento na narrativa.

unesp

na medida em que atua no processamento de informações contidas num texto.

De acordo com os resultados, *portanto* atua como conector ao retomar, encaminhar e fechar tópicos. Os dados reforçaram o fato de o uso de *portanto* estar cada vez mais vinculado ao processo de discursivização, ou seja, esse elemento está abrindo ainda mais o leque de usos e já passa a assumir funções relacionadas ao processamento do discurso.

Esses resultados apontam para o fato de o uso de *portanto* como conector conclusivo, por ser mais sujeito a restrições gramaticais, sofrer também restrições de uso no cotidiano, logo, ser mais usado no texto escrito, o qual, como se sabe, tem um tempo de planejamento mais amplo. Por outro lado, a ocorrência menor no PE levanta a possibilidade de se pensar que o falante dessa variedade já percebeu a dessemantização que essa forma vem sofrendo e assim evita usá-la como conector conclusivo, temendo uma perda da força argumentativa conclusiva que deseja imprimir ao seu discurso.

4.1.2. Advérbio

A análise do córpus revelou um uso da forma *portanto* que não se adequa às propriedades de *portanto* como conector tratadas acima. São ocorrências semelhantes à que se segue:

unesp

(34) AF. E a que acha que se deve esse desinteresse por uma coisa que afinal é tão fundamental...
JR. Por que não tinha sido,
AE. ... como a música.
JR . Porque não era de início. A criança não era de início levada nesse sentido e **portanto** não tinha interesse porque nós até aqui há uns anos, por exemplo, há quatro ou cinco anos.(PE falado-G-0532:61)

Fica nítido nesse caso que *portanto* não pode ser uma conjunção, já que o coordenador *e* desempenha esse papel. Fica também claro que *portanto* pode ser substituído por *por causa disso*, sendo então equivalente a um advérbio de causa.

Bechara (1999) lembra que o papel do advérbio na oração pode se ampliar para além do núcleo (verbo), atuando no conteúdo manifestado no predicado, o que lhe permite um grau de flexibilidade que se estende até os domínios do sujeito. Essa mobilidade lhe dá certa autonomia, o que lhe proporciona uma gama maior de usos, a serviço do intuito comunicativo. Para esse autor, há certos advérbios que aparecem quase sempre no início da oração em que eles ocorrem, o que leva muitos gramáticos a classificá-los como conjunções coordenativas. *Pois, contudo, por conseguinte* em construções como (35) seriam exemplos desses casos.

(35) Ela saiu cedo, **por conseguinte** encontrou facilidade de condução.

Bechara afirma que tais elementos são unidades adverbiais que estabelecem relações inter-oracionais ou intertextuais. O autor toma o exemplo

> (36) Não foram ao mesmo cinema e, **portanto**, não se poderiam encontrar.

para afirmar que cabe ao *e,* como conjunção, reunir as duas orações independentes num mesmo grupo oracional; *portanto* marca tão somente uma relação semântica com o que já foi dito. Caso o *e* fosse retirado, ter-se-ia uma coordenação assindética assinalada por uma pausa (marcada por vírgula ou ponto e vírgula) demarcatória da fronteira entre as duas orações:

> (36a) Não foram ao mesmo cinema; portanto não se poderiam encontrar.

Tais advérbios, por possuírem uma relação mais frouxa com o núcleo verbal, podem aparecer em qualquer posição dentro da oração em que se inserem, como se sugere:

> (36b) Não foram ao mesmo cinema e (*portanto*) não se poderiam (*portanto*) encontrar (*portanto*).

Nessa mesma linha de raciocínio, Carone (1988:58-9) afirma que as conjunções geralmente são originárias de expressões adverbiais. Muitas

expressões como *no entanto, por conseguinte, contudo* etc, deslizaram de adjunto adverbial para conjunção coordenativa; prova disso seria a manutenção de seu valor de origem ligada à questão da mobilidade, característica do advérbio.

Outros marcadores, *como além disso, apesar disso, pelo contrário, desse modo, então, assim* etc. estão situados na faixa de transição, pois atuam como elementos de coesão entre partes de um texto. Tais formas exprimem circunstâncias (natureza adverbial) e atuam no papel de conjunção ao estabelecer coesão (devido ao seu valor anafórico), estando, a caminho da cristalização como elemento conjuntivo.

Retome-se a ocorrência (34) para se discutir esse comportamento de *portanto*.

> (34) AF. E a que acha que se deve esse desinteresse por uma coisa que afinal é tão fundamental...
> JR. Por que não tinha sido,
> AE. ... como a música.
> JR . Porque não era de início. A criança não era de início levada nesse sentido e **portanto** não tinha interesse porque nós até aqui há uns anos, por exemplo, há quatro ou cinco anos.(PE falado-G-0532:61)

Fica claro que nesse caso há uma coordenação entre duas orações: "a criança não era levada nesse sentido" (C1) e "não tinha interesse" (C2) ligadas pela conjunção *e*. A forma *portanto* atuaria semanticamente como

unesp

advérbio de causa, podendo ser parafraseada pela expressão *por causa disso*. Nesse caso, retoma anaforicamente o conteúdo da proposição anterior e o indica como causa da proposição posterior.

Haveria, segundo Carone (1991), um *continuum* entre a remissão anafórica, com valor adverbial, e a plena cristalização de um juntivo, no caso a conjunção. Veja-se como se dá esse processo, por meio dos exemplos dados pela própria autora :

(37) Faz frio; **como** faz frio, não sairemos.

(38) Faz frio**, por causa disso**, não sairemos.

(39) Faz frio, **por isso**, não sairemos.

(40) Faz frio, **portanto,** não sairemos.

Nesses exemplos, a primeira oração (C1) é um termo subordinado dentro da segunda oração (C2); haveria um valor adverbial nos casos de "como faz frio", "por causa disso" e "por isso"; porém, no último caso, *portanto* estaria em fase de transição entre adjunto adverbial e conjunção coordenativa. Contrariamente aos outros casos, *portanto* já teria perdido seu caráter circunstancial e se petrificado como conjunção.

Pezatti (1999), toma como base essa descrição, mas diverge da posição de Carone ao tratar da função de *portanto*. Por meio de testes

comutativos, Pezatti conclui que 89,4% das ocorrências de *portanto* como conector conclusivo no PB podem ser substituídas por *logo* - a conjunção conclusiva tomada como protótipo; porém, 68,4 % dos casos admitem ser introduzidos pela conjunção *e*. Parece, então, que *e* seria a conjunção e *portanto* teria um valor adverbial; logo, não seria uma conjunção. Note-se pelo exemplo:

> (41) então não havendo luz .... não pode haver a refração diferente aí dos raios luminosos e **portanto** não existe a cor... (PB falado-EF-SP-405)

Nesse caso, *e* liga as duas porções textuais; *portanto* aponta um valor anafórico com relação à porção anterior, no nível semântico, mantendo ainda um valor adverbial de causa, o que pode ser verificado ao se trocar essa forma por *desse modo*, citado por Carone (*op. cit*) como marcador que está na faixa de transição entre advérbio e conjunção.

Pezatti (*op. cit.*) aponta ainda, de maneira ilustrativa e precisa, uma faixa de *continuum* que representa o processo de deslizamento de advérbio a conjunção. Para tanto, tomou como fatores de análise os seguintes aspectos: posição fixa no início da segunda oração, possibilidade de coordenar termos; perda da relação anafórica e não aceitação de focalização. Os dados apontados pela autora são apresentados com relação

unesp

às conjunções conclusivas *por isso, então, portanto* e *logo*, por meio do seguinte esquema:

Advérbio----------→ Conjunção

Por isso> *então>* *portanto>* *logo*

Assim, *logo* seria a conjunção prototípica, pois apenas relaciona duas proposições, sem remissão anafórica, imprimindo-lhes valor conclusivo. *Portanto* aproxima-se de *logo* por não aceitar focalização e por coordenar termos, porém mantém ainda o caráter anafórico. Assim, essa forma não teria se gramaticalizado como conjunção, pois teria ainda traços característicos de um advérbio.

Aqui pode-se traçar um paralelo entre esse ponto de vista e a proposta de Dik (1997). Faz-se necessário, para tanto, um recorte explicativo sobre a organização das frases em camadas, segundo o modelo do autor.

A predicação constitui o núcleo da estrutura subjacente da oração. A predicação nuclear é formada pelo predicado (que designa propriedades ou relações) e pelos termos (entidades que preenchem as posições argumentais do predicado); a predicação nuclear é estendida por operadores e satélites de nível 1 e assim origina a predicação central, a que por sua vez, podem ser aplicados operadores satélites de nível 2, formando a predicação estendida. A predicação pode ser construída dentro da proposição, que constitui uma estrutura mais alta e designa um conteúdo proposicional, isto

unesp

é, um fato possível. A proposição, quando revestida de força ilocucionária, constitui a oração.

Nesse estudo, reduzir-se-á o tópico em discussão no momento à conceituação apenas dos satélites. Dik afirma que as extensões da predicação nuclear para a central (nível 1) e desta para a estendida (nível 2) são feitas por operadores, satélites e variáveis de ordem superior. Os operadores são usados para apreender aquelas distinções que têm expressão gramatical; já os satélites são modificações realizadas lexicalmente.

Na tipologia descrita por Dik, *portanto* enquadrar-se-ia na categoria dos satélites, ou seja, um dos elementos por meio do qual a predicação nuclear pode ser estendida. Observe-se a exemplificação dada pelo autor:

(42) *John is very tall* / João é muito alto.

Very constitui um satélite que expandiu a predicação nuclear, enquanto o sufixo *er* e *than* constituem operadores, em (43):

(43) *John is taller than Peter.* / João é mais alto do que Pedro.

unesp

Há dois níveis em que os satélites podem atuar: na predicação central (nível 1) e na predicação estendida (nível 2). Como atuantes no nível 1, representam os meios lexicais por meio dos quais traços tradicionais do Estado de Coisas (EsCo) podem ser especificados como definidos na predicação nuclear. Tome-se como exemplo:

(44) Ana dança freneticamente.

Nesse caso, o advérbio de modo *freneticamente* adiciona um traço à atividade de dançar, e, por ser lexical, é um satélite, que se caracteriza por ser sempre uma adição opcional ao EsCo (assim pode ser retirado da predicação sem que, por isso, tenha que se recorrer ao contexto ou situação).

Existem três tipos de satélites de nível 1: os que indicam participantes adicionais envolvidos no EsCo ou a ele associados (Beneficiários, Companhia), os de especificação do modo ou do meio pelo qual um EsCo é efetuado (Instrumento, Modo, Velocidade, Qualidade) e os de orientação espacial do EsCo: Direção, Fonte e Percurso.

Por outro lado, ao atuar no nível 2, os satélites representam os meios lexicais por meio dos quais o Esco designado pela predicação nuclear pode

unesp

ser localizado com relação a dimensões espaciais, temporais e cognitivas. Dik enumera alguns tipos de satélites, como seguem:

a) Localização: *John met Peter on the platform./* John encontrou Peter na plataforma.

b) Tempo: *John met Peter at five o'clok. /* John encontrou Peter às cinco horas.

c) Circunstância: *Lighting a cigarrrete, John left the building./* Fumando um cigarro, John deixou o prédio. (nesse caso, o satélite toma a forma de predicação encaixada na predicação principal).

c1) Propósito*: John ran to he station in order to catch the train./* John correu para a estação para pegar o trem.

c2) Razão: *John ran to the station because he wanted to cath the train./* John correu para a estação porque ele queria pegar o trem.

c3) Causa*: The car slipped because the street was wet./* O carro derrapou porque a estrada estava molhada.

Ao traçar-se um paralelo entre esses exemplos e a nomenclatura da gramática tradicional, percebe-se que os satélites apontados por Dik correspondem a locuções adverbiais (lugar, tempo) e orações subordinadas adverbiais (proporcionais, consecutivas, finais, causais). Ainda que não citado por Dik, parece que a forma *portanto* atua como satélite de causa. No exemplo (45), o satélite fornece uma causa que determina o fato apontado na predicação nuclear.

(45) Estudei muito, *portanto* farei uma boa prova.

unesp

No córpus tomado para esse estudo, é freqüente a ocorrência de *portanto* como um satélite de causa. Observe-se (46):

(46) todas as atividades ligadas à finança, aos bancos etc, concentram-se na Baixa, a indústria também, e **portanto** nota-se bastante a concentração também dos meios de transporte (PE falado - 572-20-COO-204-20-M-J-5-7-00)

Percebe-se claramente que a conjunção *e* liga as duas proposições, e não a forma *portanto* como se poderia pensar. *Portanto*, nesse caso, exerce o papel de um advérbio de causa (satélite, para Dik), como se comprova na comutação com *por isso*.

(46a) todas as atividades ligadas à finança, aos bancos etc, concentram-se na Baixa, a indústria também, e **por isso** nota-se bastante a concentração também dos meios de transporte

Fato que comprova esse traço adverbial é a mobilidade de *portanto* nesses casos, como em (46b)

(46b) e (**portanto**) nota-se (**portanto)** bastante a concentração (**portanto**) também dos meios de transporte (**portanto**)

Além disso, a comutação com *logo* – conjunção conclusiva prototípica- não é possível em nenhuma das estruturas enunciadas a seguir.

Com essa função, *portanto* apareceu no córpus em dois contextos: no domínio de orações, em co-ocorrência com o coordenador aditivo *e,* no domínio de uma oração subordinada reduzida de gerúndio.

Com relação ao primeiro contexto de atuação desse elemento, em que se tem uma estrutura do tipo [*relatum*] *e* [*portanto, relatum*], fica evidente que essa forma não pode ser considerada uma conjunção, pois não se permitiria a presença de duas conjunções ligando duas proposições entre si, como mostrado em (47):

> (47) "Esse caso ilustra não apenas o emaranhado em que se transformou o sistema judicial brasileiro como também o divórcio crescente entre a prestação jurisdicional e os fatos sociais, econômico e políticos, divórcio que faz a justiça chegar tarde e, **portanto**, falhar."(PB escrito-Ed- ESP:04/08/00:p.3: 35-43)

O primeiro *relatum* [a justiça chegar tarde] é ligado ao segundo [falhar] pela conjunção aditiva *e*; *portanto* atua como advérbio de causa ao apontar anaforicamente que o primeiro *relatum* é a causa do segundo.

O segundo tipo de estrutura no qual *portanto* atua como advérbio está a seguir ilustrado:

> (48) Em resumo, as quinta-alentejanas, na sua quase totalidade, quer sejam acessório da herdade, quer constituam prédio independente, são terrenos de exclusiva exploração hortícula e pomífera, não se assemelhando, **portanto**, às quintas que povoam os campos das outras províncias, as nossas produzem somente hortaliças e frutas; as

> outras abrangem granjeiros agrícolas e pecuários que no Alentejo são próprios das herdades. (PE escrito- LO332P0024X)

Nesses casos, ao introduzir uma oração gerundiva, *portanto* retoma anaforicamente a proposição anterior e, concomitantemente, anuncia que a proposição na qual ele se encontra constituiu uma conseqüência da situação descrita anteriormente. No exemplo, fica clara essa relação: [são terrenos de exclusiva exploração hortícula e pomífera] , por isso [não se assemelham às quintas que povoam outros campos, as quais abrangem agricultura e pecuária]. A mesma descrição pode ser feita em (49):

> (49) então vocês vêem que geralmente...o crescimento das glândulas mamárias...está ligado...realmente à ação hormonal...se::se faz a retirada do testículo e retirando **portanto**...a fonte que/ a elaboradora do testosterona...terá que haver uma ginecomastia (PB falado- EF-SSA-25)

O comportamento de *portanto* como advérbio no córpus analisado pode ser descrito tomando como fatores pertinentes a posição e o tipo de relato no qual se insere.

A posição preferida é sempre o início do segundo *relatum,* conforme o esquema [*relatum*] e [*portanto, relatum*]. Observe-se o exemplo (47), aqui repetido:

(47) "Esse caso ilustra não apenas o emaranhado em que se transformou o sistema judicial brasileiro como também o divórcio crescente entre a prestação jurisdicional e os fatos sociais, econômico e políticos, divórcio que faz a justiça chegar tarde e, **portanto**, falhar."(PB escrito-Ed- ESP:04/08/00:p.3: 35-43)

Como pode ser notado, *portanto* pertence ao segundo *relatum*, atuando como advérbio de causa, o que pode ser comprovado pela possibilidade de sua substituição por *por causa disso*, expressão adverbial que faz referência à proposição anterior.

Estabelecendo-se uma relação com a questão do princípio de ordenação dos constituintes postulado por Dik (1989), observa-se que *portanto* ocupa, nesses casos, a posição P1 reservada para constituintes com função pragmática especial, nesse caso a de Foco. Dessa forma, como aponta Pezatti (2001), o fator determinante da posição ocupada nesse caso é o Princípio de Importância Pragmática, o qual propõe que constituintes com função pragmática especial são colocados em posições especiais, no início da frase geralmente. Essa descrição aplica-se perfeitamente à ocorrência em análise: a intenção do produtor do enunciado é realmente a de destacar a importância da relação semântica por ele criada: é por causa do divórcio entre a prestação jurisdicional e os fatos sociais, econômicos e políticos que a justiça falha. Assim ele enfatiza, por meio de *portanto*, a causa do problema.

Portanto aparece também no domínio de uma oração reduzida de gerúndio, sempre após o verbo, como em (50):

> (50) "...ao contrário do que aponta Saulo Ramos, no 'Painel do Leitor' (20/6) e em uma das reportagens, não há incoerência entre a decisão do governador de não assinar o acordo espúrio da federalização, tal qual proposto pela União, e a habilitação do Besc como credor no caso de Alagoas, por duas razões: porque o Poder Executivo não se confunde com a sociedade de economia mista, credora dos referidos títulos de Alagoas (Besc), que tem autonomia administrativa e financeira, e pelo fato de a operação de federalização, nos termos hoje apresentados pela União, se mostrar vantajosa aos credores, mas ruinosa aos Estados e municípios, demonstrando, **portanto**, não incoerência, mas atuação em homenagem ao interesse público e à moralidade administrativa." (PB escrito-Car-FSP:21/06/00:p.2:26-45)

Nesse caso também se aplica o Princípio da Importância Pragmática: *portanto* é colocado antes do objeto direto, o que lhe dá uma ênfase maior do que a desse complemento verbal, que deveria seguir-se imediatamente após o verbo. Assim, *portanto* tem sua posição marcada como satélite de causa, com um grau de importância maior do que o do próprio objeto.

4.1.3. Reformulador de termos

Uma outra função de *portanto* diz respeito a uma espécie de reformulador de termos, como demonstrado em (52):

unesp

(52) "Eu pesco com dois colegas meus, mais ou menos da mesma idade, que um pesca com iscos vivos, **portanto** a minhoca, no caso, não é, e outro pesca à pluma, ou seja a mosca artificial". (PE falado - 368-20-c03-001-20-m-b-3-2-00)

Portanto, nesse caso, estabelece uma relação de esclarecimento entre o termo 'iscos vivos' e 'a minhoca'. No córpus em estudo, esse elemento atua nesse nível tendo sempre a função de reformular algo que o falante julga ser necessário especificar, exemplificar, esclarecer etc.

Hilgert (1996:132) considera esse tipo de expediente lingüístico uma paráfrase, ou seja, um enunciado lingüístico que reformula um enunciado anterior, com o qual mantém uma relação de equivalência semântica, em maior ou menor grau. Segundo o autor, a passagem da matriz (enunciado anterior) para a paráfrase pode se manifestar por meio de dois tipos de movimentos básicos: - a especificação, em que a abrangência semântica da matriz é maior que a da paráfrase e o movimento semântico da primeira para a segunda vai do geral para o específico; assim, o enunciado reformulado atualiza um ou mais traços semânticos inerentes ao enunciado anterior; - a generalização, caso em que, contrariamente ao anterior, a abrangência semântica da matriz é menor do que a da paráfrase; logo, o movimento semântico parte do específico para o geral.

unesp

Em alguns casos, é possível perceber a intenção de simplesmente parafrasear termos que o locutor considera menos específico para o interlocutor, como ilustrado em (52), aqui repetida. Nesta ocorrência, há uma paráfrase especificadora: o termo "minhocas", mais específico, reformula "iscos vivos", mais geral.

> (52) "Eu pesco com dois colegas meus, mais ou menos da mesma idade, que um pesca com iscos vivos, **portanto** a minhoca, no caso, não é, e outro pesca à pluma, ou seja a mosca artificial". (PE falado - 368-20-c03-001-20-m-b-3-2-00)

Koch *et al* (1990: 167) apontam um caráter de metalinguagem discursiva nesses casos: "...implícita ou explicitamente, a reelaboração conduz o fragmento parafraseador em direção ao parafraseado, ativando operações semelhantes às de sentenças equacionais:

> X significa Y
>
> X, em outras palavras , Y
>
> X e Y significam a mesma coisa."

Essa função pode ser percebida claramente em (55):

> (55) então o tecido subcutâneo...abaixo da pele **portanto**...nós vamos encontrar os elementos vasculares de:.../ hormônios responsáveis pela...vasc/...irrigação...e pela inervação da glândula (PB falado-EF-SSA-49:68)

Nessa ocorrência, "tecido subcutâneo" é equivalente a "abaixo da pele", caso em que o locutor objetiva evitar que haja desconhecimento do léxico utilizado.

Também em (53) essa função fica evidente: o locutor procura esclarecer o termo "aluvionares", que ele supõe ser desconhecido de seu interlocutor.

> (53) também que permitem alimentar... uma população... crescente. portanto ao contrário da agricultura seca sedentária, ah... a cultura do arroz, com a influência da irrigação artificial, que se fez para além das zonas (...) aluvionares **portanto** à volta dos rios, essa cultura começou por ser até bastante f (...) facilitada mas depois o homem... desbastou florestas abriu canais alargando cada vez mais as margens cultiváveis (PE falado- opxxx0008l15n989)

Porém, há casos em que não se pode dizer que há reformulação de um termo apenas para esclarecimento de um termo tomado como desconhecido pelo locutor. Veja-se a ocorrência (54):

> (54) Quer melhor lugar para o Supremo Tribunal de Justiça, do que Coimbra, cidade bem marcada pelas mais altas figuras da jurisprudência portuguesa? Para mais no Centro do país, mais perto **portanto** da residência da maior parte dos conselheiros. (PE escrito-L0044P0224X)

A reformulação por meio da paráfrase especificadora ocorre com a intenção de explicitar um traço pertinente à matriz "para mais no Centro do País", ou seja, o fato de "ser mais próximo da residência da maior parte dos

conselheiros". Este caso é interessante porque revela com nitidez a intenção argumentativa do produtor do enunciado: dentre os possíveis traços pertinentes ao sintagma "para mais no Centro do país", o falante escolheu o que mais estaria pertinente, segundo seu ponto de vista, para corroborar as afirmações anteriores, sobre a relação "lugar da sede do STJ" e "figuras da jurisprudência portuguesa". Assim a paráfrase foi a forma encontrada para reforçar sua argumentação. Já em (55),

> (55) mas quando você coloca... não é? nos seus dados... ALGO que... vai medir a sua:... energia... então na realidade através das emoções que você está tendo naquela ocasião... é lógico... que... não vai levar em consideração... que você diga que é... desse jei:to... ou daquela maneira mas sim o que realmente você está sen-tin-do a sua emoção... daí ser mais... rigoroso... ser mais sério... ser mais fidedigno... **portanto** mais... verdadeiro... mas nem sempre se co/ podemos colocar:... não é? (PB falado - EF- RE-337:51)

o locutor traça uma espécie de gradação por meio de orações infinitivas e, por fim, reformula o termo "fidedigno" usando *portanto*.

Essas reformulações implicam uma reelaboração por meio da qual o locutor restaura um conteúdo com a finalidade de esclarecer um termo, quando então a estrutura do tópico é segmentada e somente se completa após o encaixe da reformulação. Esse tipo de recurso, já que ocasiona uma descontinuidade no tópico, poderia configurar como um problema na organização do texto; porém, justamente porque exerce a função de

unesp

estabelecer intercompreensão, não poderia ocasionar essa quebra prejudicial ao sentido. Assim, tão logo efetuada a paráfrase, o locutor dá continuidade ao tópico outrora interrompido.

Nesses casos, *portanto* tem a função de garantir a intercompreensão: o locutor está preocupado em fazer o outro compreender melhor um enunciado considerado não claro ou mesmo direcionar a compreensão de um termo segundo suas intenções interacionais.

É interessante observar que esse uso parece revelar a recorrência aos postulados conversacionais de Grice, os quais predizem máximas de conversação, tais como 'seja claro', 'se formulou algo inadequado, interrompa, introduza uma explicação' etc. Consciente desse "dever", o falante procura ser claro e, para tanto, introduz em seu texto informações que julga relevantes para a compreensão de seu propósito comunicativo. Isso representa o uso que se faz de estratégias apropriadas para criar um mecanismo com função de facilitar a compreensão do ouvinte e sustentar sua atenção. Nesses casos, o falante busca uma segunda formulação que ele julga mais adequada, mais pertinente aos seus objetivos comunicativos. Desse modo, desempenham papel importante no estabelecimento de informações, pois promovem a compreensão de enunciado considerados não muito claros ou específicos.

unesp

Esses usos de *portanto* aproximam-se fortemente do conceito de constituintes extra-oracionais, na terminologia de Dik (1997). Para ele, há, especialmente no discurso falado, uma grande produção de expressões que não podem ser analisadas nem como frases nem como fragmentos das mesmas. Essas expressões podem ser autônomas, preceder ou seguir, ou até mesmo interromper a frase.

Dik considera que os constituintes extra-oracionais apresentam propriedades tais como: i) serem tipicamente separados das frases por meios de pausas ou quebras, como as do contorno prosódico (são colocados em parênteses fora da oração por tais traços prosódicos); ii) não serem essenciais para a estrutura interna da oração com a qual estão associadas, pois quando são deixadas de fora, a oração ainda forma um todo integralmente; iii) não serem sensíveis às regras gramaticais que operam dentro dos limites da frase, embora possam ser relacionadas com a sentença por meio de regras de coerência, paralelismo e antítese que podem também caracterizar relações entre frases no discurso corrente.

As ocorrências analisadas acima apresentam todas essas características. Apesar de o autor não citar casos de reformulação de constituintes como constituinte extra-oracional, percebe-se nitidamente um elevado grau de semelhança no tocante às propriedades de um e de outro.

unesp

4.1.4. Marcador conversacional

Ocorrências como (56) chamaram a atenção pelo alto grau de freqüência no córpus do PE:

> (56)"Agora, parece que põe é problema, de caráter geral, problemas do tipo ... origem da vida, portanto, saber como é que .... se passou de, da etapa do movimento da matéria inerte, digamos, para a etapa biológica do movimento da matéria, e problemas, por exemplo de, de, de, de sistemas abertos, como são os sistemas vivos e, portanto, mas auto suficientes também, portanto, com processos de regulação que asseguram essa autosuficiência, portanto, e , e a coerência interna, **portanto**, isto são problemas**... portanto** que ligam à ... que ligam ao, aos campos, da informática, de certo modo, não é, em geral. Portanto diz-se que, que o, que o ser, funcionamento, a fisiologia, portanto, o funcionamento de um ser vivo, constituiu uma rede cibernética de relações de regulação, etc. Portanto transmissão de informação, tratamento dessa informação, processamento dos dados transmitidos, quer dizer, isto agora, na, na terminologia... da, da electrónica, não é isso. É isso. Portanto, eu ir (...), irei isso por causa da, desses problemas que isto pode ajudar a, a ventilar, não é: (PE falado- G-0524:22)

Percebe-se que, nestes casos, não se pode atribuir significado algum à forma *portanto:* a hesitação do falante no momento da construção de sua fala é usada simplesmente para possibilitar um tempo para o falante se organizar e dar continuidade ao discurso. Assim, *portanto* é usado como um recurso para preencher uma pausa, o que lhe garante um certo tempo para

planejamento local do texto, e, conseqüentemente, impede a interrupção completa do processamento discursivo. A função seria de ordem pragmática: o locutor sinaliza que sua fala não está encerrada ainda, apesar da pausa presente, e assim garante a manutenção do turno.

Pausas, silêncios e hesitações são importantes organizadores locais na conversação. Em geral, servem como momentos de organização e planejamento interno do turno, dando tempo ao falante para se preparar. Quanto à hesitação, Marcuschi (1999:159) considera que ela "... é parte da competência comunicativa em contextos interativos de natureza oral e não uma disfunção do falante."

Marcuschi (1997) afirma que os marcadores do texto conversacional podem aparecer em várias posições, como na troca de falantes, na mudança de tópico e nas falhas de construção, no início, meio e fim do turno. Podem ainda se apresentar na forma de palavras ou expressões (tais como *entendeu?, olha; bom*, ou mesmo termos não lexicalizados como *ahã),* olhares, risos, gestos, tom de voz, pausas, hesitações etc. Com relação às funções conversacionais, podem ser considerados sob dois aspectos: i) sinais produzidos pelo falante, usados para sustentar o turno, preencher pausas, dar tempo para organização do pensamento, fazer correções, reorientear o discurso etc; ii) sinais produzidos pelo ouvinte, usados para

unesp

orientar o falante e monitorá-lo quanto à recepção da sua fala, quando então o ouvinte sinaliza concordância ou discordância, solicita esclarecimentos etc.

O traço que marca a hesitação, conforme aponta Marcuschi (1999), é o fato de constituir rupturas na fala, na linearidade material, em pontos aparentemente imprevistos, porém não aleatórios. Assim, parece haver motivações discursivas para seu aparecimento no texto falado, com a intenção de manter a fluência, o que parece soar contraditório: uma ruptura usada para manter fluência? O seu papel é então pragmático: revela estratégias usadas pelo falante para solucionar os problemas surgidos devido ao processamento livre de formas e conteúdos.

A hesitação pode se manifestar na forma de fenômenos prosódicos (como pausas, por exemplo), em expressões hesitativas (*éh, ahm*), itens lexicais (marcadores conversacionais acumulados (*sei lá*), fragmentos lexicais (palavras não concluídas) e ainda em itens funcionais (artigos, preposições, conjunções), segundo Marcuschi (*op.cit.*).

Quantos aos itens funcionais (caso da forma *portanto*) como ponto da ocorrência da hesitação, Marcushi afirma que 50% das hesitações ocorrem em itens funcionais e, dentre estas, 30%, com conjunções. Uma das razões para esse alto grau de freqüência deve-se ao fato de esses elementos situarem-se no momento de construção do sintagma nominal ou oracional, ponto que favorece a ocorrência da hesitação. Esse número revela que as

unesp

hesitações são realmente momentos de planejamento *on line,* indicador do planejamento sintático e cognitivo.

Marcuschi (1997) salienta que as hesitações não seriam estratégias de formulação textual, mas indícios ou sintomas de dificuldades de processamento cognitivo/verbal localizado na estrutura sintagmática.

Em (56), acima, *portanto* é usado num momento em que, aparentemente, há uma dificuldade de natureza cognitiva, no caso, a memória, refletida na dificuldade de execução lingüística.

Um dado importante a salientar é que, de maneira completamente diferente das outras funções assumidas por *portanto*, nesses casos é totalmente dispensável o uso desse elemento na estrutura das porções textuais em que se encontram, tanto sintática como semanticamente. Assim, o seu papel é de sugerir os sintomas de um processamento em curso, e não o de propor alternativas de formulação textual-discursiva. Enfim, não atua no plano da formulação textual nesses casos. Se for considerado o aspecto da contribuição discursiva, pode-se afirmar então que *portanto* não tem função. O falante não tem intenção de dizer algo com a hesitação.

No texto dialogado há sempre o risco de se perder o turno conversacional e, talvez levado por esse fator, o falante sinta a necessidade de produzir sons ao invés de ficar em silêncio nos momentos de hesitação.

unesp

Parece haver, nesses casos, uma contradição no uso desse elemento: ao mesmo tempo que é um descontinuador da fala, garante a continuidade discursiva, pois é usado para manter o turno conversacional.

Mascuschi (1999) esclarece esse fato ao afirmar que o funcionamento da hesitação pode se dar em duas linhas: na perspectiva da formulação textual e na da interação e discursividade. Na primeira perspectiva, a hesitação seria descontinuadora da ordem sintática e, nesse caso, não haveria funções, mas operaria como indicador ou sintoma de atividades de planejamento lingüístico, ou seja, indicaria intervenção na construção de estruturas sintagmáticas. Nesses contextos, poderia ser usada para uma escolha lexical mais adequada ou para organização de uma construção mais compreensível para o ouvinte. Na segunda perspectiva, a hesitação é vista como continuadora no nível da enunciação, ou seja, das relações pessoais dos interlocutores e na condução de tópicos. Assim, a hesitação teria então funções e não papéis. Pode, assim, significar, por exemplo, uma entrega de turno disfarçada ou um pedido de auxílio, para o interlocutor, em momentos de esquecimento. Haveria então funções que poderiam estar relacionadas a aspectos textuais, discursivos, interacionais e cognitivos.

No processo de formulação textual discursiva, a hesitação não faz parte dessa formulação mas dos sintomas que mostram a ruptura na

unesp

formulação: não é uma tentativa de solução mas uma evidência da busca da solução; representa então um indício de problema.

Quanto ao papel cognitivo, a hesitação revela a própria atividade cognitiva do falante, com relação à compreensão e intenção dos enunciados. Isso tem a ver com o *status* informacional dos referentes: as hesitações precedem a introdução de novos elementos e são menos freqüentes na reintrodução de elementos já conhecidos, segundo Marcuschi.

Já no que diz respeito ao papel interacional, o princípio que parece reger a hesitação é o envolvimento interpessoal: a grande preocupação do falante é com o interlocutor. Nesses casos, a hesitação serviria para sinalizar a manutenção ou finalização do turno.

Observe-se a ocorrência (57) que mostra *portanto* como um indicador de hesitação:

> (57) portanto, condições de vida muito deficientes, casas muito deficientes, etc, portanto, mas, quer dizer, essencialmente não se trata, portanto de pôr um problema de urbanizar melhor ou urbanizar pior, mas o problema é: o urbanismo, **portanto,** o urbanismo deve acabar, **portanto**, o urbanismo como necessidade da, **portanto** da, do modo de produção capitalista da circulação de mercadorias, etc, adaptado, à circulação de mercadorias, adaptado às necessidades de produção, adaptado, portanto, isso tudo adaptado à mercadoria, portanto, mercadoria objecto ou mercadoria força de trabalho (PE falado-540 ref: 572-20-c00-204-20-m-j-5-7-00)

unesp

Portanto, nesse caso constitui uma ruptura na fala, sendo usado pelo falante como estratégia para solucionar um problema ocorrido no processamento de sua fala. Sintática e semanticamente, não tem função alguma, tanto que estruturalmente sua presença é totalmente dispensável. Assim, na perspectiva da formulação textual, não desempenha nenhuma função, mas revela o planejamento lingüístico: o locutor parece não ter em mente ainda a construção que deseja usar; prova disso é o fato de, na última vez em que *portanto* é usado nessa ocorrência, há marcas da oscilação do falante na escolha do determinante (*da, do)*. É a evidência clara do processamento *on line*: objetiva-se a escolha lexical mais adequada, o que caracteriza a busca de uma solução para o problema. Assim, do ponto de vista cognitivo, ocorrências desse tipo mostram o falante no momento da atividade de formulação textual, no momento em que ele planeja sua fala, constrói seu texto.

Uma função atribuível, nesse caso, seria interacional: o falante, atento ao interlocutor, quer manter a posse do turno conversacional, e, para isso, sinaliza a manutenção do turno por meio do uso de *portanto*, não deixando espaço suficiente (por exemplo, na forma de silêncio, por meio de uma pausa) para uma troca de turno, uma vez que pretende continuar seu discurso.

unesp

Como ponto de manifestação da interação, *portanto* pode ocorrer no momento inicial da introdução de uma nova unidade tópica, como pode ser visto em (57) acima.

Esse ponto específico de hesitação pode ser explicado do ponto de vista cognitivo: há uma dificuldade inicial para se organizar as informações a serem colocadas num texto, porém logo superada, com conseqüente manutenção mais regular do fluxo discursivo.

Podem também ocorrer casos em que *portanto* revela hesitação ao quebrar a unidade do sintagma, como em (58).

> (58) condições de vida muito deficientes, casas muito deficientes, etc, portanto, mas, quer dizer, essencialmente não se trata, portanto de pôr um problema de urbanizar melhor ou urbanizar pior, mas o problema é: o urbanismo, portanto, o urbanismo deve acabar, portanto, o urbanismo como necessidade da, **portanto** da, do modo de produção capitalista da circulação de mercadorias, etc, adaptado, à circulação de mercadorias, adaptado às necessidades de produção, adaptado, portanto, isso tudo adaptado à mercadoria, portanto, mercadoria objecto ou mercadoria força de trabalho (PE falado-540 ref: 572-20-c00-204-20-m-j-5-7-00)

Mesmo sabendo-se que a noção de frase não é a mais adequada quando se trata de textos orais, o fato de haver certa proximidade entre fala

unesp

e escrita[5] permite uma análise da distribuição das hesitações na estrutura oracional.

A hesitação marcada pela forma *portanto* ocorre, no córpus, no início de um nome e seu complemento (59), entre um nome e umanova oração (60), antes da introdução de um parêntese (61).

(59) JB. Qual é a tua especialidade?
JL. A minha especialidade é a química, mas isto não é a especialidade dentro, da química, é bioquímica, ainda mais especialmente a biologia molecular e, e portanto, isso associado à minha formação básica que, que, que é ... do curso de farmácia, não é que, de especialmente a parte, **portanto** de, de, de, de compostos orgânicos com atuação fisiológica ... (PE falado-G 0524:4)

(60) quer dizer, noto já uma diferença uma diferença enorme! mas as pessoas às tantas habituam-se e não notam muito. não. isso... até porque a maior parte das pessoas que vive lá, **portanto**, pelo menos uma grande parte mesmo, trabalha na cuf. ainda têm mais, portanto ainda recebem lá mais gases do que cá fora. portanto as pessoas já estão... já estão habituadas àquilo. mas aquilo faz um mal doido. mas continuam. e tinham hipóteses de resolver o problema. só não resolvem porque economicamente não interessa. mudando as chaminés. Portanto aquilo é só uma questão de chaminés, mais nada, o problema é só chaminés! (PE falado-737-23-p01-008-24-f-a-6-6-00)

(61) a: e esse trabalho, esse, esse trabalho seria para ser aplicado a nível de... quê? segundo ciclo?
x: segundo ciclo.
a: pois!
x: dado nas aulas de, de português, terceiro, quarto e quinto ano. era exactamen [te] como fazer o aproveitamento dos textos poéticos inseridos nas antologias oficiais, **portanto** assim... depois... como isto tinha assim ficado muito, muito vago, apresentava um plano de lição

[5] Chafe (1982 e 1985, *apud* Marcuschi, 1997:197), afirma que "...em suas análises a respeito da relação entre fala e escrita, os enunciados da fala e as frases analisadas pela sintaxe do sistema abstrato da língua têm um alto índice de coincidência."

> de poesia, com aquela poesia da Florbela Espanca «as árvores do alentejo» que vem numa antologia do quarto ano, e (...) , era para, para rematar o estudo de Florbela, portanto levava mais uns poemas dela, que se via (PE falado- G- 93: 095)

É possível concluir então que as hesitações têm orientação prospectiva, pois anunciam constituintes futuros, como se verifica em todas as ocorrência acima.

Fica patente a clara dessemantização que essa forma sofre no PE, uma vez que os falantes a usam sem que seja possível atribuir-lhe um significado claro. O uso tão freqüente revela que já não há mais restrições gramaticais e que *portanto* se tornou um mero preenchedor discursivo utilizado nos momentos em que há problemas na continuidade do fluxo discursivo. O fato de esse tipo de ocorrência ter alta freqüência na modalidade oral do PE é um indício de que há uma forte tendência de *portanto* vir a perder suas restrições gramaticais e se transformar em um mero bordão lingüístico.

4.2. O caráter icônico de *portanto*

Como já discutido, a abordagem funcionalista dá primazia ao uso da língua, ao fato de o falante usar a língua para atender suas necessidades

Inst. de Biociências, Letras e Ciências Exatas - UNESP
BIBLIOTECA
S. J. Rio Preto

comunicativas. Assim, é natural que o usuário seja foco de interesse dessa perspectiva de análise lingüística, mais especificamente com relação às propriedades cognitivas do falante.

Um dos princípios em lingüística funcional relacionado a esse aspecto é o da iconicidade, que prevê uma motivação na relação entre forma e significado, determinada pela ação intencional do homem em relação ao uso dos termos lingüísticos. Por conseqüência dessa atuação do usuário, surgem razões diversas (de economia, de eficácia por exemplo) que o levam a estar sempre usando o sistema de modo a melhor atender suas necessidades interacionais, mesmo que isso implique alterações na gramática da língua (no nível fonológico, morfológico, sintático, semântico ou discursivo).

Lichtenberk (1991:6, *apud* Martelotta *et all*, 1996:223), caracteriza a questão das alterações ocorridas numa língua:

> As gramáticas das línguas naturais nunca são estáticas; em toda língua existem sempre áreas que estão em fluxo. As línguas podem caminhar em direção a uma maior regularidade e iconicidade pela eliminação de anomalias e variação; ao mesmo tempo novos padrões emergem em algum lugar na gramática introduzindo novas anomalias e nova variação. Gramáticas são sempre não-completas. Na gramática de toda língua existem, em um dado momento, muitas regularidades rígidas; ao mesmo tempo existem também muitos aspectos em toda gramática que não são totalmente determinados e que são maleáveis em vários graus. Gramáticas provêm certos padrões para construção do discurso, mas eles não determinam completamente sua forma gramatical. Sendo não-completas, elas concedem ao falante um certo grau de liberdade na construção do discurso. Por alguma razão certos novos padrões se tornam estabelecidos, o que resulta em uma remodelação da gramática.

A partir desses pressupostos, objetiva-se, nesse momento, verificar como o princípio da iconicidade atua ao determinar a escolha no modo de

unesp

ordenação seqüencial na organização textual. A hipótese é a de que a motivação icônica, ainda que em diferentes graus, far-se-á presente nos diferentes contextos, independentemente da variedade do português (européia ou brasileira), ou, ainda, da modalidade (falada ou escrita) em que ocorre.

Há uma relação clara entre gramática e cognição: a estruturação das categorias lingüísticas se faz dentro dos mesmos princípios que orientam a estruturação de todas as categorias humanas. Assim, uma teoria gramatical deve dar conta das relações entre categorias lingüísticas e categorias cognitivas, considerando-se uma relação icônica entre os sistemas, conforme aponta Neves (1997). Segundo a autora, essa motivação pode ser percebida nas representações conceptivas, no léxico principalmente, e também em toda a gramática de uma língua.

Givon (1991), *apud* Neves (1997), ao colocar em foco o questionamento "A gramática reflete a cognição?", afirma que isso pode ser ou não verdadeiro, dependendo do traço gramatical considerado. O autor comprova sua tese quando compara línguas da Nova Guiné com a inglesa e percebe que o empacotamento temporal de um mesmo evento, apesar de ser realizado de maneira diferente nas línguas em estudo, não reflete diferenças profundas na cognição desse evento, pois existe interferência dos recursos disponíveis na língua para uso do falante.

unesp

Neves (1997) aponta como diversos autores entendem a iconicidade: i) para Hopper e Traugott (1993), a iconicidade é uma propriedade de similaridade entre um item e outro, o que garante a não arbitrariedade; ii) para Croft (1990), a estrutura da língua reflete de algum modo a estrutura da experiência; iii) já para Givon (1991), iconicidade é comparável à ciência biológica, pois para ele há uma correlação natural entre forma e função; iv) para Bollinger (1977), sempre há uma forma para um significado e um significado para uma forma.

A autora lembra ainda que existe uma distinção tradicional com relação à iconicidade: a imagética, que diz respeito a uma semelhança sistemática entre um item e seu referente, e a diagramática, que considera haver arranjo icônico de signos, como por exemplo a tendência de a ordem de uma narrativa seguir a ordem dos eventos nela narrados.

A iconicidade diagramática, mais amplamente estudada em lingüística, pode estar baseada em diversos subprincípios: a) quantidade: quanto maior for um texto, maior será a quantidade de informações nele presentes; b) distância ou proximidade: a distância lingüística entre expressões corresponde à distância conceptual existente entre elas, como por exemplo, entre o verbo "matar" e a perífrase verbal "fazer morrer"; c) independência: a independência conceptual de um objeto ou evento que a expressão representa é revelada pela separação lingüística dessa expressão; palavras

unesp

que se incorporam morfologicamente a outras, por exemplo, perdem essa independência; d) ordenação: o grau de importância, dado pelo falante, de um conteúdo determina a ordem das formas, tanto no nível oracional como na organização do texto.

Cezario (1996:95-6), cita ainda o subprincípio da adjacência, segundo o qual conteúdos mais distantes, semântica e cognitivamente, são expressos por duas cláusulas que mantêm certa autonomia semântica e sintática, ao passo que dois conteúdos que estão mais próximos, cognitiva e semanticamente, são expressos por duas cláusulas fundidas. Assim, o grau de interação entre sintagmas, cláusulas, períodos ou partes do texto indica o grau de integração entre os componentes cognitivos desses constituintes.

Votre (1996:39-40) mostra, de maneira clara, como se dá o emparelhamento entre forma e significado, processo que ocorre ao longo de três momentos: 1) um momento de origem e consolidação progressiva do processo, com nova associação metafórica entre forma e significado. Esse processo comumente está associado à indefinição de forma e ao tateamento de uso, donde surge a impressão de variação, com mais de um significado associado a uma só e mesma forma; 2) um momento de estabilização aparente, com gramaticalização regularizadora das relações entre forma e significado; 3) um momento de desgaste, com deterioração das relações entre forma e significado, com liberdade progressiva da forma em termos de

unesp

restrição de ocorrência, e com liberdade progressiva do significado em termos de empalidecimento e mesmo de esvaziamento semântico. No segundo momento, o de estabilização, há o grau máximo de iconicidade com relação à forma e ao significado. Porém, esta iconicidade se perde com o uso, com o passar do tempo, e tais relações icônicas se afrouxam até se perderem.

Essas mudanças estão baseadas no processo metafórico, que pode ser entendido como processo de transferência semântica: uma forma ou construção é usada para representar um significado estritamente relacionado com o significado a que essa forma era relacionada até então. Assim, formas novas nunca são criadas, mas as formas já disponíveis na língua é que adquirem novos significados. Conforme assinala Votre, toda metáfora é icônica, já que "...está baseada num grau de semelhança, ou compartilhamento semântico entre o significado fundante e o significado derivado."

Por outro lado, como salienta Votre, nessa trajetória de mudança, a iconicidade tende a desaparecer e, por conseqüência óbvia, vir à tona a arbitrariedade. Assim, nos estágios finais dessa trajetória, os mecanismos de processamento tendem a ser mais automáticos e menos transparentes, com conseqüente dessemantização - passando a ter outros significados - e perda

unesp

de restrições gramaticais - ocorrendo em contextos mais irregulares, menos previsíveis no sistema do qual faz parte.

Numa versão mais branda desse princípio, apontado por Votre (1991), *apud* Votre *et all*, 1997), prevê-se que há um *continuum* de motivação do tipo transparência→ opacidade nessa relação entre forma e conteúdo, o que cria espaço para construções aparentemente sem motivação, logo, arbitrárias.

Para Dik (1997), o seqüenciamento icônico evidencia a coerência do discurso: a ordem de colocação de certos itens é reflexo da ordem desses itens na realidade ou na concepção da realidade. Essa ordem é baseada em princípios naturais ou cognitivos, como nos casos a seguir, por exemplo: *Cause→ effect; event→ result; condition→ consequent; action→ purpose* (Dik, 1997: 436)

O autor lembra que essa ordem pode ser invertida, como em (62) e (63).

(62) *Mary ate clams and fell ill.*

(63) *Before falling ill, Mary had eaten clams.*

Porém, esses seriam casos em que essa ordem seria marcada, atendendo aos propósitos do falante. Esses exemplos de Dik revelam que

unesp

até mesmo um princípio básico de modo de organização das línguas, como o é a iconicidade, pode ser não atendido pelo falante, conforme queira enfatizar um ou outro aspecto do discurso.

Em (64), por exemplo, há o seqüenciamento icônico, ou seja, a estrutura da língua está realmente refletindo a estrutura da experiência, com a causa precedendo o efeito, segundo o pressuposto da seqüencialidade temporal; já em (65) o seqüenciamento não obedece a esse princípio, já que a intenção do falante é marcar, por meio da inversão da ordem, o efeito. Apenas a título de se tentar explicar a ordem escolhida pelo falante, é possível afirmar que aqui prevalece o princípio da distribuição da informação: a progressão se dá, no discurso, do velho para o novo. Assim, a idéia que se tem é a de que o ouvinte já tinha conhecimento sobre o efeito e só desconhecia a causa; é justamente isso que o falante deseja deixar claro ao fazer essa inversão.

Por outro lado, pelos dados do córpus, relações construídas com *portanto* como conector, como advérbio e como reformulador de termos não permitem essa inversão, já que, nesses casos, o seqüenciamento icônico é obrigatório. Veja-se, primeiramente o caso dos conectores conclusivos, tanto nas ocorrências do córpus escrito do PB como do PE, como demonstram (64).

(64) Adol — O que é que acha de já termos estudantes a recorrer as universidades espanholas para tirar um curso de medicina?
MM — Olhe, acho que eles fazem muito bem (risos) porque quando nós levantamos tantas dificuldades ao exercício da actividade no nosso país, e ainda por cima dificuldades que são completamente fora da realidade actual (se um indivíduo tirar o curso num país estrangeiro pode exercer cá, com a nova legislação da comunidade), não podemos esperar outra coisa. As teorias malthusianas de protecção profissional estão completamente desactualizadas. Eu se tivesse um filho e ele não conseguisse entrar numa universidade de cá também o mandava para Espanha. Lá tem imensas vantagens, aqui tem imensas desvantagens e quando acabam o curso podem fazer o internato cá. **Portanto**, só há vantagens em ir para fora. O que é uma estupidez, porque o ideal era poder fazer aqui. Portanto, ou fazemos alguma coisa no acesso a medicina em Portugal ou continuamos a perder a maior parte das pessoas de mérito. (PE escrito-I-ENT-ADOL: 36)

A ordem de construção dos períodos é consoante à da necessária colocação das proposições: a premissa deve anteceder a conclusão. Em (64), as premissas explícitas [Lá tem imensas vantagens], [aqui tem imensas desvantagens] [quando acabam o curso podem fazer o internato cá] e ainda a implícita [se lá é bom e aqui não, *portanto* é melhor ir para lá], são colocadas em primeiro lugar para depois se chegar à conclusão de que [só há vantagens em ir para fora].

Na modalidade falada, a mesma análise pode ser feita, como em (65) e (66) colocadas a título de ilustração, já que a descrição detalhada seria praticamente idêntica às duas anteriores.

(65) e aquilo que tu começas a fazer sem preparação praticamente nenhuma é imediatamente julgado e classificado, porque criticado é o menos, não é, mas, mas é logo para classificação, **portanto** começa logo aí a grande tensão (PE falado-G 0304:38)

(66) vocês agora eu acredito que já tenham tido... seis aulas de introdução à ciência do direito... e também entre: cinco e oito aulas de teoria geral do estado... **portanto**... já devem estar... mais ou menos por dentro até do linguajar:... da técnica jurídica (PB falado-EF-RE-337)

Saliente-se que o princípio da iconicidade não obriga que a forma *portanto* seja colocada no início do texto conclusivo, mas sim a conclusão após a premissa. Assim, pode ocorrer no final do trecho conclusivo, como em (67), apesar de essa posição ser rara, a única do córpus.

(67) Sei de muita gente que previu uma cena de ciúmes, ou até coisa mais gravosa. Mas, afinal, nada se passou. Quer dizer, Bárbara Guimarães e Catarina Furtado, duas das vedetas da noite dos Globos, são amiguinhas, trocaram mimos, tudo com uma grande polidez. Nada a declarar, **portanto**. Apenas que conseguiram concentrar todo os olhares sobre elas. (PE escrito-II-Ma-Vi:8)

Nos casos em que *portanto* é conector atuando na organização tópica, o caráter icônico permanece em todas as subfunções, já descritas anteriormente, como ilustram as ocorrências (29), (31) e (34), aqui retomadas.

(29) para interagir com os outros, ela tem que aprender regras de conduta, padrões eh de comportamento, neste período etário que eu tenho vindo a falar: que são os dois primeiros anos de vida. há realmente certas aprendizagens que é importante que a criança faça e que tenha a ver com a rotina dela. **Portanto** estas primeiras eh... regras de socialização estão muito ligadas à rotina da criança, à alimentação, ao vestir e ao despir, à higiene eh enfim e o estar com as outras pessoas, o não ter comportamentos agressivos, o não ter, enfim o saber estar com os outros, o saber falar com os outros (PE falado-OP1TX0012L02J990)

Nesse caso, *portanto* encaminha um tópico, colaborando para a progressão temática do texto. Pela lógica, só se pode continuar um tópico depois que ele foi abordado anteriormente, o que revela a iconicidade na organização discursiva.

Observe-se agora a ação desse princípio na retomada de um tópico:

(31) são usados tons escuros. para fazer o contraste. porque de verão, de inverno, nós temos uma cor, normalmente, mais clara, mais pálida, e devemos usar uns tons claros mas rosados que nos animem porque usamos roupas mais escuras, de inverno, normalmente, e no verão não. no verão usa-se roupas claras, mais leves, **portanto,** podemos usar um tom de pele mais escuro. bem, há produtos muito caros, que normalmente as raparigas novas não podem comprar. isso é só para as senhoras já de mais idade. mas há produtos que as raparigas podem perfeitamente comprar, que não são nada caros. (PE falado-490-08-a00-007-24-f-j-4-8-00)

O seqüenciamento icônico também se faz presente na ordenação das estruturas lingüísticas quando *portanto* reata um elo com uma seqüência anterior: essa nova estrutura dever vir obrigatoriamente após o assunto interrompido.

Por fim, no caso do fechamento de um tópico, como em (33):

> (33) obriga sempre a um determinado número de pensamento, portanto não, nunca, nunca é cem por cento rotina. não, nunca é uma repetição mesmo cem por cento, na medida em que, embora às vezes estejam a fazer as mesmas determinações, portanto**,** se o, a substância a analisar é ligeiramente diferente, portanto aparece sempre um problema novo que se tem de resolver. **portanto** cem, cem por cento de rotina nunca, nunca se calha. não. somos para aí dezoito pessoas. não. portanto há, não, pois, e já estava mesmo para entrar quando foi o vinte e cinco de abril, ela já tinha as coisas... enfim, já estava mais ou menos (PE falado- 952-08-a00-022-27-f-a-5-8-b)

fica óbvia a relação icônica, uma vez que só se pode encerrar um tópico quando dele já se tratou em um ponto anterior.

Quanto a *portanto* usado como advérbio, o princípio da iconicidade atua de modo análogo: a causa precede o efeito. Nesse caso, esse princípio pode ser analisado a partir do pressuposto da seqüencialidade temporal (os eventos se organizam no eixo da anterioridade/posterioridade): se um evento X é causa de Y, lingüisticamente haverá essa representação da sucessão temporal.

Também com essa função, há uma similaridade entre o PE e o PB nas duas modalidades em estudo quando utilizam a forma *portanto*, como nas ocorrências (68) e (69).

> (68) As suas utilizações são quase ilimitadas, sendo mais completos que os metais. Um exemplo do seu uso pode ser encontrado no

> hipódromo de Oklahoma City, onde a pista foi coberta por este material, evitando, **portanto** que se gele ou fique sujo. (PE escrito-II-Ma-Quo:11)

> (69) Hoje, uma considerável minoria de nossos jovens constitui a primeira geração pós-cristã que não conhece orações, não consegue citar os Dez Mandamentos, não distingue facilmente entre o certo e o errado e, **portanto**, acha que distinções entre o que é legal e o que não é são arbitrárias e injustas. Por isso, o silogismo de nossa época é: menos religião, mais crimes, polícia, prisões. (PB escrito-Mat-ESP:06/08/00:p.2:279-292)

Em (68), o fato [evitar que se gele ou fique sujo] está posposto à causa desse fato [a pista foi coberta pelo material]. O seqüenciamento temporal, pressuposto da noção de causa, é evidente: primeiramente [cobre-se a pista com o material] para depois [se evitar o congelamento ou a sujeira].

Em (69) o mesmo esquema se repete: são citadas várias causas, para se justificar um fato, sendo que a última afirmação [não distingue facilmente entre o certo e o errado] é tomada como causa principal que culmina no efeito de [acha que distinções entre o que é legal é o que não é são arbitrárias e injustas.] O eixo da anterioridade/posterioridade presente nesse caso está relacionado à concepção da realidade de mundo imposta pelo falante: primeiro, [a geração pós-cristã não sabe o que é certo ou errado], o que, posteriormente, [os leva a ver arbitrariedade e injustiça em relação ao que é legal ou não.]

unesp

São exemplos desses casos, no português falado do PB e do PE, respectivamente, as ocorrências (70) e (71).

> (70) é a citação que mostra... a importân:cia... do fenômeno... do direi:to... do fa:to jurí:dico... vou ler para vocês tam:bém na página dezessete... diz assim Duckheim né? "a vida social onde quer que exista" quer dizer on:de exista vida social onde os homens estejam juntos... áh:: "de forma duradoura... **portanto** formando um macrogrupo um sistema social uma sociedade enfim ou uma comunidade... inevitavelmente ten:de a tomar uma forma definida" vocês sabem disso... nós temos o caráter social... porque nós temos uma forma... não somente geográfica do Brasil... mas uma forma definida pelos padrões:... comuns a todos os brasileiros por exemplo (PB falado -EF-RE-337)

> (71) saltar cá para fora, saltar cá para baixo, é que já não é nada acessível, não é, então há esse contraste de, de, de posição, de circunstância, e o contraste depois da, do ambiente todo, quer dizer, tu saltas cá para fora e sais **portanto** daquele ambiente de, de dinamismo e entusiasmo e de barulho e inclusivamente de barulho do avião (PE falado-G-1275:39)

Na função de reformulador de termos, o princípio da iconicidade fica restrito à própria seqüenciação obrigatória quando se reelabora algo, ou seja, só se procede a uma reformulação de algo que já foi dito, como pode ser percebido em (72):

> (72) então o tecido subcutâneo...abaixo da pele **portanto**...nós vamos encontrar os elementos vasculares de::.../ hormônios responsáveis pela...vasc/...irrigação...e pela inervação da glândula (PB falado-EF-SSA-49)

Aqui fica claro que a inversão dos termos pode ser feita, como demonstrado a seguir; porém a intenção do locutor seria diferente, pois aí se partiria de um termo conhecido e então se usaria outro mais erudito.

> (72a) então o tecido abaixo da pele...subcutâneo **portanto**...nós vamos encontrar os elementos vasculares de::.../ hormônios responsáveis pela...vasc/...irrigação...e pela inervação da glândula (PE falado-G –324:21)

Logo, percebe-se que ainda há uma obediência ao princípio icônico, porém não seguido obrigatoriamente, já que o falante pode escolher uma ordem que ele considere mais apropriada aos seus propósitos.

Por fim, como marcador conversacional, a iconicidade já não se faz presente, uma vez que, nesses casos, *portanto* funciona como ponto de hesitação e não estabelece nenhum tipo de relação entre elementos no texto, como bem atesta (73).

> (74) saber como é que... se passou de, da etapa do movimento da matéria inerte, digamos, para a etapa biológica do movimento da matéria e, problemas, por exemplo, de, de, de, de sistemas abertos, como são os sistemas vivos, e portant/o,___mas autosuficientes também, portanto, com processos de regulação que asseguram essa autosuficiência, **portant/o,** e, a coerência interna, portanto, isto são problemas (PE falado-G-0524:24)

Prova disso é a possibilidade de se eliminar esse marcador do texto e se perceber que não provoca nenhuma mudança estrutural ou semântica no excerto em que se encaixa.

Assim, *portanto* revela, quanto ao princípio de iconicidade, que há realmente um *continuum* de motivação, conforme pode ser visualizado a seguir:

Iconicidade transparente----------→ Iconicidade opaca

advérbio/conector reformulador de termos marcador conversacional

Pode-se assim pensar numa trajetória de mudança empreendida por *portanto*, com perda de iconicidade e aparecimento de total arbitrariedade. Como advérbio e como conector, a iconicidade é bem transparente, já como reformulador de termos há uma liberdade maior de ordenação icônica; porém, como, marcador conversacional, o uso dessa forma se tornou mais automático, menos transparente, enfim, dessemantizou-se completamente, além de perder todas as suas restrições gramaticais, ocorrendo em contextos diversos e pouco previsíveis.

A partir dessas particularidades apresentadas por *portanto*, há uma hipótese, com relação ao uso desse elemento, que aqui fica ainda merecendo estudo e aprofundamento. Trata-se do processo de

unesp

gramaticalização e de discursivização. Segundo Martelotta *et al,* (1996) na gramaticalização, itens lexicais e construções sintáticas se tornam gramaticais, passando a assumir funções referentes à organização interna do discurso; já na discursivização, o elemento lingüístico perde suas restrições gramaticais, assumindo restrições de caráter pragmático e interativo, sem estabelecer necessariamente relações entre elementos da gramática.

Os dados apontam a possibilidade de *portanto* enquadrar-se nesse processos de mudança lingüística, podendo-se sugerir a trajetória como segue:

Advérbio→ conector→ reformulador de termos → marcador conversacional

Porém, somente um estudo que recupere esse caminho poderá afirmar categoricamente essa suposição. Fica então a questão proposta para pesquisas futuras.

unesp

CAPÍTULO V

O USO DA FORMA *PORTANTO* NAS VARIEDADES BRASILEIRA E EUROPÉIA DO PORTUGUÊS

Neste capítulo, tratar-se-á da descrição do uso de *portanto* em cada uma das variedades estudadas, considerando os grupos de fatores relacionados no capítulo II.

5. 1 Português europeu falado

Nessa variedade do português, *portanto* é majoritariamente utilizado como marcador conversacional, seguido do uso como conector, como reformulador de constituintes e, por fim, como advérbio, numa ordem quantitativamente decrescente, conforme a descrição da tabela . As ocorrências (74), (75), (76) e (77) exemplificam, respectivamente, cada uma dessas funções de *portanto* nessa variedade falado do português.

Função	N	%
Marcador conversacional	20	40
Conector	16	32
Reformulador	9	18
Advérbio	5	10
Total	50	100

Tabela 1: Funções da forma *portanto* (PE falado)

(74) obriga sempre a um determinado número de pensamento, portanto não, nunca, nunca é cem por cento rotina. não, nunca é uma repetição mesmo cem por cento, na medida em que, embora às vezes estejam a fazer as mesmas determinações, portanto, se o, a substância a analisar é ligeiramente diferente, portanto aparece sempre um problema novo que se tem de resolver. portanto cem, cem por cento de rotina nunca, nunca se calha. não. somos para aí dezoito pessoas. não. **portanto** há, não, pois, e já estava mesmo para entrar quando foi o vinte e cinco de abril, ela já tinha as coisas... enfim, já estava mais ou menos (PE falado- 952-08-a00-022-27-f-a-5-8-b)

(75) Para interagir com os outros, ela tem que aprender regras de conduta, padrões eh de comportamento, neste período etário que eu tenho vindo a falar: que são os dois primeiros anos de vida. há realmente certas aprendizagens que é importante que a criança faça e que tenha a ver com a rotina dela. **Portanto** estas primeiras eh... regras de socialização estão muito ligadas à rotina da criança, à alimentação, ao vestir e ao despir, à higiene eh enfim e o estar com as outras pessoas, o não ter comportamentos agressivos, o não ter, enfim o saber estar com os outros, o saber falar com os outros, (PE falado-OP1TX0012L02J990)

(76) digamos, estabelecido uma luta entre optar por ir pra outra escola porque a perda da da das das companhias, **portanto** das suas colegas, das sua amigas, obrigava a ir pra outra escola...(PE falado-G524:38)

(77) saltar cá para fora, saltar cá para baixo, é que já não é nada acessível, não é, então há esse contraste de, de, de posição, de circunstância, e o contraste depois da, do ambiente todo, quer dizer, tu saltas cá para fora e sais **portanto** daquele ambiente de, de dinamismo e entusiasmo e de barulho e inclusivamente de barulho do avião (G-1275:39)

Considerando o segundo fator analisado, posição da forma *portanto* em relação ao elemento introduzido, os resultados obtidos estão resumidos na tabela 2.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Posição	Inicial		Intermed.		Final		Não aplic.		Total
	N	%	N	%	N	%	N	%	
Conector	13	50	1	50	2	100	-	-	16
Advérbio	4	15	1	50	-	-	-	-	5
Reformulador	9	35	-	-	-	-	-	-	9
Marcador	-	-	-	-	-	-	20	100	20
Total	26	52	2	4	2	4	20	40	50

Tabela 2: PE falado - Posição da forma *portanto* em relação ao elemento introduzido

O percentual maior de ocorrências se deu nos casos em que *portanto* aparece em posição inicial. Como conector, a posição preferida de *portanto* é a prevista por Dik, (1997): Oração(s) precedente(s). Conector, Nova Oração, colocando-se no início do segmento introduzido, como exemplificado em (29), aqui repetida. Pode, ainda, aparecer no final da nova oração (78) e, raramente, no seu interior (79).

(29) Para interagir com os outros, ela tem que aprender regras de conduta, padrões eh de comportamento, neste período etário que eu tenho vindo a falar: que são os dois primeiros anos de vida. há realmente certas aprendizagens que é importante que a criança faça e que tenha a ver com a rotina dela. **Portanto** estas primeiras eh... regras de socialização estão muito ligadas à rotina da criança, à alimentação, ao vestir e ao despir, à higiene eh enfim e o estar com as outras pessoas, o não ter comportamentos agressivos, o não ter, enfim o saber estar com os outros, o saber falar com os outros (PE falado-OP1TX0012L02J990)

(78) Ia na Marques da Fronteira sabes onde é, vai-se para ali pra São Sebastião há ali uma curvazinha, aliás uma curva muito chata, eu ia do lado de cá **portanto**. (PE falado - G-0432:32)

unesp

(79) a atitude dessas pessoas é a de que em breve ou dentro de, de algum tempo, se virão a descobrir para todas as doenças mesmo psicológicas, um substrato orgânico, ao contrário do que eu disse há bocado, que estou convencido que é possível que para muitas doenças orgânicas, se as pessoas se libertarem da sua condição se venha **portanto** a descobrir um substrato psicológico.(PE falado - G-350:52)

De maneira semelhante, *portanto*, como advérbio, também ocorre, de preferência, no início do elemento introduzido, obedecendo ao esquema já discutido *[relatum]* e [portanto*, relatum*], nos casos em que a estrutura do segundo *relatum* tem como centro uma oração não reduzida, como em (34), aqui repetida, e, nos casos em que a oração é reduzida, aparece em posição intermediária (79).

(34) AF. E a que acha que se deve esse desinteressa por uma coisa que afinal é tão fundamental...
JR. Por que não tinha sido,
AE. ... como a música.
JR . Porque não era de início. A criança não era de início levada nesse sentido e **portanto** não tinha interesse porque nós até aqui há uns anos, por exemplo, há quatro ou cinco anos. (PE falado - 259-02-ta0-005-31-m-a-6-5-c)

(79) saltar cá para fora, saltar cá para baixo, é que já não é nada acessível, não é, então há esse contraste de, de, de posição, de circunstância, e o contraste depois da, do ambiente todo, quer dizer, tu saltas cá para fora e sais **portanto** daquele ambiente de, de dinamismo e entusiasmo e de barulho e inclusivamente de barulho do avião (PE falado- G-1275:39)

Como reformulador, ocorre sempre em posição inicial, seguido imediatamente pelo elemento reformulado, como em (80).

> (80) "Agora, parece que põe é problema, de caráter geral, problemas do tipo ... origem da vida, portanto, saber como é que .... se passou de, da etapa do movimento da matéria inerte, digamos, para a etapa biológica do movimento da matéria, e problemas, por exemplo de, de, de, de sistemas abertos, como são os sistemas vivos e, portanto, mas auto suficientes também, portanto, com processos de regulação que asseguram essa autosuficiência, portanto, e , e a coerência interna, portanto, isto são problemas... portanto que ligam à ... que ligam ao, aos campos, da informática, de certo modo, não é, em geral. Portanto diz-se que, que o, que o ser, funcionamento, a fisiologia**, portanto**, o funcionamento de um ser vivo, constituiu uma rede cibernética de relações de regulação, etc. Portanto transmissão de informação, tratamento dessa informação, processamento dos dados transmitidos, quer dizer, isto agora, na, na terminologia... da, da electrónica, não é isso. É isso. Portanto, eu ir (...), irei isso por causa da, desses problemas que isto pode ajudar a, a ventilar, não é: (PE falado - G-0524: 28)

Quanto à análise da fronteira posterior que delimita a ocorrência de *portanto*, pelos resultados apontados na tabela 3, verificou-se que não há predomínio significativo de nenhum tipo de elemento em especial, distribuindo-se de maneira quase equivalente, no tocante ao total geral de fronteiras. Não houve casos de fronteiras constituídas por predicativo nem por pontuação.

Front.	Suj.		Verbo		Junt.		M. c.		Rese		A.A.		Apost.		CVer		T
	N	%	n	%	N	%	N	%	N	%	n	%	n	%	N	%	
Com	7	70	4	44	2	33	-	-	-	-	1	14	-	-	2	50	16
Adv.	-	-	2	22	-	-	-	-	-	-	2	29	-	-	1	50	5
Ref.	-	-	1	11	-	-	-	-	8	89	-	-	-	-	-	-	9
Marc.	3	30	2	22	4	67	5	100	1	11	4	57	1	100	-	-	20
Total	10	20	9	18	6	12	5	10	9	18	7	14	1	4	3	6	50

Tabela 3: PE falado - Fronteira posterior a *portanto*

Porém, tomando-se cada função assumida por *portanto* isoladamente, percebem-se dados mais significativos.

Como conector, *portanto* predominantemente se coloca imediatamente antes do sujeito, seguido dos casos de verbos. Uma análise mais acurada, entretanto, mostra que *portanto* se posiciona antes do verbo quando o sujeito está elíptico, como em (82), acima; quando são formadas por verbos, na verdade, os sujeitos estão elípticos (84); nos casos em que a fronteira é estabelecida por um adjunto adverbial ou um juntor, observa-se que sempre se marca o início de uma nova frase. Assim, fica claro que, como conector, a fronteira posterior a *portanto* é sempre constituída por um elemento que inicia uma nova frase, o que reafirma a hipótese de que *portanto*, nessa função, sempre dá início a textos.

> (83) e aquilo que tu começas a fazer sem preparação praticamente nenhuma é imediatamente julgado e classificado, porque criticado é o menos, não é, mas, mas é logo para classificação, **portanto** começa logo aí a grande tensão, quer dizer (PE falado -G 0304:38)

Como advérbio, esse elemento geralmente antecede um verbo, mas pode também se posicionar antes de um adjunto adverbial, aqui repetida a ocorrência (34).

(34) . AF. E a que acha que se deve esse desinteressa por uma coisa que afinal é tão fundamental...
JR. Por que não tinha sido,
AE. ... como a música.
JR . Porque não era de início. A criança não era de início leva nesse sentido e **portanto** não tinha interesse porque nós até aqui há uns anos, por exemplo, há quatro ou cinco anos. (PE falado - 259-02-ta0-005-31-m-a-6-5-c)

Exercendo a função de reformulador de constituintes, é típico desse juntor ocorrer antes de frases nominais, com apenas um caso de posicionamento antes do verbo, como na ocorrência (56).

(56) "Agora, parece que põe é problema, de caráter geral, problemas do tipo ... origem da vida, **portanto**, saber como é que .... se passou de, da etapa do movimento da matéria inerte, digamos, para a etapa biológica do movimento da matéria, e problemas, por exemplo de, de, de, de sistemas abertos, como são os sistemas vivos e, portanto, mas auto suficientes também, portanto, com processos de regulação que asseguram essa autosuficiência, portanto, e , e a coerência interna, portanto, isto são problemas... portanto que ligam à ... que ligam ao, aos campos, da informática, de certo modo, não é, em geral. Portanto diz-se que, que o, que o ser, funcionamento, a fisiologia, portanto, o funcionamento de um ser vivo, constituiu uma rede cibernética de relações de regulação, etc. Portanto transmissão de informação, tratamento dessa informação, processamento dos dados transmitidos, quer dizer, isto agora, na, na terminologia... da, da electrónica, não é

> isso. É isso. Portanto, eu ir (...), irei isso por causa da, desses problemas que isto pode ajudar a, a ventilar, não é (PE falado G-0524:18)

Como marcador conversacional, *portanto* ocorre geralmente antes de um outro marcador conversacional, mas pode também anteceder sujeitos, conectores, adjuntos adverbiais, verbos e frases nominais. Depreende-se desses resultados que, após o uso de *portanto* nesse papel, sempre se inicia uma unidade significativa (sintagmas ou orações). Isso reforça a hipótese de que, nesses casos, é usado para possibilitar o planejamento local.

O fator relativo à modalidade da oração introduzida, demonstrado na tabela 4, não se revelou muito pertinente para o presente estudo. Os resultados parecem estar correlacionados à própria quantidade de usos das modalidades oracionais presentes nos textos falados ou escritos. Como há maior número de orações declarativas, é natural que haja também, no córpus, ocorrências em que *portanto* aparecem mais nessa modalidade, como em (84). Nos casos de marcador conversacional e reformulador de constituintes, esse fator não se aplica. Houve um único caso em que o elemento introduzido por *portanto* era modalizado (85); casos de orações imperativas, interrogativas e optativas não foram localizados nesse córpus.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Modalidade	Declar.		Não aplic.		Modal.		Negativa		T
	N	%	N	%	N	%	N	%	
Conector	15	79	-	-	1	100	-	-	16
Advérbio	3	16	1	3	-	-	1	100	5
Reformulador	1	5	8	28	-	-	-	-	9
Marcador	-	-	20	69	-	-	-	-	20
Total	19	38	29	58	1	2	1	2	50

Tabela 4: PE falado - Modalidade da oração introduzida por *portanto*

(84) e depois tu tens cinqüenta minutos à tua frente, em que não podes dizer uma palavra em português, em que não podes deixar de passar um erro da boca do aluno, e muito pior dizê-lo, não é, tu próprio. De maneira que imagina o que é. Agora imagina o que é uma pessoa que tem que dar uma aula destas e que sabe que vai ser pesada um todos os pormenores assim logo em outubro. É o que aconteceu a mim aconteceu a outras também, claro. **Portanto** isso é, isso é um dos grandes problemas. O outro problema é o problema do tempo. (PE falado – G-0304: 58).

(85) eu numa seda não posso desenhar a mesma coisa que posso desenhar, por exemplo, num, num, num padrão para um casado, pois vê-se, mesmo até nas sedas chinesas, que é uma coisa que acontece imenso, vermos figuras e a seda continua a ter um aspecto levíssimo com aquelas figuras todas desenhadas, figuras humanas e... por aí fora, tudo desenhado, e a seda continua a ter um aspecto profundamente leve. Isso aí da maneira como é tratado o material. Ao passo que se nós fossemos pegar nesse padrão e desenhar as mesmas figuras, os homenzinhos, os cavalos, e essa coisa toda num tecido de lá, grossíssimo, por exemplo, quer dizer, isso não tinha de maneira nenhuma importância nenhuma nem resultava tão pouco para aí. **Portanto**, todo o desenho terá de ser pensado para o material em que vai ser aplicado. (PE falado – G-0340: 58).

Os resultados relativos à estrutura do elemento introduzido por *portanto* podem ser vistos na tabela 5.

Estrutura	Or. simples		Termo		Or. Compl.		Não aplic.		T
	N	%	N	%	N	%	N	%	
Conector	10	71	-	-	6	86	-	-	16
Advérbio	4	29	1	11	-	-	-	-	5
Reformulador	-	-	8	89	1	14	-	-	9
Marcador	-	-	-	-	-	-	20	100	2
Total	14	28	9	18	7	14	20	40	50

Tabela 5: PE falado - Estrutura do elemento introduzido por *portanto*

O predomínio de ocorrências refere-se às orações simples, tanto na função de conector (86) como na de advérbio(34), aqui repetida. No caso de introdução de termos, o maior número de ocorrências refere-se à reformulação de constituintes (87); na introdução de orações complexas, há mais casos quando a função de *portanto* é de conector, fato explicável pela própria estrutura da relação criada pelo conector conclusivo, que introduz uma nova orações a(s) outra(s) precedente (s). Note-se que, nessa modalidade do PE oral, não houve casos de introdução de orações reduzidas nem de frase nominais.

(86) JB. Qual é a tua especialidade?
JL. A minha especialidade é a química, mas isto não é a especialidade dentro, da química, é bioquímica, ainda mais especialmente a biologia molecular e, e **portanto**, isso associado à minha formação básica que, que, que é ... do curso de farmácia, não é que, de especialmente a parte, portanto de, de, de, de compostos orgânicos com atuação fisiológica ... (PE falado -G 0524:4)

(34) AF. E a que acha que se deve esse desinteressa por uma coisa que afinal é tão fundamental...
JR. Por que não tinha sido,
AE. ... como a música.
JR . Porque não era de início. A criança não era de início leva nesse sentido e **portanto** não tinha interesse porque nós até aqui há uns anos, por exemplo, há quatro ou cinco anos. (PE falado - 259-02-ta0-005-31-m-a-6-5-c)

(87) a miudagem ... interessa-nos na medida em que tem muito mais interesse para o quinto grupo**, portanto** para desenho, en[sinar] ensinar crianças naquela idade**,** portanto dos oito aos nove anos, aos dez anos, mesmo onze anos, ensinar adultos, já feitos, no desenho não tem interesse. (PE falado - G-0347:39)

No tocante ao último fator, o tipo de domínio lingüístico em que se dá a relação mediada por *portanto*, os dados são bastante significativos, conforme indica a tabela 6. Tais resultados são fruto também do cruzamento entre os fatores relativos à função de *portanto* e o tipo de domínio lingüístico em que se insere esse elemento.

Domínio	Epistêmico		Conteúdo		Não aplicável		Total
	N	%	N	%	N	%	
Conector	17	100	-	-	-	-	17
Advérbio	-	-	5	100	-	-	5
Reformulador	-	-	-	-	8	29	8
Marcador	-	-	-	-	20	71	20
Total	17	34	5	10	28	56	50

Tabela 6: PE falado - Tipo de domínio lingüístico

Os dados revelaram que o domínio é sempre epistêmico nos casos em que *portanto* assume a função de conector (88), sendo sempre domínio de conteúdo quando a função é a de advérbio (81). Não houve ocorrências em que o domínio lingüístico era de atos de fala. Nos casos de reformulador de constituintes e de marcador conversacional, esse fator não é aplicável.

(88) FS- Pra mim representa estágio, devia representar estágio, porque ... não, representa estágio.
TA – Mas diz lá o que é que a a dizer, diz lá.
FS – Não, porque, de facto aquilo não é um estágio, não é um estágio porque pá ser estágio é preciso haver pessoas que ensinem, é preciso haver condições pa aprender, é preciso espíritos voltados pa aprendizagem e pa investigar até as próprias coisas que vão surgindo, não é, e isso lá não existe**, portanto** estágio não é, mas (PE falado - G-0472:35).

(81) saltar cá para fora, saltar cá para baixo, é que já não é nada acessível, não é, então há esse contraste de, de, de posição, de circunstância, e o contraste depois da, do ambiente todo, quer dizer, tu saltas cá para fora e sais **portanto** daquele ambiente de, de dinamismo e entusiasmo e de barulho e inclusivamente de barulho do avião (PE falado - G-1275:39)

5. 2. Português europeu escrito

Nessa modalidade do português europeu, predominam as ocorrências em que *portanto* exerce a função de conector (89); são poucos os casos em que a função é de reformulador(90), porém com número considerável de casos de advérbio(91) , como mostrado na tabela 7.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Função	N	%
Conector	33	66
Advérbio	13	26
Reformulador	4	8
Marcador conversacional	-	-
Total	50	100

Tabela 7: PE escrito - Funções da forma *portanto*

(89) V.: Cede muito às audiências?

H.J.: Não, cedo muito pouco. Se cedência é algo que nós fazemos contra vontade e que nos dói, nessa perspectiva não cedo. É mais uma coisa que faço com naturalidade e alegria. É inevitável, o Woody Allen faz um filme na esperança de ter público. Aliás, na RTP, nos últimos tempos, já tinha a preocupação de tornar o programa interessante e ágil, para captar a atenção das pessoas. Esse exercício permite que nos mantenhamos actualizados. É como uma ginástica que não nos deixa envelhecer. Um atleta também treina todos os dias para não perder a forma. E eu precisava um bocadinho disso.

V.: Precisa mesmo disso?

H.J.: Preciso. Durante muito tempo, pensei que era por dinheiro, mas comecei a perceber que era realmente por necessidade de fazer aquilo de que gosto. A minha actividade empresarial movimenta muito mais dinheiro do que a actividade profissional, na televisão. **Portanto**, esta perdeu peso enquanto fonte de rendimento. Trabalho mesmo por amor. (PE escrito -I-ENT-VI: 92)

(90) Aos 20, aos 30, mesmo aos 40, eu não poderia pensar assim, ver assim! As solicitações eram outras, outros os perigos, outras as preocupações...Esta plenitude, calma, lúcida, reflectida, só o tempo, a experiência, a idade, **portanto**, nos consegue proporcionar. (PE escrito - 572-20-c00-204-20-m-j-5-7-00)

(91) A memória SEM funciona bem e pode ser usada por muitos programas, mas não é a solução ideal: há um certo desperdício de tempo na organização e gestão de todas essas páginas de memórias separadas, e **portanto** a performance de sistemas SEM é limitada. Os micros de tipo AT (que usam processadores 80286 ou 386) podem ser mais do que i Mb de memória directamente. O MS-DOS propriamente

unesp

dito não pode usar essa memória (PE escrito - 572-20-c00-204-20-m-j-5-7-00)

Considerando-se a tabela 8, que trata da posição de *portanto* com relação ao elemento introduzido, observa-se o percentual maior de posição intermediária, nos casos de conector (92) e de advérbio (93). Já como reformulador de constituintes (94) , há preferência pela posição final.

Posição	Inicial		Intermediária		Final		Total
	N	%	N	%	N	%	
Conector	13	65	18	69	2	50	33
Advérbio	6	30	7	27	-	-	13
Reformulador	1	5	1	4	2	50	4
Marcador	-	-	-	-	-	-	-
Total	20	40	26	52	4	8	50

Tabela 8: PE escrito - Posição

(92) Adol — E a vida de médico é complicada? Ter que fazer bancos, não ter horários?

MM — Como qualquer actividade é uma questão de opção. Um médico tem que ter disponibilidade total e permanente, não pode ser como o funcionário público. As pessoas não ficam doentes só das 8 da manhã às 5 da tarde, adoecem em qualquer altura e é preciso estar sempre disponível. Essa disponibilidade permanente acrescida de uma obrigação de estudo para actualização constante, deixam muito pouco tempo para lazeres e, pior ainda, dificultam uma programação da vida. Será **portanto** uma vida difícil para quem ambicione uma vida regular e previsível. Por isso**,** a medicina clínica só satisfará quem goste do inesperado e deteste rotinas. No fundo, o que importa é que se goste de uma vida de desafios e que para esse prazer se esteja disposto a pagar o preço de prescindir de outras satisfações. (PE escrito-I-ENT-ADOL: 50)

(93) Os novos materiais são fruto de várias combinações, como é o caso do plástico reforçado com fibra de vidro, onde se combina

resistência e supressão da fragilidade que ambos apresentam em separado. As suas aplicações são muito diversificadas, sendo, **portanto**, utilizadas em áreas distintas como a construção, a medicina ou a aeronáutica espacial. (PE escrito -II-Ma-Quo: 95)

(94) No final do ano, perante este longo período de seca, a percentagem de água nas albufeira, a Norte do Tejo, não passava dos 55 por cento da sua capacidade máxima, pouco mais da metade, **portanto.** A situação, assim, pode considerar-se alarmante no que diz respeito à futura produção de energia eléctrica. (PE escrito -1319-20-i01-003-57-m-a-6-3-0)

No tocante à fronteira posterior a *portanto*, representado na tabela 9, percebe-se que a colocação desse elemento antes de predicativo é a forma preferida nos casos de conector (95), seguida pela de complemento verbal (96), ou seja, casos em que a estrutura oracional é segmentada; ocorrências de elementos que, comumente, iniciam orações apareceram em menor número (97) .

Front.	Pred.		CVerb		Verbo		A. Adv.		Pont.		Fr nom.		C Nom.		T
	N	%	n	%	N	%	N	%	N	%	n	%	n	%	
Com	13	39	9	12	3	9	6	18	2	6	-	-	-	-	33
Adv.	4	25	4	25	5	31	3	18	-	-	-	-	-	-	16
Ref.	1	7	-	-	-	-	-	-	1	33	1	100	1	100	4
Marc.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total	15	30	11	22	6	12	5	10	3	6	1	2	1	2	50

Tabela 9: PE escrito - Fronteira posterior a *portanto*

(95) Estas actividade envolvem alguns riscos físicos elevados?

Não envolvem riscos desde que se cumpram algumas regras e se tenha bom senso. A pessoa deve escolher uma actividade apropriada ao seu estado físico global. Envolve tanto risco físico como o que envolve alguém que está há dois meses sentado à frente de um computador e vai jogar futebol com os amigos. É capaz de partir um pé. É tudo, ***portanto***, uma questão de preparação e prevenção. Por isso, há pessoas a quem não é recomendável este tipo de modalidades, aliás, como existem contra-indicações em todas as áreas da actividade física. (PE escrito -I-Ent-Quo: 13/14)

(96) Existe um tipo de bordão linguístico próprio de cada grupo social?
Eu não diria que a adopção de um determinado bordão linguístico depende apenas do grupo social. Lembremos, por exemplo, a utilização de 'pá' em pleno período, da Revolução dos Cravos. Há, **portanto**, bordões linguísticos que surgem em determinados períodos, sendo os meios de comunicação social responsáveis pela 'contaminação' dos falantes, existindo também os que se identificam com um grupo etário. (PE esrito -I-ENT-QUO:4)

(97) A maioria dos portugueses ainda não faz uma quantidade significativa de compras através da Internet. Porquê?
Sobretudo, devido a uma questão de mentalidade: os portugueses são conservadores e têm sempre receios em relação à segurança, apesar de os responsáveis pelo protocolo SET — Transacção Electrónica Segura — garantirem que é tão perigoso pagar com um cartão de crédito num restaurante como nos 'sites' de comércio electrónico. **Portanto,** a verdade é que todos nós gostamos de fazer compras nas lojas tradicionais e não deixamos de fazê-las por causa da utilização dos cartões.(PE escrito-I-ENT-QUO:6)

No caso da modalidade do elemento introduzido por *portanto*, de acordo com a descrição da tabela 10, nota-se o predomínio das orações declarativas nas funções de conector (98) e de advérbio (99), talvez condicionado pela própria quantidade de orações deste tipo utilizada na

língua, conforme já discutido. Os casos diferentes desses são pouco significativos. Não ocorreu caso de modalidade optativa.

Modalidade	Decl.		Modal.		Negat.		Inter.		Imper.		Não apl.		T
	n	%	N	%	n	%	N	%	N	%	n	%	
Conector	26	68	3	75	2	67	1	100	1	100	-	-	33
Advérbio	11	30	1	25	1	33	-	-	-	-	-	-	13
Reformulador	1	2	-	-	-	-	-	-	-	-	3	75	4
Marcador	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total	38	74	4	8	3	6	1	2	1	2	3	8	50

Tabela 10: PE escrito - Modalidade da oração introduzida por *portanto*

(98) Estas actividade envolvem alguns riscos físicos elevados?
Não envolvem riscos desde que se cumpram algumas regras e se tenha bom senso. A pessoa deve escolher uma actividade apropriada ao seu estado físico global. Envolve tanto risco físico como o que envolve alguém que está há dois meses sentado à frente de um computador e vai jogar futebol com os amigos. É capaz de partir um pé. É tudo, ***portanto***, uma questão de preparação e prevenção. Por isso, há pessoas a quem não é recomendável este tipo de modalidades, aliás, como existem contra-indicações em todas as áreas da actividade física. (PE escrito-I-Ent-Quo: 13/14)

(99) As suas utilizações são quase ilimitadas, sendo mais completos que os metais. Um exemplo do seu uso pode ser encontrado no hipódromo de Oklahoma City, onde a pista foi coberta por este material, evitando, *portanto* que se gele ou fique sujo. (PE escrito-II-Ma-Quo:11)

Referindo-se ao tipo de estrutura do elemento introduzido por meio da forma portanto, tem-se a tabela 11, que revela o maior percentual de ocorrências nos casos de orações complexas quando a função de portanto é

a de conector (100), seguido de orações simples, nos casos de conector e de advérbio (101). Todos os casos de orações reduzidas representam as ocorrências de portanto como advérbio (91). Já nos casos de reformulador de constituintes, todos os elementos introduzido têm a estrutura de um termo (94).

Estrutura	Or.compl		Or.Simpl		Or. Red.		Fr. nom		Termo		T
	N	%	n	%	n	%	n	%	n	%	
Conector	19	83	12	75	-	-	1	20	1	20	33
Advérbio	4	17	4	25	5	80	-	-	-	-	13
Reform.	-	-	-	-	-	-	-	-	4	80	4
Marcador	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total	23	46	16	32	6	12	1	2	4	8	50

Tabela 11: PE escrito - Estrutura do elemento introduzido por *portanto*

(100) Adol — O que é que acha de já termos estudantes a recorrer as universidades espanholas para tirar um curso de medicina?

MM — Olhe, acho que eles fazem muito bem (risos) porque quando nós levantamos tantas dificuldades ao exercício da actividade no nosso país, e ainda por cima dificuldades que são completamente fora da realidade actual (se um indivíduo tirar o curso num país estrangeiro pode exercer cá, com a nova legislação da comunidade), não podemos esperar outra coisa. As teorias malthusianas de protecção profissional estão completamente desactualizadas. Eu se tivesse um filho e ele não conseguisse entrar numa universidade de cá também o mandava para Espanha. Lá tem imensas vantagens, aqui tem imensas desvantagens e quando acabam o curso podem fazer o internato cá. **Portanto**, só há vantagens em ir para fora. O que é uma estupidez, porque o ideal era poder fazer aqui. Portanto, ou fazemos alguma coisa no acesso a medicina em Portugal ou continuamos a perder a maior parte das pessoas de mérito. (PE escrito -I-ENT-ADOL: 36)

(101) A investigação dos comportamentos neonatais permitiu provar que o recém-nascido tem, desde muito cedo, um sentido do olfacto bem desenvolvido: colocando dois algodões de cada lado do nariz do bebé, um impregnado com leite da mãe e outro com leite de outra mulher que tenha tido um filho no mesmo dia, verifica-se que o bebé se volta significativamente para o algodão que tem o leite da sua mãe.

A criança possui, assim, desde os primeiros dias, um olfacto suficientemente apurado para reconhecer o cheiro da mãe. Alguns autores pensam, inclusivamente, que o olfacto pode estar mais desenvolvido nos recém-nascidos do que nas crianças de mais idade ou nos adultos, o que está certamente relacionado com a necessidade de procurar, por todas as formas, o peito da mãe.

Quanto ao paladar, a criança sabe apreciar o gosto do liquido amniótico, ainda dentro do útero da mãe. Isso foi provado através de experiências em que, conferindo ao líquido amniótico um sabor mais açucarado, se conseguiu desencadear movimentos de deglutição mais intensos. Tudo isto é natural se pensarmos que o líquido amniótico é impregnado por várias substâncias e sabores que passam da mãe e que têm origem nos alimentos que esta consome. Os gostos alimentares têm, **portanto**, uma origem muito precoce na vida da criança. Isso pode explicar certas preferências, embora não deva servir como alibi para as «esquisitices» alimentares da criança. (PE escrito -II-Ma-P&F:91)

(91) A memória SEM funciona bem e pode ser usada por muitos programas, mas não é a solução ideal: há um certo desperdício de tempo na organização e gestão de todas essas páginas de memórias separadas, e **portanto** a performance de sistemas SEM é limitada. Os micros de tipo AT (que usam processadores 80286 ou 386) podem ser mais do que i Mb de memória directamente. O MS-DOS propriamente dito não pode usar essa memória

(102) Os novos materiais são fruto de várias combinações, como é o caso do plástico reforçado com fibra de vidro, onde se combina resistência e supressão da fragilidade que ambos apresentam em separado. As suas aplicações são muito diversificadas, sendo, **portanto**, utilizadas em áreas distintas como a construção, a medicina ou a aeronáutica espacial. (PE escrito -II-Ma-Quo: 95)

unesp

(94) No final do ano, perante este longo período de seca, a percentagem de água nas albufeira, a Norte do Tejo, não passava dos 55 por cento da sua capacidade máxima, pouco mais da metade, **portanto.** A situação, assim, pode considerar-se alarmante no que diz respeito à futura produção de energia eléctrica. (PE escrito - 572-20-c00-204-20-m-j-5-7-00)

Finalmente, como demonstra a tabela 12, o fator referente ao domínio lingüístico revelou a correlação entre a função e tipo de conteúdo: conectores/epistêmicos (98) e advérbios/conteúdos(103). A exceção, nos dois casos, ocorreu no domínio determinado por atos de fala (104).

Domínio	Epistêmico		Conteúdo		Ato de fala		Não aplic.		Tot.
	N	%	N	%	N	%	N	%	
Conector	30	100	1	7	2	67	-	-	33
Advérbio	-	-	12	86	1	33	-	-	13
Reformulador	-	-	1	7	-	-	3	75	4
Marcador	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total	30	6	14	28	3	6	3	6	50

Tabela 12: PE escrito - Tipo de domínio lingüístico

(98) Estas actividade envolvem alguns riscos físicos elevados?
Não envolvem riscos desde que se cumpram algumas regras e se tenha bom senso. A pessoa deve escolher uma actividade apropriada ao seu estado físico global. Envolve tanto risco físico como o que envolve alguém que está há dois meses sentado à frente de um computador e vai jogar futebol com os amigos. É capaz de partir um pé. É tudo, ***portanto***, uma questão de preparação e prevenção. Por isso, há pessoas a quem não é recomendável este tipo de modalidades, aliás, como existem contra-indicações em todas as áreas da actividade física. (PE escrito -I-Ent-Quo: 13/14)

(103) As suas utilizações são quase ilimitadas, sendo mais completos que os metais. Um exemplo do seu uso pode ser encontrado no hipódromo de Oklahoma City, onde a pista foi coberta por este material, evitando, ***portanto*** que se gele ou fique sujo. (PE escrit-II-o Ma-Quo:11)

unesp

(104) Cristina fundou a Associação de Apoio aos Implantes Cocleares (em 1997), e de entre os 200 associados vai congregando casos de êxito. O do Fábio, por exemplo, o primeiro menino a ser implantado (1992),que fala e lê com uma dicção perfeita. Por isso sente-se revoltada com a reacção adversa dos surdos: "Cada criança é um caso. Há miúdos, como o João, que não têm qualquer apetência pelo gestualismo." E conta como o filho, aos 2 anos, ia sendo atropelado. "Eu chamava-o e ele não ouvia." Não lhe falem, **portanto**, em direitos das crianças. "Elas não terão também o direito de ouvir?" (PE escrito - II-Ma-Vi: 282)

(105) Só assim se solta a dorida atmosfera das distâncias, países e décadas percorridas por este insubmisso caminhante. "Este diário não é a crônica dos meus dias, mas a parábola deles". Não se espere, **portanto**, especiais revelações, por exemplo, a cerca das várias polêmicas literárias em que se envolveu, ou indiscrições sobre com quem ele se cruzou, ou o desiludiu. (PE escrito – II-MA-Vi:320)

5.3. Português brasileiro falado

Na modalidade oral do português do Brasil, houve predomínio da forma *portanto*, com a função de conector, uma quantidade razoável como advérbio (106) e poucos casos de reformulador (107), conforme indicado pela tabela 13. É interessante notar a presença de apenas um caso em que *portanto* é marcador conversacional (72).

Função	N	%
Conector	33	66
Advérbio	10	20
Reformulador	6	12
Marcador conversacional	1	2
Total	50	100

Tabela 13: PB falado - Funções de *portanto*

unesp

(106) vocês agora eu acredito que já tenham tido... seis aulas de introdução à ciência do direito... e também entre: cinco e oito aulas de teoria geral do estado... **portanto**... já devem estar... mais ou menos por dentro até do linguajar:... da técnica jurídica (PB falado - EF-RE-337: 82)

(107) então vocês vêem que geralmente...o crescimento das glândulas mamárias...está ligado...realmente à açao hormonal...se::se faz a retirada do testículo e retirando **portanto**...a fonte que/ a elaboradora do testosterona...terá que haver uma ginecomastia (PB falado - EF-SSA-49: 39)

(72) então o tecido subcutâneo...abaixo da pele **portanto**...nós vamos encontrar os elementos vasculares de::.../ hormônios responsáveis pela...vasc/...irrigação...e pela inervação da glândula (PB falado - EF-SSA-49: 28)

(108) quanto às dimensões...quanto as dimensões nós vamos notar que...na mulher...existem fases...em que...as glândulas mamárias...aumentam consideravelmente de tamanho...a partir da puberdade...**portanto** que é o primeiro/ a primeira vez do aparecimento da menstruação...ou da regra em seguida...nós vamos encontrar durante a...gestação...na gravidez...há uma hipertrofia da glândula mamária (PB falado -EF-SSA-49)

Considerando-se o fator posição em relação ao elemento introduzido, de acordo com a tabela 14, pode-se concluir que a posição inicial é a preferida em todos os casos.

Posição	Inicial		Intermed.		Final		Não aplic.		Total
	N	%	N	%	N	%	N	%	
Conector	21	68	12	71	-	-	-	-	33
Advérbio	5	16	5	29	-	-	-	-	10
Reformulador	5	16	-	-	1	100	-	-	6
Marcador	-	-	-	-	-	-	1	100	1
Total	31	62	17	34	1	2	1	2	50

Tabela 14: PB falado - Posição da forma *portanto* em relação ao elemento introduzido

Como conector, há ocorrências em que a posição é intermediária (109), em menor número; como advérbio de causa, essa posição ocorre nos casos em que a estrutura frasal é formada por um verbo gerundivo seguido de *portanto*, obrigatoriamente (110). Já como reformulador, é usado sempre no início do elemento introduzido(111).

(109) . Doc. (quanto às profissões) libeRAIS o senhor acha que no Brasil há um desequilíbrio numérico de umas em relação a outras?
Inf. bem eu não diria que:: possui/que fosse assim um desequilíbrio numérico... ah:: eu pensaria o seguinte que a:: em relação às profissões o que existe no Brasil... é a ausência de um estudo... sobre o mercado de trabalho... se verifica mesmo dentro da universidade que a universidade de forma ... anualmente um número razoável de profissionais de alunos que ingressam nas escolas ... e que delas saem ... sem que a universidade possa:: Ter uma mensuração... de por exemplo se no mercado de trabalho em Porto Alegre existem ah:: advogados em número suficiente para atender à área (em) Porto Alegre se existem médicos suficientes para atender à área em Porto Alegre ou dentistas ou engenheiros enfim qualquer uma das profissões que:: ah::saem da universidade.. o que eh: existe **portanto** não seria propriamente um desnivelamento numérico e sim então a:: ausência de um:: estudo que pudesse dar condições àqueles jovens que estão na Universidade por exemplo (PB falado - DID-POA-8:21)

(110) o mesmo acontece para o sexo feminino...se na mulher se retira os ovários...retirando **portanto** a fonte pro/ da/ eh:: eh::/ elaboradora de hormônio...feminino...o:: as glândulas mamárias...elas se atrofiam (PB falado- EF-SSA-49:112)

(111) Doc. Eu gostaria que o senhor ... dissesse o nome ... de todos os tipos de ... de máquinas que se usam pra mover o trem o senhor já falou aí em locomotiva ... desde as mais antigas até as mais modernas ... o senhor já falou em locomotiva de carvão ...
Loc. ... eu conhecei locomoti/locomotiva... à lenha ... tá ouvindo... a carvão ... a diesel... **portanto** a óleo ... e a elétrica ... (PB falado - DID-SA-112:225)

Com relação à fronteira posterior a *portanto*, os dados mostram, de acordo com tabela 15, que a posição anterior ao sujeito é a preferida nos casos de conector (112), podendo esse elemento colocar-se também antes de um verbo (113), de um adjunto adverbial (114) ou ainda de juntor (115), ou seja, elementos lingüísticos que, normalmente, iniciam novas unidades significativas.

Fronteira	Suj.		Verbo		A.Ad		C.V.		Juntor		C.N.		Apost.		Fr.Nom		T
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	
Conector	10	77	8	67	8	89	4	50	2	50	-	-	-	-	1	100	33
Advérbio	2	15	3	25	1	11	3	38	-	-	-	-	1	100	-	-	10
Reform.	1	8	1	8	-	-	1	13	1	25	2	100	-	-	-	-	6
Marcador	-	-	-	-	-	-	-	-	1	25	-	-	-	-	-	-	1
Total	13		12		9		8		4		2	-	1		1		

Tabela 15 : PB falado - Fronteira posterior a *portanto*

(112) D O senhor podia dar um quadro assim como é que mais ou menos o senhor distribuiu o seu salário em relação a essas despesas?

L2 Eh distribuo o salário assim ... em termos ... o meu apartamento é próprio... **portanto** eu não pago aluguel (PB falado - D2-RJ-355:8)

(113) Mas não se pode dizer ... que a língua transmite todo um sentido profundo de uma cultura... eu não não vou entrar nesses argumentos é um coisa que há vinte anos eu vejo discutido eu acho apaixonante... mas ... apenas eu coloquei para vocês a questão lógica.... lembram-se disso? ... Equiménedes De Creta dizia "todos os cretenses são mentirosos"... certo? ... ele estava dizendo a verdade ou a mentira? ... quem me diz? ...

Loc. acidental a mentira ...

Inf. a mentIRA ... ? mas se ele dizia todos os cretenses são mentirosos ele estava mentindo **portanto** estava dizendo a verdade... se ele dizia a verdade mentia e sem mentia dizia a verdade... (PB falado - EF-SP-124:399)

(114) por que ele estacionou ....porque para crescer mais do que isso ... era preciso ... criar uma nova estrutura ... se o BOB/BOB'S pretendesse ampliar a sua área de atuação no estado do Rio ... chegar a São Paulo ... **portanto** ampliar a sua participação no mercado não eram três ou quatro pessoas que poderiam continuar dirigindo ... (PB falado - EF-RJ-363:420)

(125) mas onde o artista em vez de colocar diante de uma paisagem...e dar daí mesmo uma visão mais ou menos transposta e interpretada...tentaria () fabricar superpaisagens...como aliás a pintura chinesa...nunca deixou de fazer...seria antes nessa direção que eu veria surgir uma solução da contradição atual...numa espécie de síntese da representatividade que de novo poderia ser levada a um ponto extremo...e de não ...e de não representatividade que jogaria no plano da livre com-binação dos elementos...de uma pintura como os grandes quadros de Joseph (Vermeer)... que representa no século dezoito...—que ainda me emociona muito porque representam...ahn porque me fazem reviver essa relação entre o mar e a terra que existia nessa época...nessa instalação humana... que não destruía mas antes ajeitava...as relações naturais da gea/ da geologia da da geo/da geografia da vegetação enfim que repesenta um mundo de sonho onde podemos encontrar refúgio...—é uma posição **portanto** ...que eLEge...ahn...uma::: es/ que elege...um momento da pintura como preferencial...e que manifesta....uma::estética (PB falado - EF-SP-156:673)

Assim, a distribuição para cada função de *portanto* é proporcionalmente semelhante com relação a esse fator, destacando-se apenas dois casos em que a fronteira é formada por complementos nominais (116) e um por aposto (117).

> (116) Loc. Bom, também pode num motor, mais isso quando por exemplo... isso do motor eu distingo pelo seguinte : porque o motor naturalmente ele não fornece ... ele ... nas residências particulares, nas casas particulares ele não trabalha pra fornecer energia...
> Doc. 2 Hum.
> LOC. ... Uma vez que essa energia é distribuição pública, não é isso? Mas o motor que tem a responsabilidade de puxar a água **portanto** de elevar a água até os ... até os tanques colocados mais altos, eles podem dar um defeito e esse defeito pode provocar um colapso na luz de toda a casa (PB falado - DID-SA-81:673)

> (117) quanto à forma de mediastino anterior...mediastino anterior...apresenta a forma quadrilátera...apresentando **portanto**...devido a sua forma quadrilátera...seis paredes...nós temos uma parede superior...uma parede inferior...- - duas - -...uma parede anterior...- - três --...uma parede posterior...- - quatro - -...e duas paredes laterais (PB falado- EF-SSA-49)

A tabela 16 indica o fator relativo à modalidade da oração introduzida. Nessa variedade do português, também o maior número de casos ocorreu em orações declarativas, em todas as funções assumidas por *portanto*, como se pode verificar nas ocorrências anteriores. Não houve casos com orações imperativas, interrogativas nem optativas.

Modalidade	Declarativa		Modaliz.		Não aplic.		Negativa		T
	N	%	N	%	N	%	N	%	
Conector	29	67	4	100	-	-	-	-	33
Advérbio	9	21	-	-	-	-	1	100	10
Reformulador	5	12	-	-	1	50	-	-	6
Marcador	-	-	-	-	1	50	-	-	1
Total	43	86	4	8	2	4	1	2	50

Tabela 16: PB falado - Modalidade da oração introduzida por *portanto*

No tocante à estrutura do elemento introduzido, a maioria dos casos é formada por orações simples, nos casos de conector (118), advérbio (119) e reformulador (116). A exceção ficou por conta do caso de marcador conversacional, caso em que não há introdução de novos elementos no enunciado. A tabela 17 demonstra numericamente essa análise.

(118) Neste tipo de biblioteca :: ... de livre acesso ... de biblioteca moderna a senhora se recorda ... eu seu que nenhuma das duas está dentro dessa faixa etária... **portanto** não podem imaginar o que era uma biblioteca há trinta anos atrás (PB falado - DID-PA-344:57)

(116) Doc... ah ... mesmo que não na Bahia, hás outros destinados a religiosos também, autoridades?

Loc. Sim. Seriam cardinalícios ouviu, os palácios cardinalícios, os palácios governamentais, os palácios arquiepiscopais, dependendo, **portanto**, da atividade que neles se realizam ou o tipo de autoridade que se exerce nesse local (PB falado - DID-SA-81:405)

(131) Loc. Bom, também pode num motor, mais isso quando por exemplo... isso do motor eu distingo pelo seguinte : porque o motor naturalmente ele não fornece ... ele ... nas residências particulares, nas casas particulares ele não trabalha pra fornecer energia...

Doc. 2 Hum.

Loc ... Uma vez que essa energia é distribuição pública, não é isso? Mas o motor que tem a responsabilidade de puxar a água ***portanto*** de elevar a água até os ... até os tanques colocados mais

altos, eles podem dar um defeito e esse defeito pode provocar um colapso na luz de toda a casa (PB falado - DID-SA-81:673)

Estrutura	Or.simpl.		Or.compl		Or. Red.		Termo		Fr. nom.		Total
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	
Conector	17	71	12	75	2	40	2	50	-	-	33
Advérbio	4	17	3	19	3	60	-	-	-	-	10
Reform.	3	24	-	-	-	-	2	50	1	100	6
Marcador	-	-	1	6	-	-	-	-	-	-	1
Total	12	48	16	32	5	10	4	8	1	2	50

Tabela 17: PB falado - Estrutura do elemento introduzido por *portanto*

O último fator, tipo de conteúdo lingüístico, revelou a correlação entre esse fator e a função exercida por *portanto*, já que o conector se insere no domínio epistêmico, e o advérbio no de conteúdo; quanto ao reformulador, houve distribuição mais ou menos equivalente entre esses dois domínios, como se verifica na tabela 18.

Domínio	Epistêmico		Conteúdo		Não aplicável		Total
	N	%	N	%	N	%	
Conector	31	97	-	-	2	40	33
Advérbio	-	-	10	77	-	-	10
Reformulador	1	3	3	23	2	60	6
Marcador	-	-	-	-	1	100	1
Total	32	64	13	26	3	6	50

Tabela 18: PB falado - Tipo de domínio lingüístico

(120) A preocupação de Lévi-Strauss é mostrar...que não há na...ARte e sobretudo na pintura—que nos está interessando--...imagens vulgares...se os artistas as transfigura...uma garrafa é uma coisa somente do ponto de vista utilitário...mas a percepção objetiva....uma garrafa é uma justaposição de formas de contornos de superfícies...de sombra e de luz...de manchas coloridas...e o artista disporá tudo isso...transformando...os elementos...a seu gosto...**portanto** o artista é

aquele que ...sabe ver...não a imagem prática e vulgar....que tem a sua representação no mundo (PB falado - EF-SP-156:223)

(121) por isso ... nós temos um determinado ... critério ... o grande problema que nós vamos defrontar ao analisar cada uma dessas empresas ... é exatamente a sua passagem ... da mesma maneira que você tem dificuldade em dizer se ... hã ... o adolescente ... eh ... e com doze anos já tinha terminado a sua infância e **portanto** tava entrando na adolescência ... também nós ... da empresa ... temos dificuldade de verificar se uma empresa já deixou de ser pequena e passou a ser média (PB falado - EF-RJ-363:292)

(122) Loc.. Bom, também pode num motor, mais isso quando por exemplo... isso do motor eu distingo pelo seguinte : porque o motor naturalmente ele não fornece ... ele ... nas residências particulares, nas casas particulares ele não trabalha pra fornecer energia...
Doc. 2 Hum.
Loc. ... Uma vez que essa energia é distribuição pública, não é isso? Mas o motor que tem a responsabilidade de puxar a água **portanto** de elevar a água até os ... até os tanques colocados mais altos, eles podem dar um defeito e esse defeito pode provocar um colapso na luz de toda a casa (PB falado - DID-SA-81:673)

(123) embora... de vinte mil a doze mil... (quer dizer) praticamente oito mil anos... ainda seja... um período MUIto maiOR do que... o que nós conhecemos... historicamente... que abrange por volta de cinco mil antes de Cristo até hoje **portanto**... por volta de sete mil anos... certo?... então tudo o que a gente vai dizer a respeito desse período... é baseado em pesquisas... arqueológicas (PB falado- EF-SP-405)

5.4. Português brasileiro escrito

Na modalidade escrita do português brasileiro, há, na maioria dos casos, ocorrências em que *portanto* assume a função de conector (124) e um número razoável de advérbios (125). Não houve casos em que a forma em

estudo assumisse a função de reformulador de constituintes, como aponta a tabela 19.

Função	N	%
Conector	36	72
Advérbio	14	28
Reformulador	-	-
Marcador conversacional	-	-
Total	50	100

Tabela 19: PB escrito - Funções da forma *portanto*

(124) ."A execução do orçamento precisa ser muito bem vigiada. Fiscalizada. Acompanhada de perto, com total independência em relação ao Poder Executivo. Quem deve fazê-lo? Com lógica cristalina, Baleeiro sustentava que, no nosso presidencialismo capenga, era essencial que o poder de fiscalizar ficasse por conta de quem elaborou o orçamento, e não de quem vai executá-lo. **Portanto**, a fiscalização da execução orçamentária deveria ficar a cargo de um órgão diretamente ligado ao Poder Legislativo." (PB escrito -Mat-ESP:07/08/00:p.2:56-80)

(125) Esse caso ilustra não apenas o emaranhado em que se transformou o sistema judicial brasileiro como também o divórcio crescente entre a prestação jurisdicional e os fatos sociais, econômico e políticos, divórcio que faz a justiça chegar tarde e, **portanto**, falhar."(PB escrito Ed- ESP:04/08/00:p.3: 35-43)

Esses dados revelam que, no PB escrito, a ocorrência de *portanto* está ainda bastante restrita ao uso como elemento que liga as partes de um texto, seja para estabelecer relação de conclusão ou de causa, mas não se apresenta para reformular constituintes.

unesp

No fator referente à posição em que se encontra *portanto* com relação ao elemento por ele introduzido (tabela 20), o início é sempre a posição preferida, principalmente quando *portanto* corresponde a um advérbio (126); já nos casos de conector, há também muitas ocorrências em que essa forma está em posição intermediária (127), como demonstra a tabela 20.

Posição	Inicial		Intermediária		Final		Total
	N	%	N	%	N	%	
Conector	18	60	17	89	1	100	36
Advérbio	12	40	2	11	-	-	14
Reformulador			-	-	-	-	
Marcador	-	-	-	-	-	-	-
Total	30	60	19	38	1	2	50

Tabela 20: PE escrito - Posição da forma *portanto* em relação ao elemento introduzido

(126) Hoje, uma considerável minoria de nossos jovens constitui a primeira geração pós-cristã que não conhece orações, não consegue citar os Dez Mandamentos, não distingue facilmente entre o certo e o errado e, **portanto,** acha que distinções entre o que é legal e o que não é são arbitrárias e injustas. Por isso, o silogismo de nossa época é: menos religião, mais crimes, polícia, prisões." (PB escrito - Mat-ESP:06/08/00:p.2:279-292)

(127) No livro de 75, associava-se a pobreza paulistana ao caráter fechado do regime militar, que inibia a organização popular por melhorias na qualidade de vida. Veio a abertura e o quadro não se alterou muito. O caso paulistano é, **portanto**, um dos mais dramáticos a atestar que permanece o desafio de demonstrar a efetividade social da democracia." (PB escrito -Ed-FSP:20/06/00:p.2:43-52)

Há um caso em que *portanto* ocorre no final da oração introduzida, mostrada em (128).

(128) Outro dia fui a um show de Brian Ferry e só por volta da sétima ou oitava música lembrei que eu nunca gostei de Brian Ferry, nem nos áureos tempos de Roxy Music. O que eu estava fazendo ali, *portanto*? (PB escrito-Mat-Ve:22/03/00:p.160:2-7)

Quanto à fronteira posterior à forma *portanto,* predominam os casos em que esse limite é composto por elementos que iniciam novas unidades significativas, como verbos (129), adjuntos adverbiais (130), sujeitos (25) e juntores (131), tanto nos casos de conectores quanto nos de advérbio, de acordo com a tabela 21.

Fronteira	Verbo		AAdv.		Suj.		Juntor		Pred		CVerb		CNom		Pont.		T
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	
Conector	10	63	6	66	6	86	5	100	2	50	3	75	2	100	1	50	15
Advérbio	6	38	3	33	1	14	-	-	2	50	1	25	-	-	-	-	35
Reform.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Marcador	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Total	16	32	9	18	7	14	5	10	4	8	4	8	2	4	1	2	50

Tabela 21: PB escrito - Fronteira posterior a *portanto*

(129) É preciso, sem sombra de dúvida, dar início a pesquisa sistemáticas para saber o que existe na Amazônia. Trata-se, contudo, de patrimônio público, o que requer que os interesses públicos sejam preservados. É urgente, **portanto,** elaborar uma legislação para disciplinar a bioprospecção da Amazônia." (PB escrito -Ed-FSP:22/06/00:p.2:47-55)

(130) Imagine o desespero de uma mãe que cercou você de todo o carinho, que te deu tanta proteção, e hoje vê você mergulhar de corpo inteiro numa piscina cheia de algas e bactérias repugnantes. E num verão desses, ainda por cima: quanto mais gente, mais impureza na piscina.
Portanto, não se descuide." (PB escrito -A-Ve:26/01/00:p.58: 1-6)

(25) Ao pai é assegurado o direito de visitas. Quando a mãe cria obstáculos para o pai exercer esse direito, ele pode requerer a revisão da cláusula que regula a guarda dos filhos. Nesse caso, **portanto**, o pai da criança precisa concordar com a viagem." (PB escrito-Car-Clau:07/00:p.60:11-18)

(131) ."Não é indispensável que ele arrote após cada mamada. **Portanto**, se isso não ocorre, geralmente não representa problema algum." (PB escrito-Car-P&F:07/00:p.6:7-11)

Poucos são os casos em que a fronteira é um elemento que, normalmente, se encontra no meio de uma estrutura oracional, como nos casos de complemento verbal (132) e nominal (133).

(132) "...ao contrário do que aponta Saulo Ramos, no 'Painel do Leitor' (20/6) e em uma das reportagens, não há incoerência entre a decisão do governador de não assinar o acordo espúrio da federalização, tal qual proposto pela União, e a habilitação do Besc como credor no caso de Alagoas, por duas razões: porque o Poder Executivo não se confunde com a sociedade de economia mista, credora dos referidos títulos de Alagoas (Besc), que tem autonomia administrativa e financeira, e pelo fato de a operação de federalização, nos termos hoje apresentados pela União, se mostrar vantajosa aos credores, mas ruinosa aos Estados e municípios, demonstrando, **portanto**, não incoerência, mas atuação em homenagem ao interesse público e à moralidade administrativa." (PB escrito -Car-FSP:21/06/00:p.2:26-45)

(133) os países europeus, de modo geral, são contrários à importação de transgênicos exatamentee porque se sentem inseguros sobre os efeitos para a saúde humana e animal desse tipo de organismo.
Logo, se um país (no caso o Brasil) tem condições, como tem, de produzir sementes naturais, fica com um vasto mercado à sua disposição já que não terá a concorrência dos norte-americanos (formidáveis produtores), porque cerca de um terço da produção dos Estados Unidos já é transgênica, inaceitável, **portanto,** para os padrões europeus .
Não parece haver, pois, motivo nenhum para precipitar decisões na área dos transgênicos..." (PB escrito -Mat- FSP:08/07/00 p.2:28-51)

unesp

O tipo de oração introduzida por *portanto*, predominantemente, é a declarativa (134) , conforme pode ser observado na tabela 22.

Modalidade	Declar.		Modal		Inter.		Imper.		Não ap.		Negat.		T
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	
Conector	9	74	8	80	1	100	1	100	-	-	-	-	36
Advérbio	9	26	2	20	-	-	-	-	1	100	2	100	14
Reform.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Marcador	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total	35	70	10	20	1	2	1	2	1	2	2	4	50

Tabela 22: PB escrito - Tipo de oração introduzida por *portanto*

(134) Só a lógica da impunidade explica por que ACM e Arruda seriam capazes de ordenar a uma alta funcionária do Senado um gesto tão tresloucado.
Mais: antes mesmo de falar com os procuradores, ACM já tinha dado pistas, em conversas reservadas, de que conhecia a lista de votação.
É exatamente a mesma lógica de Jader Barbalho, dono de um patrimônio só explicável pela bandalheira.
Tem-se, **portanto**, a seguinte situação moralmente devastadora: ACM, o paladino da moralidade, corre o risco de ser cassado. E Jader também se arrisca a se demolido por não explicar como enriqueceu. Daí se vê a imagem do Congresso, no geral, e do Senado, em particular. (PB escrito- Mat- FSP-22/06/01:p.2:51)

Quanto à estrutura do elemento introduzido por *portanto*, a preferência é por orações complexas, nos casos de portanto como conector (135), seguido dos casos de orações simples (136), como apontado na tabela 23. Como advérbio, as estruturas compostas por orações simples e complexas distribuíram-se eqüitativamente, como ilustram (137) e (138), respectivamente.

Estrutura	Or.compl.		Or. Simpl		Or.Red.		Fr. nom		Termo		Total
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	
Conector	20	77	15	71	-	-	1	100	-	-	36
Advérbio	6	23	6	29	1	100	-	-	1	100	14
Reformulador	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Marcador	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total	26	52	21	42	1	2	1	2	1	2	50

Tabela 23: PE escrito - Estrutura do elemento introduzido por *portanto*

(135) O maior motivo de preocupação em relação ao meu filho é a escola (...)Vejo os professores em greve por melhores salários e logo desconfio que muitos deles sejam analfabetos. Passei por um cartaz dos grevistas com um erro de concordância verbal. No dia seguinte, no Show do Milhão, apareceu uma professora que não sabia o que era apocalipse(...)
O melhor, **portanto**, seria educar meu filho em casa..." (PB escrito-Mat-Ve:21/06/00:p.166:34-69)

(136) Não poderia estar mais de acordo com esta última idéia: não importa o que se ensina, mas o que o aluno aprende. **Portanto,** o aluno deverá ser o centro do processo." (PB escrito-Mat-Ve:31/05/00:p.22:18-22)

(137) Rompidos todos os padrões éticos, inclusive nos 'tribunais' desportivos, o clube alijado foi buscar na Justiça Comum a reparação. E obteve sucesso. Para driblar a decisão judicial, propôs-se a mirabolante fórmula, que se diz campeonato extra-oficial e, **portanto,** sem a obrigação de atender a decisão do Judiciário." (PB escrito -Ed-FSP:08/07/00:p.2:8-16)

(138) "Ora, a medida proposta pelo projeto é de competência dos administradores da fundação e, **portanto**, seu conteúdo viola as normas de direito civil que disciplinam a matéria, artigos 24 e 30 do Código Civil." (PB escrito -Mat-FSP:21/06/00:p.3:122-125)

O último fator tomado como parâmetro para análise, o tipo de domínio lingüístico, encontra-se descrito na tabela 24.

Domínio	Epistêmico		Conteúdo		Ato de fala		Não aplic.		T
	N	%	N	%	N	%	N	%	
Conector	33	100	-	-	3	100	-	-	36
Advérbio	-	-	13	93	-	-	1	100	14
Reformulador	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Marcador	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total	33	66	13	26	3	6	1	2	50

Tabela 24: PE escrito -Tipo de domínio lingüístico

Aqui também há uma correlação entre função e tipo de domínio lingüístico: advérbio/causa (139) e conector/conteúdo (140). Há casos em que o conector ocorreu em atos de fala (130).

(139) Pode apontar estrelas sem medo: isso não vai fazer com que verrugas apareçam nos seus dedos. Já um aperto de mão pode ser "arriscado". As verrugas são causadas por vírus e, **portanto**, são contagiosas, explica a dermatologista Luciane Scattone. (PB escrito – I – Car.FSP: 14: 8)

(140) A nova política de desenvolvimento deve se basear ma busca incansável da transformação produtiva com eqüidade social. A nova ética é a da co-responsabilidade dos grandes setores da vida brasileira (governo, mundo empresarial e terceiro setor) no enfrentamento das desigualdades sociais intoleráveis.

Portanto, se quisermos fazer do século 21 o tempo para a construção de uma vida digna para todos e do nosso país um lugar melhor para vivermos, trabalharmos e nos realizarmos como pessoas, cidadãos e profissionais, deveremos estar dispostos a aderir cada vez mais à prática da co-responsabilidade social. (PB escrito-I-Mat – FSP:45:78)

(130) Imagine o desespero de uma mãe que cercou você de todo o carinho, que te deu tanta proteção, e hoje vê você mergulhar de corpo

inteiro numa piscina cheia de algas e bactérias repugnantes. E num verão desses, ainda por cima: quanto mais gente, mais impureza na piscina.

Portanto, não se descuide." (PB escrito -A-Ve:26/01/00:p.58: 1-6)

A partir dessa descrição, tomam-se as modalidades falada e escrita das variedades brasileira e européia do português para se efetuar a comparação entre o português brasileiro e o europeu.

CAPÍTULO VI

DIVERGÊNCIAS E SIMILARIDADES NAS VARIEDADES BRASILEIRA E EUROPÉIA DO PORTUGUÊS

Na última etapa da análise, comparam-se as duas variedades do português, no intuito de apontar as divergências e as similaridades encontradas no tocante às funções desempenhadas por *portanto*.

Na **modalidade falada**, o uso de *portanto* como conector conclusivo e como advérbio de causa é mais recorrente no PB. Por outro lado, o uso como reformulador de termos e como marcador conversacional prevalece no PE, como demonstrado na tabela 25a.

Na **modalidade escrita**, *portanto* como conector e como advérbio são usados praticamente com a mesma recorrência, diferenciando-se uma variedade de outra apenas quanto ao uso como reformulador de constituintes, mais comum no PE do que no PE. (tabela)

Variedade/modalidade	PE falado		PB falado		Total	
	N	%	N	%	N	%
Conector	16	32	33	66	49	49
Advérbio	5	10	10	20	15	15
Reformulador	9	18	6	12	15	15
Marc. Conversacional	20	40	1	2	21	21
Total	50	100	50	100	100	100

Tabela 25: PE e PB falado - Funções da forma *portanto*

Variedade/modalidade	PE escrito		PB escrito		Total	
	N	%	N	%	N	%
Conector	33	66	35	70	68	68
Advérbio	13	26	14	28	27	27
Reformulador	4	8	1	2	5	5
Marc. Conversacional	-	-	-	-	-	
Total	50	100	50	100	200	100

Tabela 25b: PE e PB escrito - Funções da forma *portanto*

Para efetivação da análise, toma-se cada função desempenhada por *portanto* separadamente.

6.1. Conector

Como conector, *portanto* é usado com muito mais freqüência no português brasileiro falado, enquanto no português europeu esse uso é mais restrito; já na modalidade escrita, há quase uma equivalência percentual, conforme apontam as tabelas 26a e 26b.

Função	N	%	Total
PE	16	32	50
PB	33	66	50

Tabela 26a – PE/PB falado – *portanto* conector

Função	N	%	Total
PE	33	66	50
PB	36	72	50

Tabela 26b – PE/PB escrito - *portanto* conector

Vale notar ainda a nítida variação percentual de usos no PE, já que no texto **falado**, restringe-se a menos de um terço do total de ocorrências, enquanto no escrito, perfaz o equivalente a mais de dois terços dos casos. Já no PB, há um pequeno aumento do uso quando o texto é **escrito**. Assim, no português europeu, *portanto*, como conector, é menos usado do que no brasileiro, o que caracteriza um ponto de divergência entre essas variedades.

Considerando-se a posição de *portanto*, tem-se as tabelas 27a e 27b. Nota-se que a posição preferida, nas duas modalidades, é a inicial; porém, no PE **falado** esse posicionamento é quase absoluto, com pouquíssimos casos de posição intermediária e final, enquanto no PB há uma quantidade um pouco maior de ocorrências que fogem a essa caracterização predominante.

Já na **modalidade escrita**, essa caracterização se altera, pois no PE a preferência é pela posição intermediária, com quase equivalência de uso na posição inicial, enquanto, no PB, continua o predomínio de casos em que *portanto* está no início da oração introduzida, mas com quase equivalência dos casos de posição intermediária. Quanto à posição final, são raros os casos nas duas variedades.

unesp

Posição	Inicial		Intermediária		Final		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
PE	13	81,2	1	6,2	2	12,5	16	32
PB	21	63,6	12	36,3	-	-	33	66

Tabela 27a: PE/PB falado – Posição

Posição	Inicial		Intermediária		Final		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
PE	13	39,3	18	54,5	2	6,0	33	66
PB	18	50	17	47,2	1	2,7	36	72

Tabela 27b: PE/PB escrito – Posição

Quanto ao tipo de fronteira posterior a *portanto* (tabela 28 a e b), na **modalidade falada** das duas variedades, sujeitos são sempre os elementos preferidos para seguir esse conector, além dos casos, em menor número, de verbo, adjunto adverbial e juntor, que, como já comentado, geralmente ocorrem no início de uma oração.

Na **modalidade escrita**, nas duas variedades, nota-se uma distribuição pouco regular dos tipos de fronteira, com casos de elementos que se colocam no início de oração, mas também daqueles que comumente estão no meio de uma oração, como predicativos e complementos verbais, por exemplo. Observa-se, assim, a atuação do Princípio da Importância Pragmática, que prediz ser a posição inicial da oração a preferida para se colocar constituintes com função pragmática especial. No texto **escrito**, há mais tempo para o planejamento e, assim, o usuário pode então recorrer a

construções mais elaboradas, com uso da ordem marcada de constituintes, e não pela ordenação direta.

Fronteira	Sujeito		Verbo		Juntor		A.Adv.		C.Verb.		F. Nom.		T
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	
PE	7	43,7	4	25	2	12,5	1	6	2	12,5	-	-	16
PB	10	30,3	8	24	2	6	8	24,2	4	12,2	1	3	33

Tabela 28a– PB/PE falado: fronteira

Fron	Pred.		C.v.		Verbo		A .Adv.		Pont.		Junt.		CN		Suj.		T
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	n	%	n	%	n	%	
PE	13	39,3	9	27,2	3	9	6	18	2	6	-	-	-	-	-		33
PB	2	5,7	3	8,5	10	28,5	6	17,1	1	2,8	5	14,2	2	5,7	6	17	35

Tabela 28b: PE/PB escrito - Fronteira

Quanto à modalidade da oração introduzida por *portanto*, (tabelas 29a e b) predomina, nas duas variedades, nas respectivas modalidades, em todos casos, a declarativa, já que esse tipo de oração realmente é a mais usada na maioria dos textos em geral.

Na **modalidade falada**, ocorreram alguns poucos casos de estruturas modalizadas; na **escrita**, houve algumas ocorrências, também em pouco número, de orações modalizadas, e ainda algumas de modalidade negativa, interrogativa e imperativa.

Modalidade	Declarativa		Modalizada		T
	N	%	N	%	
PE	15	93,5	1	6,2	16
PB	29	87,8	4	12,1	33

Tabela 29a PE/PB falado: Modalidade

Modalidade	Declar.		Modal		Negat.		Inter.		Imper.		T
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	
PE	26	78,7	3	9	2	6	1	3,3	1	3,3	33
PB	26	73	8	22	-	-	1	2,7	1	2,7	36

Tabela : 29b PE/PB escrito: Modalidade

Com relação à estrutura do elemento introduzido por *portanto* (tabelas 30 a e b), há preferência pelo uso de orações simples na **modalidade falada**, seguido do uso de complexas, enquanto, na **escrita**, o predomínio é de orações complexas, seguida das simples. No PB **falado**, aparecem alguns casos de orações reduzidas e de termos, não recorrentes no PE, enquanto na modalidade **escrita** há frases nominais nas duas variedades, e termos apenas no PE.

Estrutura	Or. simples		Or. compl.		Or. Red.		Termo		Total
	N	%	N	%	N	%	N	%	
PE	10	62,5	6	37,5	-	-	-	-	16
PB	17	51,5	12	36,3	2	6	2	6	33

Tabela 30a: PE/PB falado - Estrutura

Estrutura	Or.compl.		Or.Simpl.		Fr. Nom		Termo		T
	N	%	N	%	N	%	N	%	
PE	19	57,5	12	36,3	1	3	1	3	33
PB	20	55,5	15	41,6	1	2,7	-	-	36

Tabela : 30b PE/PB escrito: Estrutura

unesp

Quanto ao tipo de domínio lingüístico (tabelas 31 a e b), prevalece o domínio epistêmico, marca típica da relação conclusiva, que estabelece conclusão a partir de proposições, apontada pelo próprio produtor do enunciado, no intuito de argumentar e não de provar algo. Aparecem, no entanto, no PB **falado**, duas ocorrências de atos de fala (já exemplificado) e, na modalidade **escrita**, houve alguns casos de ato de fala nas duas variedades.

Domínio	Epistêmico		Conteúdo		Ato de fala		Total
	N	%	N	%	N	%	
PE	17	100	-	-	-	-	17
PB	31	93,9	-	-	2	6	33

Tabela : 31 a PE/PB falado - Domínio lingüístico

Domínio	Epistêmico		Conteúdo		Ato de fala		Total
	N	%	N	%	N	%	
PE	31	93,9	-	-	2	7	33
PB	33	91,6	-	-	3	8,3	36

Tabela : 31b PE/PB escrito - Domínio lingüístico

6.2 Advérbio

Nos casos de *portanto* como advérbio, como apontado pelas tabelas 32a e 32b, na **modalidade falada** há uma distinção clara entre os usos no PE e no PB, pois a primeira variedade apresenta exatamente a metade do total da segunda variedade; já na **modalidade escrita**, a distribuição do

percentual é praticamente idêntica, o que indica uma similaridade entre o PE e o PB.

Função	N	%	Total
PE	5	10	50
PB	10	20	50

Tabela : 32aPE/PB falado - *portanto* advérbio

Função	N	%	Total
PE	13	26	50
PB	14	28	50

Tabela 32b:PE/PB escrito - *portanto* advérbio

No item referente à posição do advérbio (tabela 33a), **na modalidade falada** do PE, *portanto* é preferencialmente colocado no início do elemento introduzido, enquanto no PE, há uma distribuição eqüitativa entre posição inicial e a intermediária. Já na **modalidade escrita**, é no PE que há essa distribuição quase eqüitativa, enquanto no PB há predomínio de ocorrências em que *portanto* se posiciona no início do elemento introduzido.

Posição	Inicial		Intermediária		Final		Total
	N	%	N	%	N	%	
PE	4	80	1	20	-	-	5
PB	5	50	5	50	-	-	10

Tabela : 33a PE/PB falado - Posição

Posição	Inicial		Intermediária		Final		Total
	N	%	N	%	N	%	
PE	6	46,1	7	53,8	-	-	13
PB	12	85,7	2	14,2	-	-	14

Tabela : 33b PE/PB escrito - Posição

Quanto à fronteira posterior a *portanto*, na **modalidade falada**, há preferência pelo uso de verbos e adjuntos adverbiais no PE, enquanto no PB, há predomínio de sujeitos, verbos e adjuntos adverbiais, casos que, como já discutidos, constituem elementos iniciadores de novas orações. Já na **modalidade escrita**, de maneira semelhante ao uso como conector, as fronteiras são delimitadas por predicativos e complementos verbais em boa parte das ocorrências, casos que, mais uma vez, revelam a atuação do Princípio da Importância Pragmática. Há um relativo percentual de ocorrências cujas fronteiras eram formadas por verbos, sujeitos e adjuntos adverbiais na modalidade escrita.

Fronteira	Verbo		Adj. Adv.		C. verb		Sujeito		Aposto		Total
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	
PE	4		4	40	5	20	-	-	-	-	5
PB	3	30	1	10	3	30	2	20	1	10	10

Tabela: 34a-PE/PB falado - Fronteira

Fronteira	Predicat.		C. verb		Verbo		Adj. Adv.		Sujeito		Total
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	
PE	2	15,3	3	23	4	30,7	3	23	-	-	13
PB	2	5,7	1	2,8	7	50	3	8,5	1	2,8	14

Tabela : 34b - PE/PB escrito - Fronteira

unesp

Considerando-se a modalidade da oração introduzida por *portanto*, nas duas variedades, nas duas modalidades, houve predomínio de orações declarativas, aparentemente por motivos já apontados. No córpus **falado,** houve raros casos de orações negativas, enquanto no escrito, houve alguns de negativa e outros de orações modalizadas.

Modalidade	Declarativa		Não aplicável		Negativa		Total
	N	%	N	%	N	%	
PE	3	60	1	20	1	20	5
PB	9	90	-	-	1	10	10

Tabela 35a: PE/PB falado - Modalidade

Modalidade	Declar.		Modal.		Negativa		Não aplicável		Total
	N	%	N	%	N	%	N	%	
PE	11	84,6	1	7,6	1	7,6	-	-	13
PB	9	64,2	2	14,2	2	14,2	1	7,1	14

Tabela 35b: PE/PB escrito – Modalidade

Quanto à estrutura do elemento introduzido, repete-se o ocorrido com o uso de *portanto* como conector, ou seja, no texto **falado**, há uso predominante de estrutura simples, enquanto no **escrito**, uso de estruturas complexas. Porém, no PE falado, há um aspecto diferente, pois não ocorrem estruturas complexas, apenas termos, caso que acontece no PB, mas no texto escrito. As orações reduzidas aparecem com maior freqüência no PB falado e no PE escrito, ocorrendo apenas um caso no PB escrito e nenhum PE falado, como apontam as tabelas 36a e 36b.

Estrutura	Or. simples		termos		Or. comp.		Or. red.		Total
	N	%	N	%	N	%	N	%	
PE	4	80	1	20	-	-	-	-	5
PB	4	40	-	-	3	30	3	30	10

Tabela 36a : PE/PB falado - Estrutura

Estrutura	Or.compl		Or.Simpl		Or. Red.		Termo		Total
	N	%	N	%	N	%	N	%	
PE	4	30,6	4	30,7	5	38,4	-	-	13
PB	6	42,8	6	42,8	1	7,1	1	7,1	14

Tabela 36b: PB escrito - Estrutura

No tocante ao tipo de domínio lingüístico, predomina, nas duas variedades e modalidades, o domínio de conteúdo, o que caracteriza as relações adverbiais de causa, ou seja, as relações têm como característica acontecimentos de eventos/estados de coisas no mundo real. Houve apenas um caso de ato de fala no PE escrito, já apontado anteriormente.

Domínio	Epistêmico		Conteúdo		Ato de fala		Total
	N	%	N	%	N	%	
PE	-	-	5	100	-	-	5
PB	-	-	10	100	-	-	10

Tabela 37a : PE/PB falado - Domínio lingüístico

Domínio	Epistêmico		Conteúdo		Ato de fala		Não apl.		Total
	N	%	N	%	N	%	N	%	
PE	-	-	12	92,3	1	7,6	-	-	13
PB	-	-	13	92,8	-	-	1	7,1	14

Tabela 37b : PE/PB escrito - Domínio lingüístico

6.3 Reformulador

Como reformulador de constituintes, *portanto* representa uma porção reduzida no córpus tomado para análise, tendo praticamente o mesmo percentual nas duas variedades na **modalidade falada**; **na escrita**, reduz-se ainda mais o uso no PE e sequer ocorreu no PB, como descrito nas tabelas abaixo. Assim, as comparações a seguir serão reduzidas à modalidade falada, já que não há como realizar a análise contrastiva na escrita.

Função	N	%	Total
PE	9	18	50
PB	6	12	50

Tabela 38a: PE/PB falado - *Portanto* reformulador

Função	N	%	Total
PE	4	8	50

Tabela 38b : PE escrito - *Portanto* reformulador

Com relação à <u>posição</u> de *portanto*, na **modalidade falada**, esse elemento se coloca, obrigatoriamente, no início do elemento introduzido, no PE, mas como posição preferida no PB, podendo ocorrer também no final. No texto **escrito**, há variação na colocação de *portanto*.

Posição	Inicial		Intermediária		Final		Total
	N	%	N	%	N	%	
PE	9	100	-	-	-	-	9
PB	5	83,3	-	-	1	16,6	6

Tabela 39a : PE/PB falado - Posição

unesp

Posição	Inicial		Intermediária		Final		Total
	N	%	N	%	N	%	
	1	25	1	25	2	50	4

Tabela 39b: PE escrito - Posição

Quanto à fronteira posterior a *portanto*, percebe-se que, no PE, há uma regularidade significativa, pois, na grande maioria das ocorrências, essa fronteira é delimitada por uma frase nominal; já no PB, há uma distribuição bastante irregular, percebida também no PE escrito, conforme evidenciam as tabelas 40a e 40b.

Front.	Verb		Fnom		Sujeito		Verbo		C.ver.		Juntor		C. nom.		T
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	
PE	1	11	8	89	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	9
PB	1	16,6	1	16,6	1	16,6	1	16,6	1	16,6	1	16,6	2	33,3	6

Tabela 40a : PE/PB falado - Fronteira

Front.	Pred.		Pont.		Fr nom.		C Nom.		T
	N	%	N	%	N	%	N	%	
PE	1	25	1	25	1	25	1	25	4

Tabela 40b: PE escrito - Fronteira

No tocante à modalidade da oração introduzida por *portanto*, na maior parte das ocorrências de PE, tanto na **escrita** quanto na **fala**, a aplicação desse fator não é possível, pois os elementos introduzidos para reformulação são termos; o contrário acontece no PB falado, já que a reformulação é feita por orações declarativas.

Modalidade	Declarativa		Não aplicável		T
	N	%	N	%	
PE	1	11,11	8	88,8	9
PB	5	83,8	1	16,6	6

Tabela 41a: PE/PB falado - Modalidade

Modalidade	Declarativa		Não aplicável		T
	N	%	N	%	
PE	1	25	3	75	4

Tabela 41b: PE escrito - Modalidade

Considerando-se a estrutura do elemento introduzido por *portanto*, o PE prefere a estrutura de termos, enquanto o PB, a de orações simples, seguido da preferência por termos.

Estrutura	Termos		Or.simples		Frases nominais		Total
	N	%	N	%	N	%	
PE	9	100	-	-	-	-	9
PB	3	50	2	33,3	1	16,6	6

Tabela 42a: PB falado - Estrutura

Estrutura	Termos		T
	N	%	
Reform.	4	100	4

Tabela 42b: PE escrito - Estrutura

Relacionado com o fator acima está o domínio lingüístico, que só pode ser aplicado quando há relações entre proposições e nunca entre termos. Assim, não é possível estabelecer uma comparação entre o PE e o PB, restando apenas comentar que, na segunda variedade, prevalece o domínio de conteúdo, e, em apenas alguns casos, esse fator não se aplica.

Domínio	Epistêmico		Conteúdo		Não aplicável		Total
	N	%	N	%	N	%	
PE	-	-	-	-	9	100	9
PB	-	-	4	66,6	2	33,3	6

Tabela 43a: PE/PB falado -Domínio lingüístico

Domínio	Epistêmico		Conteúdo		Não aplicável		Total
	N	%	N	%	N	%	
PE	-	-	-	-	4	100	4

Tabela 43b: PE escrito - Domínio lingüístico

6.4. Marcador conversacional

Como marcador conversacional, não é possível estabelecer uma comparação entre o PE e o PB, pois houve apenas uma ocorrência na variedade brasileira. Assim, caberia aqui apenas descrição relativa aos resultados obtidos a partir da análise tomada separadamente, o que já foi feito no capítulo anterior; assim torna-se dispensável a repetição.

De acordo com os resultados das análises dos dados, pode-se concluir que as divergências predominantes estão relacionadas ao percentual de uso, e não à forma usada.

Há, entre as variedades em estudo, graus de similaridade e de divergência em diferentes instâncias, quanto ao assunto estudado.

Em termos comparativos, *portanto* é mais usado como conector na variedade brasileira do português do que na européia; porém, nas duas

variedades, esse uso é mais freqüente na modalidade escrita. Esses resultados indicam que o uso de *portanto,* como conector conclusivo, é maior no texto escrito, o qual, como se sabe, tem um tempo de planejamento mais amplo. Por outro lado, a ocorrência menor no PE levanta a possibilidade de se pensar que nessa variedade, essa forma vem sofrendo um processo de dessemantização e assim o falante evita usá-la como conector conclusivo, temendo a perda da força argumentativa conclusiva que deseja imprimir ao seu discurso.

Como advérbio, essa função de *portanto* é mais freqüente no PB do que no PE; quanto ao uso nas modalidades falada e escrita, o PE usa com maior freqüência a forma *portanto* como advérbio de causa na modalidade oral, enquanto no PB é mais usada na escrita.

Como reformulador de contituintes, em termos comparativos, notou-se que o PE usa com muito mais freqüência esse expediente, sendo que no PB, somente na modalidade falada essa função foi detectada.

Quanto à questão da regularidade do uso da forma, a análise revelou que o uso de *portanto* como forma de manifestar a hesitação, na maioria dos casos, ocorreu nos momentos iniciais da introdução de uma nova unidade tópica ou de uma nova oração. Como já comentando, o ponto de vista cognitivo explica esse fato: há uma dificuldade inicial para se organizar as informações a serem colocadas num texto, porém logo superada, com

unesp

conseqüente manutenção mais regular do fluxo discursivo. Com grau de freqüência bem reduzido, aparecem os casos em que *portanto* revela hesitação ao quebrar a unidade do sintagma. Devido ao número de ocorrências, encontradas no PB, um único caso, não é possível estabelecer uma comparação entre as duas variedades do português com relação a *portanto* como elemento indicador de hesitação.

Enfim, como marcador conversacional, estabelece-se a grande divergência entre o PB e o PE, já que na primeira variedade houve apenas um caso de *portanto* nesse papel, enquanto no PE é a forma mais utilizada, considerando, logicamente, a modalidade falada.

Numa visão geral quantitativa, pode parecer que, tanto no PB quanto no PE, *portanto* como conector conclusivo é usado com maior freqüência. Porém, se for considerado o fato de o marcador conversacional ocorrer apenas em textos falados, fica claro que, nessa função, *portanto* predomina no PE. Assim, um primeiro contraste já fica evidente. Na variedade brasileira do português, o uso desse elemento está ligado predominantemente ao valor conclusivo, caso em que há maiores restrições gramaticais e um grau de iconicidade mais evidente, conforme já discutido. Já no PE, o uso como marcador conversacional, sem restrições gramaticais e completamente dessemantizado, é mais intenso. Esses dados apontam para o fato de, no

unesp

PE, *portanto* tender a se discursivizar e, assim, perder seu significado original.

Lembrando a conhecida frase de Saussure "É a fala que faz evoluir a língua. ", aqui toma-se apenas a modalidade falada para análise, pois nesses casos é que podem ser percebidas as diferentes tendências de cada uma das variedades do português.

Pode-se estabelecer um paralelo entre as variedades em estudo, conforme ilustra a escala:

PB: conector > advérbio> reformulador de constituintes> marcador conversacional

PE: marcador conversacional> conector> reformulador de constituintes > advérbio

Observe-se que no PB, os usos sofrem maior restrição gramatical, conforme já discutido, enquanto no PE, tais usos apresentam maior grau de liberdade contextual. Porém, pensando-se nas funções exercidas, há então similaridade evidente, já que, em ambas as variedades, a atuação de *portanto* se fez nos mesmos moldes (ainda que, no caso do marcador conversacional, tenha se ficado restrito a uma ocorrência).

No tocante às modalidades falada ou escrita em cada variedade tomada isoladamente, pode-se concluir que i) no PB, como conector conclusivo, o predomínio fica evidente no texto escrito, assim como no caso

unesp

de advérbio; já como reformulador, na fala é mais usado; obviamente, como marcador conversacional, há predomínio total na modalidade falada; ii) por outro lado, no PE, como conector, a maioria das ocorrências foi encontrada no texto escrito; como advérbio, também prevaleceu nessa modalidade; como reformulador, fez-se mais presente na escrita; como marcador conversacional, dispensa-se o apontamento do percentual de ocorrências.

Por outro lado, percebem-se aspectos reveladores das semelhanças entre o PB e o PE, quanto ao caráter icônico, ou seja, a ordem da estruturação do discurso reflete, pelo menos parcialmente, a experiência do falante. Os resultados das análises empreendidas mostram que esse princípio se faz presente nas diversas construções em que *portanto* ocorre: como conector conclusivo, o princípio sustenta que as premissas precedem a conclusão e, como conector que organiza tópicos, que só se encaminha, retoma-se ou fecha-se algo já citado anteriormente; como advérbio, propõe que a causa sempre precede o efeito; como reformulador de termos, determina que só se reelabora algo já enunciado. Por outro lado, como marcador conversacional, não se percebe a atuação do princípio icônico.

Fica muito claro, então, que as duas variedades apresentam pontos de similaridade no que diz respeito à organização da língua quanto ao aspecto cognitivo, base do princípio icônico. Porém, quanto à efetivação dos usos no cotidiano, os falantes, ao deixarem sua elaboração criativa atuar,

unesp

procedem de maneira diferenciada: no PB, há maiores restrições gramaticais e um significado mais claro, mais preciso, enquanto, no PE, determinados casos deixam de sofrer tais restrições e acabam se dessemantizando.

Esses resultados reforçam o fato de o uso de *portanto,* no PE falado principalmente, estar cada vez mais vinculado ao processo de discursivização, ou seja, esse elemento está abrindo ainda mais o leque de usos e já passa a assumir funções relacionadas ao processamento do discurso. No PB, mantém-se o uso mais gramaticalizado.

unesp

CONCLUSÕES

A abordagem funcionalista mostrou-se perfeitamente adequada ao assunto estudado, já que toma como princípio de orientação o percurso de análise que segue do uso da língua, dos dados, para a teoria, sem o qual não se poderia chegar aos resultados discutidos. Além disso, é uma teoria que permite considerar a capacidade do falante para elaborar estruturas diversas em situações concretas de uso, levando-se em conta ainda os componentes sintáticos, semânticos e pragmáticos, o que permite ampliar a possibilidade de descrição dos fatos da língua. Nessa perspectiva, considera-se ainda que o falante tem objetivos interacionais (função interpessoal), comunicativos (função ideacional) e auto-coordenadores (função textual), conforme a proposta de Halliday.

Os resultados obtidos na análise do córpus, bem como as noções adquiridas na pesquisa bibliográfica, permitiram concluir alguns pontos considerados relevantes.

O levantamento bibliográfico possibilitou, por meio do contraste entre as teorias apresentadas, uma discussão das noções de conjunção e dos processos de articulação textual. Assim, observou-se a necessidade de um exame mais atento em relação a essa questão, uma vez que as

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

gramáticas tradicionais, ao apresentarem os processos sintáticos em discussão, o fazem sem considerar os aspectos semânticos e pragmáticos que fazem parte do enunciado. O falante, ao elaborar o discurso, possui intenções comunicativo-interacionais, o que as teorias tradicionais desconsideram ao classificar as orações conclusivas como coordenadas e, conseqüentemente, colocá-las como orações independentes, por exemplo. Seria viável, então, um estudo como o proposto pela abordagem funcionalista, que considera, para análise dos fatos da língua, os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos na construção do discurso, o que conduziria a uma descrição e explicação mais adequadas.

A hipótese de que *portanto* seria um elemento conector foi confirmada plenamente, já que se percebeu que essa forma não junta, numa mesma estrutura, dois elementos funcionalmente equivalentes e independentes (o que a configuraria como coordenador), mas um instrumento gramatical com função de ligar orações precedentes a uma nova oração, criando coerência no discurso e indicando uma relação semântico-pragmática de conclusão. Assim, não articula sintagmas ou orações, como o fazem os elementos coordenadores, mas desempenha papel semelhante em relação ao texto. O exame dos traços funcionais de *portanto*, enquanto nessa função, revelou que esse articulador constitui um importante elemento responsável pela tessitura de tópicos, portanto, um organizador de tópicos, na medida em que

unesp

atua no processamento de informações contidas num texto. Assim, é tipicamente um elemento que atua na estrutura ideacional do texto.

A análise do córpus permitiu verificar que *portanto* assume ainda outras funções e papéis, tais como a de advérbio de causa, reformulador de constituintes e marcador conversacional.

De acordo com os dados levantados, conclui-se que há divergência no percentual de usos de *portanto* em uma função ou outra. Na variedade brasileira do português, essa forma é mais utilizada como conector conclusivo, enquanto na européia prevalece o uso como marcador conversacional. Em uma comparação mais detalhada, de acordo com os dados quantitativos, pode-se traçar uma escala decrescente de usos, que, no PB segue de conector para advérbio, depois para reformulador de termos e, por fim, como marcador conversacional, enquanto no PE caminha de marcador para reformulador, depois para conector e, por último, para advérbio. Logo, fica nítido que praticamente se inverte essa escala de usos.

Ficou claro também que as construções com *portanto* apresentam um caráter icônico quanto à organização do texto, porém há uma sujeição a pressões determinadas pelo uso que o falante faz da língua para atender a seus propósitos comunicativos. Contrariamente a uma visão radical do princípio icônico, verificou-se que, no caso de *portanto*, não há uma relação de um para um entre forma e função, ou seja, não há para cada forma uma

unesp

função, já que se evidenciou o uso desse elemento em diversas funções, nas quais nem sempre a relação é motivada, como no caso dos marcadores conversacionais. Assim, ficou patente que, na língua falada diariamente, há contextos comunicativamente opacos, vagos, aparentemente arbitrários.

Os resultados apontam ainda para o fato de o uso de *portanto,* no português europeu, estar cada vez mais vinculado ao processo de discursivização, ou seja, esse elemento está abrindo ainda mais o leque de usos e já passa a assumir funções relacionadas ao processamento do discurso. Já no português brasileiro, mantém-se o uso gramaticalmente mais restrito.

Pensando-se na caracterização de gramática apontada por Lichenberck (descrita na discussão sobre iconicidade), o estudo da forma *portanto* corrobora o fato de haver, nas línguas, regularidades rígidas em um dado momento e, concomitantemente, aspectos não totalmente determinados e maleáveis em vários graus. Assim, observou-se a existência de uma mesma forma para diferentes fins, alguns com maior regularidade e outros não. Entre esses usos, há uma competição de forças em que a língua procura determinar, de maneira particular e em um dado momento, qual deles prevalecerá; isso não implica uma permanência imutável, já que a língua é viva e está sujeita a constantes alterações pois sofre pressões impostas pela necessidade comunicativo-interacional do falante.

unesp

A partir das particularidades apresentadas por essa forma, alguns pontos complementares podem ser estudados. Como já salientado, pode-se pensar no estudo de um *continuum* de usos da forma *portanto*, que, aparentemente, parte de um uso mais restrito, e, posteriormente, perde suas restrições gramaticais, assumindo restrições de caráter pragmático e interativo, sem estabelecer necessariamente relações entre elementos da gramática. O elemento vai perdendo o sentido inicial para assumir papéis voltados para a viabilização do processamento discursivo.

Desse modo, surge a possibilidade e a necessidade de se analisar, mais profundamente, a trajetória percorrida por *portanto* nas duas variedades ora estudadas, o que permitirá apontar, concretamente, as tendências de gramaticalização ou de discursivização dessa forma.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, J. S. *Gramática Philosophica da Língua Portuguesa*. Lisboa: Academia Real da Ciências, 1881(p. 243-251).

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. São Paulo: Nacional, 1966 (p.31-35).

CAMACHO, R. G. Algumas reflexões sobre as tendências da lingüística. *Confluência*. N Esp, 1994 (p. 15-38).

CARONE, F. de B. *Morfossintaxe*. São Paulo: Ática, 1991 (p. 91-93).

CARONE, F. de B. *Subordinação e Coordenação*: confrontos e contrastes. São Paulo: Ática, 1991.

COUTINHO, I. L. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.

CUNHA, C. F. & CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985 (p. 565-567).

DIK, S. *The Theory of Functional Grammar*. Dordrecht-Holland/Providence RI- USA, Foris Publications, 1989.

_____ *The theory of Functional Grammar II*. New York: Mouton, 1997.

FARIA, E. *Dicionário escolar latino-português*. 6 ª ed. Rio de Janeiro: FAE, 1985.

GARCIA, O. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1982.

HALLIDAY, M. A . K. "As bases funcionais da linguagem". In DASCAL, M.(Org) *Fundamentos metodológicos da lingüística*. v. 1. São Paulo: Global, 1985. (p.125-161)

HILGERT. J. G. "As paráfrases na construção do texto falado: o caso das paráfrases em relação paradigmática com suas matrizes". *Gramática do português falado*. v. VI . São Paulo: Editora da Unicamp, 1996.

HOPPER, P. J. & TRAUGOTT, E. C. *Gramaticalization*. Cambridge: Cambridge UniversitY Press, 1993.

JUBRAN, C. C. A . S. "Inserção: um fenômeno de descontinuidade na organização tópica". *Gramática do português falado*. v. III. São Paulo: FAPESP, 1993.

_____, URBANO, H. *et al*. "Organização Tópica da Conversação" *Gramática do português falado*. v. II . São Paulo: Editora da Unicamp, 1992.

KOCH, I. G. V. *et al* "Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado". *Gramática do português falado*. v. I. São Paulo: Editora da Unicamp, 1990.

KOCH, I. G. V. & SILVA, M. C. P. *Lingüística aplicada ao português: sintaxe*. São Paulo: Cortez. 1986 (p.126-133).

KURY, A. da G. *Novas lições de análise sintática*. São Paulo: Ática, 1985 (p.65-67).

LOBATO, L. *Teorias lingüísticas e ensino do português como língua materna*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978. v. 53-54, p. 4- 47.

LOPES, A. C. M. "A semântica das construções com *portanto* no PE e no PB" (a sair)

MARTELOTA, M. E. *et al. Gramaticalização no português do Brasil*: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MIRA MATEUS, M. *et al. Gramática da Língua Portuguesa.* Coimbra: Almedina, 1986.

MÓIA, T. & PERES, J. A. *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 1995.

NASCIMENTO, M. "Teoria gramatical e mecanismos funcionais do uso da língua". *DELTA* (São Paulo), v.6,1990. p. 83-98

NEVES, M. H. M. *Uma visão geral da gramática funcional*. São Paulo: *Alfa*, v. 38, p.109-127, 1994.

_____NEVES, M. H. M. "O estatuto das chamadas conjunções coordenativas no sistema do português". São Paulo: *Alfa*. v. 29, 1985 (p.59-65).

_____NEVES, M. H. M. N. A gramaticalização e a articulação de orações. *Gel*, 1999 V. 28 (p. 46-56)

PEREIRA, E. C. *Gramática Expositiva*. São Paulo: Nacional, 1954.

PERES, J. A. Sobre conexões proposicionais em português. *Homenagem ao Professor Óscar Lopes*. Porto: Campos das Letras, a sair.

PEZATTI, E.G. "Uma abordagem funcionalista da ordem de palavras no português falado". *Alfa.* São Paulo, v. 38, p, 37-56, 1994.

_____. As construções conclusivas no português falado. *Gramática do português falado*. São Paulo: FAPESP, 1999 v. 8 (a sair)

RISSO, M. S. O articulador discursivo "então". In: CASTILHO, A. T. e BASÍLIO, M. *Gramática do português falado.* vol. IV. São Paulo: FAPESP/ Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

RISSO, M. S. *et al*. Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, I. G. V. *Gramática do português falado.* vol. VI. São Paulo: FAPESP/ Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

RISSO, M. S. "O articulador discursivo 'então'". *Gramática do português falado*. v. IV. São Paulo: Editora da Unicamp, 1996.

ROCHA LIMA, C. H. Teoria da análise sintática. Rio de Janeiro: Tupy, 1956

ROULET, E. *Teorias lingüísticas, gramáticas e ensino de línguas.* São Paulo: Pioneira, 1978.

SAID ALI, M. *Gramática elementar da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1965 (p. 94-98).

SWEETSER, E. *From etimology to pragmatics.* Cambridge: University Press, 1991.

TRAVAGLIA, L. C. & KOCH, I.G.V. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1997.

VOTRE, S. J. "Um paradigma para a lingüística funcional". In MARTELOTTA *et al* (org). *Gramaticalização no português do Brasil*: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

NOVAES, Norma Barbosa. Divergências e similaridades nas variedades brasileira e européia do português: um estudo da forma *portanto*. São José do Rio Preto, 2001. 188 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Câmpus de São José do Rio Preto, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

Palavras-chave: *portanto*; conector; reformulador; advérbio; marcador conversacional

Resumo: Esta pesquisa analisa o uso da forma *portanto* nas variedades brasileira e européia do português, nas modalidades falada e escrita. A concepção teórica que embasa o estudo é a perspectiva funcional, que considera a linguagem como instrumento de interação social, em seu aspecto funcional e dinâmico. Assim, procura explicar a forma da língua pelo uso que dela se faz, tomando, para análise, dados obtidos a partir do uso real no contexto comunicativo-interacional. Contrariamente à proposta da Gramática Tradicional, este estudo revela que *portanto* não é uma conjunção, já que não liga, numa mesma estrutura, dois elementos funcionalmente equivalentes e independentes. Na verdade, constitui um instrumento gramatical articulador de textos, ou seja, um conector que cria

coerência e indica uma relação semântico-pragmática de conclusão. Além de ser um conector conclusivo, *portanto* assume ainda as funções de advérbio de causa, de reformulador de constituintes e de marcador conversacional. A análise do córpus mostrou que todas essas funções estão presentes nas duas variedades do português, porém com nítida diferença no percentual de uso. No português europeu, *portanto* como marcador conversacional é mais recorrente, caso em que não há restrições gramaticais, indicando assim que esse elemento está em processo de discursivização; já no português brasileiro, na maior parte das ocorrências, *portanto* é usado como conector conclusivo, uso que exige maior restrição gramatical, logo, mais ligado ao processo de gramaticalização.

NOVAES, Norma Barbosa. Divergências e similaridades nas variedades brasileira e européia do português: um estudo da forma *portanto*. São José do Rio Preto, 2001. 188 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Câmpus de São José do Rio Preto, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

Keywords: *portanto*; connector; causal advérb; reformulates the constituents; conversacional marker.

ABSTRACT: This research analyzes the use of *portanto* in the Brazilian and European varieties of Portuguese, in the written and spoken modalities. The approach takes into account the Functionalism which considers the language as na isntrument for social interaction, in its function and dynamic aspects. Therefore, it tries to explain the language aspects considering its use, taking for analysis data that were obtained from the real use in the communicative-interactional context. Opposite to the Traditional Grammar, this study reveals that *portanto* is not a conjunction, because it does not link, in a structure, two elemnts that are, funcionally, similar and independent. Actually, it is considered itself as a grammatical instrument that connects and makes

coherecence, indicating a semantic-pragmatic relation of conclusion. Besides being a conclusive connector, *portanto* works as a causal adverb, reformulates the constituents and it is considered as a "conversational marker." The analysis of the corpus showed that these funcions happpen in two varieties of Portguuese, however there is a clear difference in the use. In the European Portuguese, *portanto* as a " conversational marcker" is more commom, when there are no grammar restriction, indicating that this element is in a process of discursivizacion; on the other hand, in the Brazilian Portuguese, most of the time, *portanto* is used as a conclusive connector, which demands a bigger grammatical restriction, linked to he process of gramaticalization.

Autorizo a reprodução deste trabalho.

São José do Rio Preto, 27 de novembro de 2001.

Norma Barbosa Novaes